

MARIELLE DE SOUZA VIANNA

**Dom Quixote, Literatura e Religiosidade:
uma experiência pedagógica na
Educação de Jovens e Adultos**

Dissertação de Mestrado
Para obtenção de grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientador: Prof. Dr. Remí Klein

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V617d Vianna, Marielle de Souza

Dom Quixote, literatura e religiosidade : uma experiência pedagógica na educação de jovens e adultos / Marielle de Souza Vianna ; orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2008.

159 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

1. Cervantes Saavedra, Miguel de (1547-1616) – Don Quijote. 2. Vida Religiosa. 3. Religião e cultura. 4. Religião e literatura. 5. Alfabetização de adultos. I. Klein, Remí.
II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Agradecimentos

Ao professor Remí Klein pelo incentivo ao desenvolvimento de meu tema.

À Escola Superior de Teologia pela acolhida no Curso de Mestrado.

Ao KAAD (Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst) pelo financiamento recebido, o qual possibilitou por um período de seis meses, que eu estudasse em Heidelberg - Alemanha.

À CAPES, pelo financiamento recebido.

Aos professores Ênio Ronald Mueller e Beatriz Daudt Fischer pela acolhida, generosas sugestões e críticas ao meu texto.

Ao professor e amigo Luiz Carlos Bombassaro pela interlocução e pelo incentivo ao desenvolvimento de minha pesquisa.

À Direção e professores do Centro Municipal de Educação do Trabalhador Paulo Freire;

e principalmente ao grupo de estudantes idosos da referida instituição que generosamente teceram suas narrativas as quais possibilitaram a realização desta pesquisa.

Aos narradores de minha família que me instigaram a pesquisar esse tema, especialmente Edith, Ana Lúcia, Denise e Véra Helena.

E aos meus amigos amantes da arte da narrativa.

Resumo

Esta pesquisa investiga as relações entre literatura e religiosidade elaboradas a partir da experiência vivida por um grupo de estudantes idosos de diferentes credos religiosos, tendo como base a leitura e a interpretação da obra *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes. O que impulsionou os movimentos desta investigação foram as discussões acerca da interculturalidade religiosa, que aconteceram durante a realização de saraus literários nos quais foram lidas e interpretadas passagens selecionadas (que abordavam a questão do analfabetismo na fase adulta, o desejo de saber e a interculturalidade religiosa) da obra cervantina com uma turma de alfabetização de idosos, cuja idade variava entre 60 e 83 anos, numa escola municipal de Porto Alegre, em 2006. Articulam-se aqui três âmbitos de ação nos quais os idosos compreenderam a construção de sua identidade e seu papel no processo de inclusão social. O primeiro âmbito é constituído pelo espaço da educação formal representado pela escola. O segundo âmbito é constituído pelo espaço público representado pela praça. O terceiro âmbito de ação, elemento central dessa dissertação, é a esfera da religião, representada pelas diferentes formas de religiosidade em seus múltiplos modos de manifestação. Esses três âmbitos conjugam-se através de uma proposta pedagógica centrada na leitura e interpretação do livro de Cervantes. Esta investigação permitiu descobrir a relevância da religiosidade na vida dos sujeitos da pesquisa e a importância do compartilhar experiências e narrativas entre aqueles que se propõem a sentar à mesa do diálogo com a mediação de textos literários nos quais é tematizada a interculturalidade religiosa.

Palavras-chave: Dom Quixote, literatura, interculturalidade religiosa, narrativas, interpretação.

Abstract

This research has investigated the relations between literature and religiosity elaborated from the living experience of an elderly students' group with different religious beliefs, having as basis the reading and interpretation of the work *Don Quixote de la Mancha* by Miguel de Cervantes. What motivated this investigation movements were the discussions on the religious interculturality, that occurred during the realization of literary saras, in which selected passages from Cervantian work were read and interpreted (that approached the illiteracy issue in adulthood, the desire of knowing and the religious interculturality) by the elderly literacy group, whose age ranged between 60 and 83 years old, in a municipal school in Porto Alegre, in 2006. Here, three action scopes were articulated so that the elderly were able to understand the construction of their identity and their role in the social inclusion process. The first scope has been constituted through a formal educational space represented by the school. The second scope has been constituted through a public space represented by the square. The third action scope, central element of this dissertation, has been the religion sphere, represented by different forms of religiosity in their multiple ways of manifestation. These three scopes have been conjugated through a pedagogical proposal, centered in the reading and interpretation of Cervantes' book. This investigation allowed us to ascertain the relevance of religiosity in research subjects' life, as well as the importance of sharing experiences and narratives among those who have proposed to sit at the table of dialogue, with the mediation of literary texts, in which the religious interculturality has been discussed.

Key words: Don Quijote, literature, religious interculturality, narratives, interpretation.

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Introdução.....	12
1.Capítulo I – Dom Quixote vai à escola	
Os amigos de Dom Quixote e da arte da narrativa.....	21
Sarau Literário.....	24
Os caminhos de Cervantes.....	31
Nos passos de Dom Quixote.....	34
Nós e Sancho Pança.....	53
2.Capítulo II – Dom Quixote vai à praça	
A Praça da Matriz.....	56
Cartografia da Praça da Matriz.....	64
Interculturalidade e cartografia do poder.....	71
2.3.1 Identificação em perspectiva.....	73
Prédios e moinhos que se transformam em gigantes.....	75
Diferentes perspectivas.....	81
Construção da memória social.....	87
Poesias na Praça.....	89
Diversidade cultural e religiosa.....	92
3.Capítulo III – Dom Quixote: literatura e religiosidade	
Literatura sagrada e literatura profana.....	94
Leitura sagrada de Dom Quixote os romances de cavalaria....	101
Símbolos religiosos e interpretação em Dom Quixote.....	110
O poder das palavras.....	115
Considerações Finais.....	120
Bibliografia.....	128
Anexos.....	132

Apresentação

Esta investigação estuda as relações entre literatura e religiosidade elaboradas a partir da experiência vivida por um grupo de estudantes idosos de diferentes credos religiosos, tendo como base a leitura e a interpretação da obra *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes. Seus movimentos foram impulsionados pelas discussões acerca da interculturalidade religiosa que aconteceram durante a realização de saraus literários, nos quais foram lidas e interpretadas passagens selecionadas da obra cervantina com uma turma de alfabetização de idosos, cuja idade variava entre 60 e 83 anos, numa escola municipal, localizada no Centro de Porto Alegre, no segundo semestre de 2006. As atividades realizadas no *Sarau Literário* permitiram descobrir a relevância da religiosidade na vida dos sujeitos da pesquisa, o que motivou a escolha desse tema para nossa investigação. Por isso, a escolha desse tema de pesquisa não acontece de forma acidental, uma vez que essa é uma questão que também permeia minha própria existência: a busca pelo sentido da vida através da arte, seja ela de narrar, representar ou desenhar com as palavras a experiência vivida.

Este é um estudo sobre a narrativa de um grupo de estudantes idosos que se propuseram a compartilhar suas impressões sobre sua busca pelo sentido da vida, seus sonhos, suas angústias, seus ideais, seus medos, sobre a inquietante questão da finitude do ser e suas implicações em nossa existência. Esse compartilhar de experiências vividas foi suscitado por uma proposta de realizar momentos de leituras de excertos de obras literárias, poéticas e da tradição oral, que fiz a esse grupo de estudantes. Eles aceitaram o convite para juntos nos aventurarmos na descoberta das palavras contidas nos livros e nos relatos de suas histórias de vida. Nessa aventura de narrar, de *descobrir* e de *re-velar-se* a si mesmo e ao outro passamos por travessias complexas de estranhamento, de identificação, de convivência e de respeito às diferenças presentes no terreno próprio desta pesquisa, o da interculturalidade religiosa.

No decurso desta investigação deparei-me com muitos desafios, pois optei em ser uma pesquisadora a caminhar junto com os sujeitos da pesquisa, ou seja, meu papel nesse trabalho foi o de professora, que inicialmente atuou como mediadora entre os livros e o grupo de estudantes idosos, que desejava aprender a decifrar as letras que constituíram as palavras e os seus respectivos significados impressos nas páginas dos livros. Como professora e pesquisadora estive com esse grupo diariamente durante seis meses e como professora voluntária da escola estive com o grupo por mais um semestre. Nesse período fui surpreendida pelos dados que colhi, pois ao propor um sarau literário para esse grupo na disciplina Português, escolhi excertos de Dom Quixote que tratavam do fato de Sancho Pança não conhecer o mundo das palavras escritas e o seu desejo por esse mesmo saber, depois de ter se tornado escudeiro do Cavaleiro da Triste Figura, um homem letrado e supostamente enlouquecido pelo mundo dos livros. Esses excertos foram escolhidos com o propósito de discutir o desejo de aprender a ler e escrever na fase adulta. No entanto, esse tema ficou em segundo plano para o grupo, pois o que realmente lhes interessou foi a questão de Sancho se afirmar um bom cristão e, no entendimento dos alunos, Dom Quixote ironizar seu posicionamento.

Nessa ocasião, o enfoque da discussão dos alunos passou a ser a religiosidade. Então, eles narraram histórias de intolerância religiosa que os inquietavam, evidenciando a necessidade de espaços para tematizar essas questões. E, assim, nasceu esta pesquisa: cheguei à escola como professora com a idéia de promover um sarau, para através da arte da palavra oral e escrita suscitar discussões sobre o desejo de aprender a ler e escrever, numa escola onde não existia essa prática, e me deparei com a evidência de que faltavam espaços para compartilhar e também polemizar experiências vinculadas ao fenômeno religioso, uma vez que nessa instituição municipal de ensino não havia disciplina em que se pudesse discutir essa temática. Então, decidi investigar mais detalhadamente esse fenômeno. Fui instigada a compreender as razões que teriam levado esse grupo de estudantes a evidenciar questões

referentes à religião em *Dom Quixote* em detrimento de outros aspectos da cultura presentes na obra.

Na verdade, ao escolher Dom Quixote como texto para ler com os estudantes idosos, em virtude da comemoração do quarto centenário da obra, me dei conta do efeito que essa mesma obra tivera sobre a minha própria formação. O livro de Miguel de Cervantes chegou em minha vida através das narrativas de Monteiro Lobato em seu *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, leitura que embalou minha infância. Nessa oportunidade despertou em mim a curiosidade em conhecer *Dom Quixote*, pois na história de Lobato, Dona Benta conta, a seu modo, as aventuras do Engenhoso Fidalgo, porque para Emília a linguagem usada por Cervantes era muito estranha. Entretanto, naquela ocasião aconteceu o mesmo comigo. Descobri outras adaptações infantis e infanto-juvenis do cavaleiro cervantino e, ao longo de minha trajetória de leitora, essas diferentes versões de Quixote me seduziram. E, no momento em que li a análise de Michel Foucault sobre *Dom Quixote*, decidi compartilhar minha paixão por esse personagem com meus alunos e tive a surpresa de também vê-los seduzidos por essa leitura. Certamente o meu envolvimento com essa obra influenciou o grupo, mas o caso é que os estudantes se envolveram com a minha leitura de Cervantes e quando aprenderam a ler, cada qual num momento diferente (em função dos diversos níveis de leitura em que a turma se encontrava), passaram a ler a obra e suas diferentes adaptações que ficavam à disposição dos alunos na sala de aula. Com outro grupo de estudantes essa experiência provavelmente seria diferente, pois tenho consciência de que, como considera Gadamer,¹ cada leitor de história escrita ou ouvinte de história falada reage de forma diversa.

Nesse sentido, a motivação básica para o desenvolvimento desta pesquisa nasceu de uma suspeita de que no ambiente escolar parecem faltar espaços para a arte da narrativa, especialmente no que se refere à interculturalidade religiosa. Essa suspeita se originou das atividades realizadas durante o processo de formação acadêmica e na ação pedagógica desenvolvida

¹GADAMER, Hans-Georg. *Arte y verdad de la palabra*. Barcelona: Paidós, 1998.p. 59

em escolas públicas da rede municipal de Porto Alegre e da rede estadual do Rio Grande do Sul. Isso é especialmente válido quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, onde parece não se considerar relevante a discussão sobre a questão da religiosidade, dada a ausência do tema na organização curricular.

Por considerar importante discutir a religiosidade como elemento constitutivo das culturas, tomamos como ponto de partida para nossa investigação uma situação vivida por estudantes idosos em processo de alfabetização, quando tiveram a oportunidade de narrar suas experiências pessoais nesse âmbito. Nesse sentido, consideramos que a análise do discurso, seja ele dos idosos ou do próprio texto literário mencionado, nos auxilia a compreender a religiosidade enquanto um fenômeno social mediante o qual se mostram crenças e valores próprios de um grupo. Desse modo, partimos do pressuposto de que a fala dos sujeitos, bem como seu silêncio em relação a temas como o da religião, encarada como tabu especialmente nas escolas públicas marcadas pela educação laica, constitui um aspecto importante e pouco investigado nas instituições escolares. Pensamos também que uma compreensão mais adequada deste problema pode nos auxiliar a criar espaços interculturais nos quais os estudantes encontrem lugar para dialogar, discutir e compartilhar suas diferentes experiências no âmbito da religiosidade.

É preciso acrescentar, no entanto, que nossa investigação se move num campo complexo, cheio de tensões e conflitos interpretativos. Por isso, as respostas que conseguimos serão inevitavelmente parciais e situadas num espaço cultural muito específico. Entretanto, acreditamos que estudos nesse sentido são importantes para iniciar um processo de conscientização quanto ao valor e à necessidade do diálogo intercultural.

Metodologicamente esta investigação adota a literatura como um importante recurso metodológico. A identificação dos sujeitos da pesquisa com o clássico literário em questão se deu em função de que na atualidade (que muitos autores classificam como pós-modernidade) vivemos um momento de rápidas e profundas transformações sociais, de modos de ver e agir no mundo; assim como em *Dom Quixote*, escrito no início da modernidade (1605), se vive numa

era em transformação de cosmovisões, de rupturas de antigos valores e certezas, tanto no âmbito religioso, como sócio-cultural, científico e econômico.

No percurso de nossa investigação percebemos que os idosos que têm a possibilidade de ter acesso à literatura, seja ela sagrada ou profana, são estimulados a superar as barreiras do tempo e sociais ao demonstrarem o desejo de ler, escrever, desvendando os códigos escritos que, por muito tempo, pareciam inalcançáveis. Dessa forma, eles passam a se expressar livremente nas práticas sociais, especialmente as religiosas, sentindo-se participantes da coletividade. Como considera Fiori²: “Este – o mundo – é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais.” Desse modo, eles passam a perceber a apropriação dos códigos lingüísticos ou o alfabetizar-se não como o aprender a repetir palavras, mas como o dizer a sua palavra, que é criadora de cultura, e desse modo passam a sentir-se parte da sociedade letrada.

Por outro lado, durante esse processo, podemos perceber também que a inquietante questão da *finitude do ser humano* estava perpassando a subjetividade desse grupo e através de suas narrativas, foi possível constatar que estavam buscando amparo para as suas inquietações e conflitos na religiosidade. Para além dos templos religiosos por eles freqüentados, faltava-lhes um espaço onde pudessem discutir e compartilhar suas diferentes experiências no âmbito religioso. Dessa forma, o grupo percebeu a oportunidade de expressar suas experiências e crenças religiosas no espaço escolar por meio da interpretação e da discussão de um texto literário como *Dom Quixote*, que tem na interculturalidade religiosa uma questão central. Desse modo, eles evidenciaram a relevância e a atualidade dos temas suscitados por essa obra que podem ser tematizados na sala de aula de modo interdisciplinar. Nesse sentido, poderia se concordar com aquilo que foi afirmado por Ítalo Calvino³ sobre a importância e o papel de um clássico como uma obra que sempre tem mais a dizer a seus leitores.

² FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer a sua palavra**. In: *Textos escolhidos*. Vol. 2: Educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1992. p.55.

³ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 63.

Articulam-se aqui três âmbitos de ação nos quais os idosos compreenderam a construção de sua identidade e seu papel no processo de inclusão social. O primeiro âmbito é constituído pelo espaço da educação formal representado pela escola. O segundo âmbito é constituído pelo espaço público representado pela praça. O terceiro âmbito de ação, elemento central dessa dissertação, é a esfera da religião, representada pelas diferentes formas de religiosidade em seus múltiplos modos de manifestação. Esses três âmbitos conjugam-se através de uma proposta pedagógica centrada na leitura e interpretação do livro de Cervantes.

No decorrer do processo de investigação, os participantes descreveram as razões que os teriam levado à escola para aprender a ler e a escrever; uma das razões apontadas estava relacionada com suas participações em encontros e cultos religiosos e com o desejo de descobrir o que existe 'no mundo dos livros', especialmente da Bíblia. Eles enfatizaram o que o padre ou o pastor recomendavam para a leitura: a Bíblia, assim como em Dom Quixote, pois o Cura considerava a Bíblia a leitura adequada, em detrimento dos romances que poderiam enlouquecer a cabeça de homens sonhadores como o fidalgo. Desse modo, com a leitura de passagens do romance *Dom Quixote de la Mancha*, destacou-se a questão da leitura sagrada e profana, ou seja, a leitura da Bíblia e dos livros que descrevem as experiências do homem em interação com o mundo em que vive. Com este trabalho procuramos abrir espaços para a arte da narrativa dos estudantes idosos no ambiente escolar, no intuito de celebrar a interculturalidade religiosa, através do compartilhar das experiências vividas nos diferentes âmbitos da cultura, destacando as diversas formas de religiosidade expressadas pelo grupo.

Introdução

Se quer seguir-me, narro-lhe;
não uma aventura qualquer,
mas uma experiência.⁴

Compreender a finitude humana é tarefa infinita. Uma experiência pedagógica vivida com um grupo de estudantes idosos está na origem deste trabalho e, se mostrou um momento privilegiado para buscar compreender como a vida é um constante processo de aprendizagem, marcado por experiências significativas que envolvem o cotidiano. A vontade de compreender o mundo e o sentido da existência humana constitui o pano de fundo do discurso desses idosos, que mesmo chegando tarde aos bancos escolares, nem por isso deixaram de lado o desejo de saber, de conhecer, de interpretar o mundo no qual estão inseridos.

Dentre as muitas experiências carregadas de significado, percebemos que através da educação eles encontraram a si mesmos em suas narrativas, que eles viam projetadas e descritas inclusive numa linguagem que poderia, à primeira vista, lhes parecer estranha e distante. Percebemos que, no encontro com a literatura, eles se descobriram participantes da construção da realidade, da qual o sentimento de religiosidade constitui um dos elementos mais importantes enquanto produção simbólica e cultural. Foi um momento feliz e de aprendizagem, no qual se deu o encontro desses idosos com a literatura clássica, quando lhes sugerimos a leitura de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. E, não foi surpresa que eles, através da leitura e da interpretação dessa obra, realizassem uma importante experiência hermenêutica, dando destaque aos elementos que mais consideraram marcantes, tais como a religiosidade. Dessa experiência pedagógica nasce nosso problema de pesquisa.

⁴ J. Guimarães Rosa. *O espelho*, In. Primeiras Histórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

Problema de pesquisa

Esta investigação se constitui a partir de uma reflexão sobre nossa atividade docente e, tem como horizonte a experiência de aprendizagem de idosos numa perspectiva interdisciplinar na qual vem tematizada a questão do fenômeno religioso. De modo muito particular, o problema de pesquisa que irá ser abordado aqui ganha a seguinte formulação: Por que um grupo de oito estudantes idosos, ao discutir e interpretar a obra *Dom Quixote de la Mancha*,⁵ escrita por Miguel de Cervantes, destacaram as questões religiosas presentes na obra em detrimento de outros aspectos da cultura apresentados nesse clássico literário?

Hipótese de trabalho

A complexidade da questão apresentada não permite uma solução simplista. Seu entendimento tem provavelmente muitas nuances. Entretanto, uma das hipóteses centrais que orienta nossa investigação vincula a experiência pedagógica com a religiosidade, enquanto busca de sentido. Por isso, a inquietante questão da *finitude do ser humano* parece constituir o elemento central que perpassa a subjetividade desse grupo. Em suas narrativas eles deixam transparecer que buscaram na religiosidade o amparo para as suas inquietações e seus conflitos existenciais. Fica claro também que, para além dos templos religiosos por eles freqüentados, lhes faltava um espaço onde pudessem discutir e compartilhar suas diferentes experiências do âmbito religioso. Dessa forma, o grupo percebeu a oportunidade de expressar suas experiências e crenças religiosas no espaço escolar por meio da interpretação e da discussão de um texto literário que, na verdade, retrata a interculturalidade religiosa em 1605, na Espanha de Miguel de Cervantes. Desse modo, eles evidenciaram a relevância e a atualidade dos temas suscitados por essa obra

⁵ CERVANTES, Miguel de. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Vicente Gaos. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

que podem ser tematizados na sala de aula, de modo interdisciplinar. A propósito poderia se considerar aqui o que foi afirmado por Ítalo Calvino⁶ sobre a importância e o papel de um clássico como uma obra que sempre tem mais a dizer a seus leitores.

Aspectos metodológicos

Embora este trabalho tenha nascido de uma experiência pedagógica vivida com um grupo de estudantes idosos, ele não se limita somente a narrar o que se passou. Fazemos aqui uma análise da experiência de leitura e interpretação de um clássico literário em sala de aula que pretende mostrar a atualidade dos temas religiosos discutidos por Cervantes em *Dom Quixote de la Mancha*. Nessa pesquisa articulamos o conceito de pesquisador participante, que ouve a história do narrador (nesse caso: o entrevistado), uma vez que também estamos envolvidos na construção das narrativas dos idosos, especialmente no que tange ao aprendizado do registro escrito. Um importante instrumento metodológico desta pesquisa foi o diário de classe, onde foram registradas as reações dos estudantes ao trabalho realizado, especialmente no que se refere ao sarau. Outra questão que convém esclarecer é que aconteceram alguns momentos em que o grupo respondeu a algumas questões de forma espontânea e informal. Essas respostas também foram registradas no diário de classe. As perguntas que fizemos no decorrer do sarau (onde livros de literatura e poesia eram lidos inicialmente pela professora e manuseados pelos alunos, para em seguida eles próprios passarem a realizar suas leituras e emitir suas impressões sobre as mesmas, também registradas no diário de classe) foram as seguintes: a) Qual sua cidade de origem?, b) Por que escolheu Porto Alegre para viver?, c) Que lugar de Porto Alegre é mais significativo para sua história de vida? Por quê?, d) Que profissão exerceu ou exerce?, e) O que o motivou a procurar a escola?, f) Por que considera importante aprender a ler?, g) Quais poesias e/ou histórias lembra de sua infância ou juventude?

⁶ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 63.

As respostas dadas pelos estudantes estão relatadas ao longo deste trabalho. Pelas razões aqui apresentadas, convém esclarecer ainda que esta pesquisa não se pauta pelo critério da neutralidade científica, uma vez que as entrevistas foram realizadas informalmente, registradas por escrito no diário de classe e interpretadas pela investigadora.

Nesse sentido, apresenta-se aqui o resultado de um processo de investigação que tem como motivo central a interpretação realizada por um grupo de estudantes idosos, de diferentes credos e culturas, dos aspectos culturais e religiosos presentes na obra de Miguel de Cervantes. Para realizar essa pesquisa adotou-se a literatura como um importante recurso metodológico. As discussões que aconteceram no segundo semestre de 2006 impulsionaram os movimentos desta investigação. A leitura de trechos da obra de Cervantes foi feita com uma turma de alfabetização de idosos, cuja idade variava entre 60 e 83 anos, durante a realização de saraus literários, numa escola municipal, localizada no Centro de Porto Alegre. Com o *Sarau Literário* foi possível descobrir a importância da literatura para a alfabetização e, de modo especial, a relevância da religiosidade na vida dos entrevistados. Esse aspecto levou os idosos a compreender não somente a importância do processo de alfabetização através da obra literária, mas também a descoberta de si mesmos enquanto intérpretes da cultura. Esta pesquisa buscou investigar como uma discussão promovida a partir da interpretação de uma obra literária pode suscitar o diálogo e o compartilhar de narrativas entre um grupo de estudantes idosos de diferentes religiões.

Metodologicamente esta pesquisa foi desenvolvida através da análise das práticas discursivas dos entrevistados, tomando como ponto de partida o texto literário e as interpretações e recriações realizadas por eles de forma oral e escrita⁷. Desse modo, buscamos investigar que papel os elementos religiosos presentes na obra *Dom Quixote de la Mancha* ocuparam na vida dos entrevistados.

⁷ Em anexo estão apresentadas algumas das produções escritas dos alunos.

Ao ouvir a leitura de *Dom Quixote* o grupo se identificou com a obra. Muitas razões poderiam explicar esse fenômeno de identificação. Um elemento provável na constituição desse processo talvez tenha sido a própria percepção dos entrevistados, que associaram o seu modo de ver e interpretar o mundo ao mundo vivido por *Quixote*. Possivelmente, essa identificação aconteceu em função de que na atualidade vivemos um momento de rápidas e profundas transformações sociais, de modos de ver e agir; assim como no *Engenhoso Fidalgo*, escrito no início dos tempos modernos (1605). Vivemos atualmente numa era em transformação de cosmovisões, de rupturas, de antigos valores e certezas, tanto no âmbito religioso, como sócio-cultural, científico e econômico.

Partindo de suas histórias de vida e relacionando-as com a narrativa de Sancho (que não sabia ler, mas desejava conhecer o 'mundo da escrita' e afirmava ser um bom cristão), os entrevistados enunciaram os motivos pelos quais desejavam aprender a ler e escrever. Suas razões, muitas vezes, estavam relacionadas com suas participações em encontros e cultos religiosos e com o desejo de descobrir o que existe 'no mundo dos livros', considerado por eles um outro mundo, diferente daquele conhecido mundo da oralidade.

Os entrevistados enfatizaram em suas narrativas o que o padre ou o pastor recomendavam para suas leituras: a Bíblia, assim como em *Dom Quixote*. A partir desse enunciado, eles encontraram mais um importante elemento de identificação com a obra de Cervantes. O personagem que representava a autoridade religiosa, o Cura, considerava a Bíblia a leitura adequada, em detrimento dos romances que poderiam enlouquecer a cabeça de homens sonhadores como o fidalgo. Desse modo, com a leitura de passagens do romance *Dom Quixote de la Mancha*, emergiu a discussão da questão da leitura sagrada e profana. Assim como a obra cervantina exemplificada pelos romances medievais de cavalaria, a leitura da Bíblia e dos livros literários descrevem as experiências do homem em interação com o mundo em que vive.

O grupo ora analisado era constituído por participantes ativos de suas comunidades religiosas e seus rituais. Mas, em função de não saberem ler

e escrever, eles demonstraram sentirem-se marginalizados, ou seja, à parte de momentos importantes de rituais de suas comunidades religiosas. Um dos exemplos citados pelos entrevistados foi a leitura de passagens da Bíblia nas missas católicas, a leitura oral do Evangelho entre os espíritas, a leitura dos Escritos Sagrados entre os messiânicos e também leituras da Escritura Sagrada realizadas em cultos evangélicos. Outro exemplo vem do desejo de ler os jornais evangélicos distribuídos por um dos entrevistados. E, ainda, a necessidade demonstrada por um dos sujeitos consultados em registrar as recomendações feitas pelas 'mães e pais de santo' a 'seus filhos' em rituais de religiões afro-brasileiras.

Desse modo, foram muitas as razões para aprender a ler e escrever apresentadas pelos sujeitos que participaram da pesquisa. No entanto, os principais elementos religiosos destacados pelo grupo durante as leituras de *Dom Quixote* e discussões em sala de aula foram a presença de diversas citações diretas e indiretas da Bíblia na fala dos personagens do romance e a descrição da religiosidade muçulmana através das orações e narrativas daqueles que cruzaram o caminho de Quixote. Além disso, existem as referências à Contra Reforma, aos judeus e à religião católica como o caminho a ser seguido pelos homens, e ainda, a questão da importância do papel do líder religioso na comunidade.

Desde uma perspectiva teórica e metodológica, esta pesquisa articula os conceitos de leitura e interpretação propostos por Hans-Georg Gadamer⁸, que entende a leitura como um ato interpretativo, uma fusão de horizontes entre o leitor, o texto e o contexto, e não uma simples atividade de decifrar de signos escritos ou a sua reprodução. Gadamer considera que do acordar ao adormecer, estamos sempre interpretando algo, sejam as situações que se apresentam na vida cotidiana, sejam os diversos textos com os quais temos contato. Nesse sentido, ler não significa simplesmente assimilar aquilo que o outro diz, mas de relacionar com suas próprias considerações e reflexões, o que constitui o processo interpretativo.

⁸ GADAMER, Hans-Georg. **Estética y hermenéutica**. Madrid: Editorial Tecnos, 1996. p.300-301.

Outra importante referência teórica e metodológica deste trabalho são as pesquisas sobre *Dom Quixote* realizados por Fernando Torres Antoñanzas.⁹ Esses estudos a embasaram nossas análises a respeito dos entrelaçamentos entre Literatura e a Teologia. O estudioso da obra cervantina considera que existem obras literárias que incitam o teólogo (seja sistemático, histórico ou moral) a investigá-las, algumas vezes por sua densidade antropológica e filosófica; outras vezes, devido aos valores religiosos que nelas se encontram.

No entanto, sempre é necessário esclarecer os aspectos especificamente teológicos, como o tratamento direto do fenômeno de Deus e outras realidades que nos remetem ao centro da experiência humana em suas diversas manifestações. Esse enunciado tem sentido ao delimitarmos a ação do teólogo diante de uma obra de arte, pois essa obra literária não é e nem pretende ser um tratado de teologia. Especialmente para a teologia cristã, a plataforma indispensável é um texto, a Escritura Sagrada. Contudo, o teólogo pode estudar e interpretar a Bíblia compartilhando seus estudos com outras disciplinas, uma vez que a comunidade das disciplinas, em seu sentido humanístico, tem na literatura a sua mais perfeita plasmação. A partir dessa perspectiva, a Bíblia constitui as narrativas do sagrado, enquanto as escrituras profanas constituem-se de outros textos, como os literários, em que o homem experimenta e expressa a arte como a existência em sua essencialidade. E nesse sentido, o teólogo pode acessar a literatura enquanto forma de parte do conhecimento da realidade humana.

Desse modo, o autor aborda as relações entre literatura sagrada e literatura profana em *Dom Quixote de la Mancha*. No que se refere ao acesso religioso à obra de cervantina, ele é muito disperso. Entretanto, proporciona uma considerável visão da cultura religiosa do tempo e do contexto em que Cervantes viveu. A ambigüidade com que ele expôs os conteúdos religiosos reforça a idéia de que o Engenhoso Fidalgo é uma obra da área literária e não

⁹ ANTOÑANZAS, Fernando Torres. *Don Quijote y el absoluto: alguns aspectos teológicos de la obra de Cervantes*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca – Caja Duero: 1998. p. 23-24.

teológica, mas pode despertar importantes reflexões e análises tendo em vista esse panorama. O pai de Quixote concebeu um mundo onde a realidade do sagrado vive em pacífica e estranha harmonia com as realidades profanas. E, isso acontece, desde uma idéia vertebral: a liberdade da criação poética. No entanto, o sagrado e o profano não se confundem, mas convivem no *Engenhoso Fidalgo*.

Este trabalho articula três âmbitos de ação nos quais os idosos compreenderam a construção de sua identidade e o papel de sua inclusão social. O primeiro âmbito é constituído pelo espaço da educação formal representado pela escola. O segundo âmbito é constituído pelo espaço público representado pela praça. O terceiro âmbito de ação que caracteriza o elemento central dessa dissertação é a esfera da religião, representada pelas diferentes formas de religiosidades, considerando seus múltiplos modos de manifestação. Articulamos esses três âmbitos através de uma proposta pedagógica centrada na leitura e interpretação da obra ora trabalhada.

As análises sobre a experiência pedagógica desenvolvida com os idosos são apresentadas aqui em três capítulos. No primeiro capítulo, chamado *Dom Quixote vai à escola*, apresentamos a escola, os entrevistados e o trabalho lá desenvolvido, destacando o sarau literário no qual o grupo teve o primeiro contato com o texto de Cervantes.

No segundo capítulo, intitulado *Dom Quixote vai à praça*, analisamos de que modo, após a leitura e a interpretação do Cavaleiro Cervantino, o grupo passou a perguntar a respeito do sentido do espaço público em suas vidas. Nesse capítulo analisamos as narrativas dos estudantes que tiveram a Praça da Matriz como cenário mais significativo da cidade em que escolheram viver. Por isso, além de fazer uma descrição detalhada dos aspectos físicos, históricos e geográficos do lugar que é chamado popularmente de Praça da Matriz, mas que oficialmente chama-se praça Marechal Deodoro, discutimos e analisamos as narrativas do grupo de estudantes, destacando a questão da interculturalidade e da memória social.

No terceiro capítulo, que tem como título *Dom Quixote: literatura e religiosidade*, investigamos essas relações desenvolvidas durante o processo de alfabetização do grupo de estudantes. Neste último capítulo da dissertação serão abordadas as questões da literatura sagrada e da profana, tematizadas pelo Cavaleiro da Triste Figura e discutidas pelos estudantes no sarau literário.

Por fim, apresentamos algumas considerações com as quais mostramos os resultados da pesquisa onde constatamos que foi possível compartilhar experiências e narrativas entre aqueles que se propõem a sentar à mesa do diálogo. Como percebeu Gadamer¹⁰, quem escuta ao outro escuta a alguém que tem seu próprio horizonte e, assim se abre o verdadeiro caminho, em que se forma a solidariedade entre diferentes povos, círculos culturais e comunidades religiosas.

Como considerava Walter Benjamin,¹¹ ao se referir àqueles que estabelecem um vínculo fraternal a partir do cultivar a arte da narrativa, os entrevistados estabeleceram uma espécie de ‘comunicação artesanal’ e solidária, ao narrar e compartilhar sua cultura, seus hábitos e suas crenças. Ao pensar nesse sentido, Benjamin escreveu um texto intitulado *O narrador*¹², onde se refere às experiências narradas por pessoas que compartilhavam suas vivências e lembranças de ‘forma artesanal’, tecendo fio por fio as suas narrativas, sem a pressa estabelecida pelo modo de vida contemporâneo, no qual os hábitos de contar e ouvir histórias parecem estar se perdendo. Com essa investigação esperamos, portanto, poder recuperar a importância da tradição oral na construção de sentido, ressaltando de modo especial a interpretação formulada pelos leitores de *Dom Quixote*, entrevistados e analisados nesta pesquisa, destacando principalmente os aspectos vinculados à religiosidade presentes na obra cervantina e sua repercussão na vida dos pesquisados.

¹⁰ GADAMER, Hans-Georg. **Arte y verdad de la palabra**. Barcelona: Paidós Studio, 1998. p.125.

¹¹ BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

¹² BENJAMIN, 1975.

Capítulo I – Dom Quixote vai à escola

O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos.¹³

1.1 Os amigos de Quixote e da arte da narrativa

Este trabalho nasceu entre questionamentos e inquietações que surgiram durante uma experiência pedagógica realizada no Centro de Educação Municipal de Trabalhadores Paulo Freire (CMETPF), localizado no centro de Porto Alegre. O grupo em que a pesquisa foi realizada era constituído por oito idosos, provenientes de diferentes cidades do interior do Rio Grande do Sul. Eles buscaram a capital do estado em sua juventude, no intuito de encontrar melhores condições de trabalho. Desse modo, é importante elencar a profissão dos entrevistados, pois esse é o modo como os sujeitos se apresentam na atualidade, uma vez que socialmente as pessoas não são mais a representação de suas famílias, mas sim da área profissional em que atuam. Mesmo não concordando com essas classificações sociais, elas estão em vigor em nossa sociedade. Por isso consideramos importante nomear suas profissões, pois esse é um dos elementos constitutivos de suas identidades como cidadãos, embora não nos detenhamos na análise específica dessa temática (profissões). Esse grupo de entrevistados contava com dois aposentados, operários da construção civil, uma pensionista, duas empregadas domésticas, uma doceira, uma cozinheira e outro entrevistado que trabalhava na construção civil, como autônomo.

Outro aspecto relevante referente a esse grupo de estudante era sua formação religiosa constituída por diferentes linhas: um espírita, dois umbandistas, um evangélico, um messiânico, dois católicos e um ateu. Contudo, o grupo se permitiu ouvir uns aos outros, procurando compreender suas diferenças e superar os conflitos que surgiram na ‘mesa do diálogo’

¹³ MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo:Cia das Letras,1997. p.201.

estabelecida no espaço escolar. Segundo Gadamer, “a compreensão começa quando algo nos chama a atenção”.¹⁴ E o que chamava atenção dos entrevistados no período em que a pesquisa foi realizada eram as questões da fé, religião e busca por um sentido na vida. Houve uma escuta atenta e sensível das narrativas dos colegas a respeito de suas diferentes religiões. Isso aconteceu a partir do compartilhar de experiências tecidas nos fios da arte da narrativa com a leitura e interpretação de *Dom Quixote* e dos aspectos religiosos contidos no texto. Os entrevistados relacionaram suas experiências pessoais com a narrativa cervantina, significando e ressignificando a obra.

Ao tratar da questão do significado e do sentido referente ao processo de interpretar, Dilthey¹⁵ assegura que o sentido é uma relação real e não imaginária com as formas do ‘espírito’ objetificado que se encontram à nossa volta. No que se refere ao significado o autor acima mencionado atribui os nomes dados às diferentes espécies de relações dessa interação. Desse modo, observamos que a obra de Cervantes fez sentido para o grupo por expressar em seu contexto questões que despertaram a identificação dos sujeitos com elementos do texto literário. E a partir dessa interação com o romance os entrevistados passaram a narrar histórias relacionadas com alguns temas cervantinos, como a busca do sentido da vida e as diferentes e muitas vezes conflitantes formas de religiosidade, indicando que esses não são dilemas novos colocados para o ser humano, pois nos acompanham há muitos séculos.

Para entender o contexto em que se dá a pesquisa, enfocamos quatro aspectos referentes aos entrevistados: a idade, a origem, a religião e a profissão. Os entrevistados relataram terem vindo para “a cidade grande”, Porto Alegre, na fase adulta com o objetivo de conseguir melhores oportunidades de emprego e uma almejada ascensão social. Eles trouxeram em suas bagagens as lembranças dos lugares significativos de suas origens, como por exemplo: as praças e os lugares onde se realizavam os cultos religiosos. Ver tabela a seguir:

¹⁴ GADAMER, Hans-Georg. Sobre o círculo da compreensão. In: ALMEIDA, C. L.; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.p.149.

¹⁵ PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa:Edições 70, 1997. p.126.

Quadro 1 – Identificação dos entrevistados

Nome	Idade	Origem	Religião	Profissão
A.	66 anos	Alegrete (RS)	Espírita	trabalhador autônomo da construção civil
D.	59 anos	Piratini (RS)	Umbandista	cozinheira
É.	77 anos	Uruguiana (RS)	Evangélico	aposentado
E.	74 anos	Cachoeira do Sul (RS)	Messiânica	doceira
Já.	62 anos	Venâncio Aires (RS)	Católica	empregada doméstica
J.	70 anos	Alegrete (RS)	Ateu	aposentado
M.	80 anos	São Gabriel (RS)	Umbandista	pensionista e dona de casa
N.	65 anos	São Lourenço do Sul (RS)	Católica	empregada doméstica

Ao observar esses dados, podemos constatar que o centro educacional, onde a pesquisa foi realizada, é direcionado para a educação de trabalhadores e oferece a eles a possibilidade de expressarem sua multiculturalidade, através das atividades pedagógicas e culturais realizadas, como serão descritas neste capítulo.

O grupo de entrevistados estava estudando a história de Porto Alegre e seus lugares significativos, referentes aos aspectos históricos e afetivos da capital. Eles realizaram uma visita a alguns pontos da cidade, como por exemplo, a Praça da Matriz e suas imediações, e relataram suas experiências que tiveram como cenário a praça. No entanto, esse tema será abordado mais detalhadamente no Capítulo II.

É importante destacar que, paralelamente ao estudo da cidade, os entrevistados estavam participando de um *Sarau Literário*, onde aconteciam leituras de *Dom Quixote de la Mancha*. Essa estratégia pedagógica (trabalhar com uma obra literária onde a poesia e a rima estão presentes) despertou o interesse dos estudantes, que passaram a lembrar e recitar as poesias de sua juventude (especialmente durante a visita à praça). E, em seguida

demonstraram o desejo de registrá-las por escrito, como forma de não esquece-las.

Uma das questões colocadas aos entrevistados se referia à razão que os teria levado a procurarem a escola. Então, eles relataram que um dos principais motivos que os levaram à escola foi o desejo de aprenderem a ler e a escrever, no intuito de participarem mais ativamente de seus diferentes cultos religiosos. Desse modo, eles demonstraram sentirem a necessidade de serem incluídos na sociedade letrada em que vivem, a começar pela participação nas leituras sagradas dos escritos fundadores de suas religiões. Ao analisar as narrativas dos idosos, foi possível perceber o quanto as narrativas bíblicas os encantavam e, ainda, como eles admiravam as pessoas que sabiam ler e decifrar esses escritos em suas comunidades religiosas. Assim, ficou evidente que o desejo de participar das leituras em suas celebrações religiosas foi um dos principais elementos que desencadearam o processo de leitura e escrita nesse grupo.

O processo de identificação e o envolvimento do grupo com a obra literária contextualizada no Sarau Literário, em que eles ressaltaram os elementos religiosos presentes nela, se tornou tão intenso que chegaram a enunciar: “Dom Quixote saiu das páginas do livro e está fazendo parte de nossa vida”. Como podemos perceber, o personagem passou a interagir na vida e na interpretação do mundo dos livros (que eles começavam a conhecer) e do mundo da vida. Como considera Rohden¹⁶, “ler, muito mais que decifrar signos, significa alargar o horizonte dos nossos sentidos.”

1.2 Sarau Literário

Em tempos de leituras dinâmicas de informativos, manuais de diferentes áreas de conhecimento e histórias de auto-ajuda de fácil e rápida compreensão, o presente trabalho propôs a leitura em sala de aula de clássicos literários. O Sarau Literário foi um importante suscitador de discussões e

¹⁶ ROHDEN, Luiz. **Interfaces da hermenêutica**. Caxias do Sul: EDUCS, 2008, p.48.

reflexões sobre assuntos que não podem mais ser ignorados pelas instituições de ensino, como a questão da multiculturalidade religiosa, presente em nossas salas de aula, mas muitas vezes ausente nas tematizações dos currículos escolares.

Em virtude dessas constatações, ao iniciar o ano letivo com o grupo de estudantes, levei para a sala de aula alguns livros de poesias de Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Cecília Meireles e Manuel Bandeira, além do *Engenho Fidalgo* de Miguel de Cervantes, primeiro em espanhol (o grupo manuseava o livro, mas demonstrava dificuldade em entendê-lo, possivelmente em função do idioma e de seus estágios de leitura na própria língua materna. No entanto, reconheciam algumas palavras). Depois ofereci em algumas traduções do clássico espanhol para o português e também algumas das suas versões e adaptações. Esse material foi disponibilizado para os alunos em sala de aula. Inicialmente, como professora da turma, fui a mediadora entre o grupo e os livros, uma vez que eles estavam sendo alfabetizados. Eles manuseavam os livros, tentavam ler suas palavras e figuras e compartilhavam com os colegas suas impressões.

No decurso de um mês, percebemos o interesse dos estudantes por essa atividade e batizamos esses momentos de leitura e de estabelecimento de intimidade com os livros de *sarau literário*. Uma questão que deve ser esclarecida aqui é que essa atividade não era uma prática da escola, mas sim uma proposta que fiz especificamente para essa turma de estudantes.

Devido à receptividade do grupo a essa idéia foi possível dar prosseguimento a essa atividade por um período de dois semestres, ocasião em que o grupo foi alfabetizado, cada qual em diferentes momentos e diversos níveis de leitura. Consideramos importante ressaltar aqui que o foco desta pesquisa não está voltado para os níveis de leitura dos estudantes, mas sim para suas interpretações acerca de uma obra literária. Durante todo o processo de diferentes modos de leitura (de letras, palavras, imagens, sentidos...) a reação dos estudantes foi registrada no diário de classe que, como assinalamos acima, foi um importante instrumento metodológico para desenvolver a

pesquisa, uma vez que quase todos os dados aqui expostos foram colhidos e registrados nesse documento.

Dom Quixote foi escolhido para tematizar o Sarau Literário, porque é uma obra repleta de narrativas de diferentes culturas, como por exemplo, a judaica, a cristã e a muçulmana, que podem despertar importantes reflexões sobre a interculturalidade cultural e religiosa. Cervantes registrou relatos da história do tempo em que viveu e seus dilemas que ainda persistem na contemporaneidade. Por isso, as narrativas contidas no romance cervantino podem provocar importantes discussões em sala de aula, despertando reflexões tanto no que se refere ao sincretismo religioso, quanto às diferentes formas de religiosidade que convivem e interagem no mundo.

A escolha dessa obra também ocorreu em função da demonstração de interesse por parte dos estudantes idosos pela arte da narrativa presente nesse texto. E, como escreveu Benjamin¹⁷, narrar é “a arte de trocar experiências” e, nessa troca, os narradores passam a aceitar o outro como legítimo outro em sua singularidade, percebendo que a linguagem narrativa ao articular experiências, retrata a subjetividade daqueles que narram. Nesse sentido, podemos constatar que foi possível compartilhar as diferentes experiências das diversas culturas presentes no espaço da sala de aula, através das narrativas dos entrevistados.

É importante destacar aqui também que, no desencadear do processo narrativo dos sujeitos da pesquisa, aconteceram alguns conflitos, pois o grupo de estudantes tinha em comum a faixa etária, o desejo de aprender a ler e o gosto por narrar suas histórias, mas também apresentava aspectos diferentes e em alguns momentos conflitantes, especialmente no que se refere à religiosidade, pois cada qual tinha uma forma diversa de vivê-la. Muitas vezes ocorreu que, no período de estudo de outras disciplinas no espaço da sala de aula, alguns estudantes queriam narrar suas experiências referentes ao tema que estava sendo discutida e outros estudantes da turma ficavam incomodados,

¹⁷ BENJAMIN, 1975, p.57 .

com o 'falatório dos colegas fora do horário do sarau'¹⁸. O grupo que se sentia incomodado com as narrativas dos colegas 'fora de hora' declarava que nos momentos do sarau era importante contar suas histórias, mas numa aula de matemática, de química ou de geografia as narrativas atrapalhavam. E o grupo que insistia em seguir narrando suas histórias em todas as disciplinas entendia que suas histórias poderiam colaborar para o entendimento de outras disciplinas para além do sarau. Desse modo, por um certo tempo se deu um impasse ou até poderíamos chamar de entrave nesse grupo.

Entretanto, depois de muitas conversas, o grupo entrava num consenso: suas narrativas ficariam reservadas para os momentos do sarau e aquelas que surgissem em outras disciplinas seriam anotadas no caderno para serem discutidas no horário do sarau, para não desviar a atenção dos outros colegas. Com essa experiência foi possível perceber que, ao mexer no baú das memórias, muitas lembranças vem à tona em diferentes momentos e para os recordadores muitas vezes fica difícil represar a enxurrada de recordações que despontam, e em alguns casos essas lembranças podem surgir em momentos considerados impróprios para outras pessoas.

E, além disso, é necessário observar que para cada leitor o texto lido tem uma significação peculiar que parte da perspectiva e do lugar que ele ocupa em relação a um determinado tema; ou seja, sua visão de mundo está estreitamente relacionada ao contexto cultural e religioso em que ele, como leitor, está inserido e, ao revelar suas interpretações no espaço público da sala de aula, podem acontecer alguns atritos e confrontos de perspectivas.

No livro de Cervantes também é possível encontrar esses confrontos de interpretações e modos de ver o mundo, pois a interpretação do encontro entre realidade e ficção, presente em *Dom Quixote*, não se dá de modo tranqüilo em todas as ocasiões. Esse texto é como um caleidoscópio que forma diversas imagens do momento em que Cervantes viveu e que está em relação com os conflitos vividos na contemporaneidade. O Engenhoso Fidalgo expressa anseios e sonhos do ser humano na busca pelo sentido de sua existência.

¹⁸ Enunciado dos estudantes.

Essas problematizações no espaço escolar podem oferecer momentos de profunda diversidade e riqueza cultural ao compartilharmos vivências e diferentes modos de ver o mundo. Como assegura Rohden¹⁹, “ao participar da tessitura de um texto, pela leitura, o leitor passa a ver uma realidade que, no seu dia-a-dia, não vê ou não pode ver”, pois um texto literário proporciona ao leitor a possibilidade de transcender sua própria visão de mundo. Ao ler essas passagens de *Dom Quixote*, os entrevistados estabeleceram inúmeras relações com as suas diferentes formas de religiosidades referentes a seus valores, crenças, subjetividade e perspectivas.

Podemos considerar que o sujeito que se propõe ao exercício da leitura pode interpretar o mundo em sua complexidade, com senso crítico mais apurado, se deparando com diferentes perspectivas, descobrindo múltiplos cenários e horizontes. A interpretação de um texto oportuniza múltiplas formas de perceber e de ler o mundo, além das diferentes inserções nas narrativas literárias, sejam elas profanas como o romance *Dom Quixote de la Mancha*, ou sejam sagradas como a *Bíblia*. Como constata Palmer²⁰, “a interpretação é, portanto, talvez o ato essencial do pensamento humano; na verdade o próprio fato de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação.”

E, ao refletir sobre as possíveis relações existentes entre literatura e religiosidade, podemos pensar com o estudioso da obra de Miguel de Cervantes, Fernando Torres Antoñanzas²¹, que percebe a importância de procurar entender e interpretar tanto os textos sagrados, quanto os textos profanos. Os textos profanos com as narrativas da experiência humana descrita na literatura possibilitam experimentar uma “noção do real” vivenciada pelo humano. Desse modo, pode interessar ao teólogo, ao professor e aos estudantes o acesso à literatura, enquanto parte do conhecimento da realidade humana.

¹⁹ ROHDEN, , 2008. p.224.

²⁰ PALMER, 1997.p.20.

²¹ ANTOÑANZAS, 1998, p. 23-24.

Podemos encontrar na literatura um dos mais importantes elementos das culturas, que podem suscitar o encontro entre os diferentes grupos sociais, além de proporcionar o diálogo e o compartilhar experiências entre eles. Como aponta Hannah Arendt, em *A condição humana*:

Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens.²²

Com a leitura de um livro como *Dom Quixote* que suscita o diálogo intercultural, podemos construir espaços no ambiente escolar para o compartilhar experiências compreendendo-as como uma rede de relações que tece a história e o conhecimento do humano, naquilo que estabelece suas afinidades e suas diferenças. A literatura pode atuar como forma de despertar respeito, entendimento e a aceitação das diferenças do outro como legítimo outro.

Consideramos que o grande desafio da educação em nossos tempos, é promover o respeito pelo outro como legítimo outro em sua diferença e singularidade, sem o intento de homogeneizar as culturas. Por isso, a leitura e a contextualização de livros que relatem a narrativa do encontro e do compartilhamento dos diferentes grupos sociais é uma importante estratégia pedagógica no sentido de celebrar o respeito a interculturalidade religiosa, que podemos considerar uma importante riqueza cultural em nosso país.

Com essas leituras constatamos que os temas discutidos pelos idosos a partir do Engenhoso Fidalgo foram os seguintes: a busca do(s) sentido(s) da vida, homem letrado – leitor da Bíblia (desejo dos estudantes), homem iletrado, mas com muita fé (identificação com Sancho), padre – mentor espiritual – seria aquele que indica o que é certo e o que é errado na vida?, e identificaram as citações bíblicas presentes no romance.

²² ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983, p. 62.

Nesse grupo, constituído por estudantes de diferentes religiões, foi possível perceber que a questão da busca do sentido da vida e a finitude do ser era motivo de muita preocupação. Desse modo, eles demonstraram encontrar amparo para acalmar seus anseios e angústias em suas diferentes religiões. Talvez por isso, a religiosidade foi um dos temas mais enfatizados pelos entrevistados. E, possivelmente para significar a leitura do Engenhoso Fidalgo o relacionaram com os conflitos existenciais que estavam vivendo. Eles relataram que a fé significa e justifica suas vidas. Assim, como para *Dom Quixote* que acreditava que a liberdade de escolha dos homens era uma graça divina, como mostra a seguinte passagem: “La libertad, Sancho, es uno de los más apreciados dones que a los hombres dieron los cielos”.²³

No que se refere às questões do processo de interpretação da obra cervantina, podemos destacar que os estudantes identificaram a diferença da cultura da tradição oral e escrita e demonstraram se identificar com Sancho Pança. Ao considerarmos a leitura, a interpretação e a criação como constitutivas do ato de conhecer, e ainda, como um espaço para expressão da subjetividade dos sujeitos da educação, os entrevistados elaboraram juntos um texto, expressando suas interpretações sobre Dom Quixote e Sancho Pança, permeadas por relações com suas vivências pessoais. E, como afirmou Gadamer²⁴ ler já é interpretar, sendo assim os entrevistados ao lerem o Engenhoso Fidalgo ressaltaram os elementos da cultura ali representados a partir de suas experiências pessoais. Os entrevistados chegaram a comparar a aproximação de Sancho à Dom Quixote com a procura deles pela escola, o que pode ser decorrente do desejo de conhecer as histórias do mundo letrado.

²³ CERVANTES, 1987, p.797.

²⁴ GADAMER, 1996, p.263.

1.3 Os caminhos de Cervantes

Miguel de Cervantes, enquanto o poeta de Quixote, não “sub-existe” ou “pré-existe” ao Quixote, à obra, mas ele vem a ser e se faz, cresce e aparece, à medida que ele se deixa fazer pela ação do Quixote, isto é, pelo fazer-se obra da obra! Sim, cada um é filho de suas obras!²⁵

Ao perceber o interesse que *Dom Quixote* despertou nos entrevistados, consideramos relevante registrar uma breve narrativa sobre a vida e a obra Miguel de Cervantes Saavedra. Buscamos referências significativas sobre a vida ‘do pai de Dom Quixote’, no intuito tanto de situar o leitor, quanto de provocar o seu desejo de ler e conhecer mais sobre o famoso Cavaleiro da Triste Figura. Esse trabalho é, portanto, um convite à leitura de *Dom Quixote de la Mancha*²⁶.

Cervantes nasceu em Alcalá de Henares, em 1547, período em que a Espanha vivia momentos de imperialismo expansionista na América e no norte da África, e ainda, travava grandes lutas inquisitórias pela unidade religiosa. Várias edições das obras de Miguel de Cervantes mostram um retrato do autor com um perfil de linhas alongadas, olhos e olhar profundos, nariz fino, boca pequena, bigode e cavanhaque, um protuberante colarinho de cor branca, repleto de dobras em forma de colméia, como era costume usar na Renascença européia. Essa descrição de Cervantes foi muitas vezes confundida com a de *Dom Quixote*. Mas não há nenhuma garantia de que se trate de um documento visual autêntico. No Prólogo das *Novelas Exemplares* o autor traça seu auto-retrato desse modo:

Este que vedes aqui, de rosto aquilino, de cabelo castanho, fronte lisa e desembaraçada, de olhos alegres e nariz curvo, embora bem proporcionado, as barbas de prata, que não há vinte anos foram de ouro, os bigodes grandes, a boca pequena, os dentes nem miúdos nem grandes, porque não tem mais que seis, e esses mal acondicionados e pior postos, porque não tem correspondência uns com os outros; o corpo entre dois extremos, nem grande nem pequeno, a cor viva, mais branca que morena, algo curvado das

²⁵ FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar*. São Paulo: Discurso Editorial, Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

²⁶ CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Vol. I e Vol. II. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.

costas e não muito ligeiro dos pés; este, digo,²⁷ que é o rosto do autor da Galatea e de Dom Quixote de la Mancha.

Podemos perceber um certo tom de ironia em sua autodescrição. Possivelmente em função de não ter um amigo para esculpi-lo na primeira página de seus livros, como era costume no período em que viveu, ele mesmo pintou seu retrato com suas palavras. Esse foi um artifício do autor pouco usual em sua época.

Outro dado significativo da vida de Cervantes trata da forte possibilidade de que sua família era de origem judaica. Seu pai, que se chamava Rodrigo, era cirurgião, profissão comum entre os judeus conversos. Dona Leonor de Cortinas, sua mãe, era filha de proprietários rurais e sabia ler e escrever, algo pouco comum entre as mulheres daquele período. Sua família mudava-se com freqüência de cidade, buscando melhores condições de vida, prática comum entre os judeus naquela época. Cervantes teve somente uma filha, antes de casar-se com Catalina (bem mais jovem que ele) e juntos criaram a menina e não tiveram mais filhos.

Miguel de Cervantes deixou poucos vestígios que tornassem possível tirar conclusões decisivas a respeito de sua vida pessoal. O que deixou registrado por escrito foram suas narrativas, poesias e obras de teatro, onde provavelmente foram descritos aspectos de sua vida e de sua pessoa. No período em que o autor viveu era comum vender as peças teatrais para os grupos de teatro, e assim, muitas vezes se perdia a autoria. Como forma de sobrevivência, Cervantes teria vendido inúmeras peças de teatro. Desse modo, é possível que existam muitas outras obras teatrais desconhecidas de autoria de Cervantes.

Cervantes também não deixou registro de cartas ou debates realizados com a intelectualidade da época, mas em sua obra fica evidente seu pensamento crítico em relação à situação política, artística e intelectual, manifestações sempre carregadas com uma linguagem irônica e poética. Existem registros que comprovam a prisão de Cervantes em 1569, por ter

²⁷ CERVANTES, Miguel de. **Novelas Ejemplares I**. Madrid: Espasa-Calpe, S.A, 1962.

agredido fisicamente um administrador do rei e para escapar da condenação fugiu para Roma. Ele só retornou para a Espanha depois da prescrição de sua pena. Na Itália investiu na carreira militar, lutou na memorável Batalha de Lepanto, em 1571, enfrentando os turcos no Mediterrâneo. Pelo que se sabe, foi ferido e perdeu os movimentos de sua mão esquerda. Cervantes registrou no Prólogo da segunda parte de *Dom Quixote* o grande orgulho que sentia por ter participado dessa batalha e da marca que ela lhe deixou em seu corpo:

Se as minhas feridas não resplandecem aos olhos de quem as mira, são estimadas, pelo menos, por aqueles que sabem onde se ganharam (...) As cicatrizes que o soldado ostenta no rosto e no peito são estrelas que guiam os outros ao céu da honra, e ao desejar justo louvor; e convém advertir que senão escreve com as cãs, mas sim com o entendimento, que costuma aperfeiçoar-se com os anos.²⁸

Após a batalha de Lepanto, Cervantes resolveu retornar para Espanha, mas a embarcação que o levaria de volta foi assaltada por corsários argelinos, que o conduziram a um longo período de cativeiro em Argel. E, ali passou a conhecer melhor a cultura muçulmana, cujos traços permaneceram sempre presentes em sua obra. De retorno à Espanha, em 1580, encontrou seu país enfrentando momentos de crise e, além disso, sua família estava profundamente endividada. Sem perspectivas de trabalho, Cervantes reuniu seus esforços e, apesar de todas as dificuldades, publicou a primeira parte da *Galatea*. Mais tarde, ele iria inserir essa obra na biblioteca de Dom Quixote, lugar que o cura iria bisbilhotar e, encontrando a obra, comentaria ironicamente que se tratava de um livro de um grande amigo seu, mais versado em desventuras do que em versos.

Como se pode perceber, Cervantes costumava comentar suas obras dentro das próprias obras. Na falta de alguém que fizesse os comentários, ele próprio não se furtava ao prazer de comentar seus escritos. Na obra cervantina parece que de alguma forma o narrador dialoga com os personagens, estabelecendo desdobramentos da voz narrativa com os leitores sobre os rumos a seguir e sobre os episódios já narrados. Desse modo, a obra de Cervantes é

²⁸ CERVANTES, 2005, p.13

sedutora não apenas pelo que narra, mas pelo modo como narra, de uma forma bastante envolvente, como se o leitor também participasse da obra.

Para se ter noção da auto-referencialidade da narrativa de Cervantes, basta ler suas obras onde ele incorpora muitos personagens e episódios de suas vivências à narrativa ficcional. Por esse motivo, muitos comentadores de *Dom Quixote* perceberam nessa obra uma metáfora da derrocada espanhola, período que teve marcas profundas deixadas pela peste, que matou um milhão de pessoas. A história da Espanha dos últimos anos de Cervantes é a história da decadência do Século de Ouro de Carlos V e Felipe II. O momento da criação da obra é o da acentuação aguda da crise econômica do império espanhol. Essa situação foi bem representada por ele na narrativa que ilustra, entre outras questões, a decadência dos fidalgos.

1.4 Nos passos de Dom Quixote

Em seu magistral romance, que atravessa as fronteiras do tempo e do espaço, Cervantes descreveu com maestria os conflitos do ser humano, seus ideais e frustrações, de modo a provocar estranhamento e encantamento em inúmeras gerações de diferentes culturas. Em sua clássica narrativa tratou de temas universais e atemporais, como o sofrimento, os sonhos e os desejos humanos. Talvez, seja esse o motivo pelo qual *Dom Quixote* é, depois da Bíblia, o livro mais traduzido.

Como sabemos, a primeira parte de *Dom Quixote de la Mancha* foi publicada em 1605. A segunda parte seria publicada somente dez anos depois. Nesse ínterim surgiu uma segunda parte da obra que não foi escrita nem autorizada por Cervantes, mas foi por ele muito satirizada quando escreveu o segundo volume de *Dom Quixote*. É o próprio Cervantes quem nos esclarece sobre esse fato, especialmente no prólogo desta segunda parte, quando ironiza o suposto escritor Avellaneda.

Pelos cálculos apresentados por Roger Chartier²⁹, em artigo intitulado 'La Europa castellana durante el tiempo del Quijote', entre 1605 e 1615 foram publicados 13.500 exemplares da primeira parte da obra, dividida em nove edições: três em Madri, duas em Lisboa, uma em Valência, uma em Milão e duas em Bruxelas. Isso chega a ser surpreendente considerando que na época o número de leitores era muito reduzido. Quando Cervantes conclui *Dom Quixote* estava com cinqüenta e oito anos, velho (para a época), pobre e desdentado, segundo o retrato que traça de si mesmo. Ao lidar com os labirintos da razão, lugar difícil e perigoso de mapear, o 'pai de Quixote' desvelou um tema que parece atingir a eternidade: a finitude do ser.

A partir de 1606 a família de Cervantes demonstrou tendência à vida religiosa, suas duas irmãs e sua esposa, Catalina, receberam o hábito da Ordem Terceira de São Francisco. Cervantes em 1609 passou a fazer parte da Irmandade do Santíssimo Sacramento, congregação que contava com a participação de alguns escritores da época, como, por exemplo, Lope de Vega. Poucos dias antes de sua morte, faz os votos perpétuos na Ordem Terceira de São Francisco, onde já era noviço há três anos. Ele já havia abandonado a Irmandade do Santíssimo Sacramento, que aos poucos foi se transformando num palco mundano de grande adesão aristocrática. Quando morreu, em 23 de abril de 1615, foi enterrado com o hábito dos franciscanos, no convento dos trinitários, em Madri, encerrando assim uma vida dedicada às armas e às letras. A única filha de Cervantes, Isabel, morreu em 1652 sem deixar herdeiros, encerrando a história da família Cervantes y Saavedra.

A análise sobre o impacto da obra de Cervantes na cultura ocidental é tema recorrente em muitos autores que se ocuparam da leitura de *Dom Quixote*. Nesse sentido, o grande escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821–1881), por exemplo, expressou com profunda sensibilidade o que representa *Dom Quixote* como o primeiro romance da literatura ocidental. Para o autor de *Crime e castigo*,

²⁹ CHARTIER, Roger. **La Europa castellana durante el tiempo del Quijote**. *Espanha en Tiempos del Quijote*. Santillana, 2005.

Se o mundo acabasse e no Além nos perguntassem: “Então, o que você aprendeu da vida?” Poderíamos simplesmente mostrar o Dom Quixote e dizer: “Esta é a minha conclusão sobre a vida.” (...) Esse livro, o mais triste de todos, o homem não deve esquecer de levar consigo no dia do Juízo Final.³⁰

Como podemos perceber, *Dom Quixote de la Mancha* pode ser considerada uma obra literária criadora de múltiplos sentidos, pois com ela é possível descobrir novas e surpreendentes dimensões da leitura. Isso pode ser constatado em suas inúmeras adaptações, releituras, traduções e críticas. Nesta obra podemos encontrar elementos históricos, valores culturais, religiosos, além de uma referência acentuada à cultura árabe, à mitologia clássica e a civilização greco-latina. Costumes e hábitos mouros, árabes e turcos são parte integrante da narrativa, assim como referências explícitas ao mundo da Antiguidade dos gregos e romanos. Em referência à *Odisséia* de Homero, Cervantes atribui ao seu Engenhoso Fidalgo a mesma tarefa daquele famoso guerreiro grego que fora Ulisses. Por outro lado, buscando destacar o mito fundador, Cervantes associa o seu personagem central aos feitos daquele Enéias criado por Virgílio. No entanto, sempre há nele uma pitada de ironia e de crítica, como mostra a seguinte passagem:

As ações que não mudam nem alteram o fundo verdadeiro da história, não há motivo para se escreverem, logo que redundem em menosprezo do protagonista. À fé que não foi tão pio Enéias como Virgílio o pinta, nem tão prudente Ulisses como refere Homero.³¹

Além das referências à tradição clássica, Dom Quixote pode ser entendido não somente como um romance, mas também como um conto filosófico, em função de sua perplexidade diante da existência humana.³² O fidalgo representa, ao mesmo tempo, a impossibilidade de pensar a realidade e também a necessidade de pensá-la. O Cavaleiro da Triste Figura antecipa o herói problemático do romance burguês, o indivíduo que se debate na busca de sentidos para a própria existência num mundo órfão de valores absolutos. Trata-

³⁰ Dostoiévski, apud VIEIRA, Maria Augusta da Costa. ‘O engenhoso Miguel de Cervantes’. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007. p. 18-31.

³¹ CERVANTES, 2005. p. 35.

³² TAURECK, Bernhard H.F. *Don Quijote als gelebte Metapher*. München: Fink, 2008.

se, portanto, de uma obra que não somente se volta para a recepção do passado, mas que antecipa o projeto moderno, retratando a singularidade que foi o viver numa época de profundas transformações, a Renascença. Essa situação é bem representada em sua obra pelo poder das luzes diante das sombras de crenças e superstições obscuras que foram desconstruídas na Europa no alvorecer dos tempos modernos.

Nesse sentido, ao analisar o grande romance cervantino fica evidente que a força criadora do Cavaleiro Andante e a vitalidade de sua loucura são extraídas da memória dos romances que o fidalgo leu em sua biblioteca. Depois da destruição de seus livros, provocada pelo cura, pelo barbeiro e pela ama, esses romances deixam de existir concretamente, mas passaram a existir em sua memória. Ítalo Calvino analisa assim a questão da queima dos livros do Engenhoso Fidalgo em *Por que ler os clássicos*:

É possível compreender como o último depositário das virtudes cavaleirescas, Dom Quixote, será alguém que construiu a si mesmo e a seu próprio mundo exclusivamente por meio dos livros. Uma vez que Cura, Barbeiro, Sobrinha e Ama tenham ateado fogo à biblioteca, a cavalaria terminou: Dom Quixote permanecerá como o último exemplar de uma espécie sem sucessores.³³

O Cavaleiro da Triste Figura poderia ser a representação do saudosismo. Ele realiza suas façanhas numa época em que os valores da sociedade não mais reconhecem a lógica do heroísmo que professa o personagem. Essa situação acaba provocando inúmeros conflitos e decepções no Cavaleiro Andante. Mas, mesmo ao enfrentar tantas dificuldades, nada detém a imaginação transformadora do fidalgo. Essas situações simbólicas podem ilustrar ainda hoje os conflitos existenciais que o humano sofre ao sentir-se golpeado em seus ideais por uma sociedade que não o compreende.

Dom Quixote compartilha especialmente uma questão com os romances de cavalaria: a lógica do impossível. Um dos elementos comuns presentes nas obras citadas são os heróis que enfrentam sozinhos exércitos,

³³ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 63

gigantes e outras inúmeras dificuldades. E, o que é incrível é o resultado dessas manobras: os heróis saem praticamente ilesos de suas aventuras e batalhas. A grande crítica dos moralistas da época cervantina em relação à lógica do impossível presente nas novelas de cavalaria era em função de seu transito por terras distantes, imaginárias, com elementos maravilhosos e admiráveis. Essa artimanha na escrita de Cervantes está estritamente relacionada com uma questão abordada pelo autor à uma especial ironia: a loucura.

A tematização da loucura em *Dom Quixote* é um dos elementos que poderia levar seus críticos a considerar que Cervantes foi um leitor atento da obra de Erasmo de Roterdã. Esse autor abordou a questão da loucura de modo arguto e irônico, característica que também podemos perceber na obra de Cervantes. Mas certamente “o pai de Quixote” não o citaria explicitamente em função de que os escritos do autor holandês tinham sido proibidos pela Santa Inquisição e quem o citasse sofreria punições. Mas mesmo implicitamente podemos perceber que o tema da loucura está muito presente no desenvolvimento do *Engenhoso Fidalgo*.

Desse modo, se considerarmos a presença de autores vinculados ao pensamento humanista da Renascença na obra de Cervantes, então poderemos perceber que não foram poucos aqueles que influenciaram o pensamento do autor do romance do Cavaleiro de Triste Figura. Sobre esse tema, o escritor mexicano Carlos Fuentes³⁴, no artigo *Elogio de la incertidumbre* demonstra que a incidência do pensamento de Erasmo de Roterdã na obra cervantina evidencia a tentativa de conciliar de alguma forma as verdades da razão e as verdades da fé. Segundo esse arguto leitor de *Dom Quixote*, Cervantes teria servido-se ali das certezas dogmáticas de seu tempo para humanizá-las, relativizá-las e submetê-las à prova da incerteza. Já no artigo *La crítica de la lectura*, Fuentes³⁵ considera que existem três grandes temas erasmianos no centro nervoso da obra: a dualidade da verdade, a ilusão das aparências e o elogio da loucura.

³⁴ *Elogio de la incertidumbre*. Buenos Aires: El País, 23/04/2005.

³⁵ FUENTES, Carlos. *La crítica de la lectura*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1994.

Essa loucura de Quixote foi descrita por seu companheiro Sancho Pança, que criou uma expressão muito “engenhosa” para descrever o Cavaleiro Andante. Referindo-se ao Quixote, Sancho dizia ele “tem moinhos de vento na cabeça”, pois ele vê perigoso gigante em inofensivos moinhos. Desse modo, podemos considerar que essa é uma obra que nasce para confundir e fazer pensar, já que se nenhuma das facetas da obra dá conta da personalidade do personagem, logo não daria conta de sua verdade. Nessa mesma perspectiva, também poderíamos pensar o seguinte: Será que existe uma verdade nessa obra?

Os livros que se multiplicam na narrativa quixotesca, assim como na vida dos leitores apaixonados pela leitura, podem fazer com que venhamos a perceber que quanto mais lemos, mais nos falta ler. Essa pode ser considerada mais uma das questões que o Cavaleiro da Triste Figura nos suscita a reflexão. É importante perceber que nesse livro, que fala de livros, existe um veto aos livros na voz dos seus censores, o cura, o barbeiro, a ama e a sobrinha do Quixote, que se referem a leitura como um agente viral da loucura do fidalgo sonhador.

Em *Dom Quixote*, Cervantes trabalhou com técnicas e recursos que seriam desenvolvidos na novelística contemporânea, tais como o perspectivismo, o narrador múltiplo, a intertextualidade, a metalinguagem e autocrítica. O autor parece brincar com as palavras ao longo do romance, escrevendo não por engano, o nome que precede o batismo de *Dom Quixote*, de quatro formas diferentes: Quijada, Quesada, Quejana e Quijano. A multiplicação de nomes também acontece com a mulher de Sancho que é apresentada de três formas diferentes: Joana Gutiérrez, Maria Gutiérrez e finalmente Teresa Pança.

O autor emprega expressões que podem ser interpretadas de forma ambígua, como por exemplo, o termo “engenhoso”, que consta no título da obra. Nos tempos de Cervantes o conceito de “ingenio” (engenho) designava uma potência geradora que conjugava curiosidade e uma grande capacidade de apreensão e de invenção. O termo engenhoso também pode ser traduzido como

genioso, o que reforça a idéia de ambigüidade apresentada na obra, que por sua vez, enriquece a leitura e a interpretação do *Engenhoso Fidalgo*.

Gustavo Bernardo³⁶, estudioso da obra cervantina, considera que: “o fidalgo é tão genial quanto manhoso, tão criativo quanto colérico, tão sábio quanto sonso.” Muitas vezes, quando alguém pretende homenagear o autor e/ou a obra, existe a tendência a reduzir as múltiplas perspectivas presentes na obra a uma só, quando na verdade, há inúmeros atributos e perspectivas nesse romance. É preciso ter sensibilidade, e talvez, uma certa engenhosidade para percebê-las.

Outro aspecto importante a ser observado aqui é que Cervantes também multiplica a identidade dos narradores de sua história. Existem pelo menos dois narradores em Dom Quixote: um oficial e outro implícito. O narrador oficial é o mouro Cide Hamete Benengeli, cuja crônica dos fatos é traduzida por outro mouro, e somente depois editada por Cervantes, que se coloca como um “segundo autor”. Sendo assim, o narrador implícito é o próprio Cervantes, que assina a obra e se projeta nela.

Na aparente brincadeira com o significado ambíguo de muitas palavras usadas ao longo da narrativa cervantina, aparece Benengeli, como um dos narradores do romance, e é curioso observar que em árabe – Benengeli - significa: filho do Cervo. Ou será que poderíamos interpretar como Benengeli - o filho de Cervantes? Como podemos perceber, essa pergunta, que fica em suspensão no jogo interpretativo da obra, que poderia fomentar a questão da autoria discutida em *Dom Quixote de la Mancha*.

Portanto, esse romance parece estar em contínua discussão consigo mesmo, através de seus narradores e do diálogo que estabelece com os leitores. Outra questão que se destaca no romance é que o leitor sempre foi uma constante preocupação cervantina. Podemos constatar esse fato na composição do *Engenhoso Fidalgo*, que é uma narrativa que se inicia pela leitura e pela elaboração de um personagem que, de tanto ler, enlouquece.

³⁶ BERNARDO, Gustavo. **Verdades Quixotescas**. São Paulo: Annablume, 2006. p.XX.

Segundo Reynaldo Damázio³⁷, que analisa uma pesquisa realizada em 2002, intelectuais de várias partes do mundo escolheram *Dom Quixote* como a obra de ficção mais importante de todos os tempos, atestando não somente suas qualidades literárias, mas a universalidade e a permanência de seu conteúdo. Cervantes empregou em seu romance uma riqueza de linguagem que oscila entre o rebuscado e o popular, o poético e o prosaico, o provérbio e a parábola, o trocadilho e a referência erudita.

Desse modo, intercalando gêneros e narrativas, este texto paradigmático fundou o romance moderno. José Manuel Blecua, da Real Academia Espanhola, observa que:

O modelo lingüístico mais freqüente no Quixote é o que deriva da representação da língua coloquial em um processo de estilização que é constitutivo da língua literária (...) com finíssimas observações de diálogos e de seus elementos de que deriva a refinada arquitetura de oralidade do texto.³⁸

Um dado importante no que se refere a tradução portuguesa do *Engenhoso Fidalgo* para a língua de Camões é que sua primeira publicação nesse idioma só aconteceu em 1794, quase duzentos anos depois do seu lançamento na Espanha. Talvez essa situação se explique pelo fato de que os leitores portugueses da época tinham o hábito de ler no original. Situação ainda menos alentadora quanto à recepção do livro de Cervantes no Brasil é o fato de que o mercado brasileiro teve sua primeira tradução integral de *Dom Quixote* somente em 1952, sendo traduzido por Almir de Andrade e Milton Amado e publicado pela Editora José Olympio, uma edição que hoje está evidentemente esgotada. Nesse particular, é interessante observar que a edição que ficou mais conhecida no Brasil foi publicada em capa dura pela Editora Nova Cultural e

³⁷ DAMÁZIO, Reynaldo. 'Andamentos em português'. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007. p.76-83.

³⁸ BLECUA, Jose Manuel. *El Quijote el la historia de la lengua española*. In: CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de la Mancha* (edición del IV centenario). Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española, 2004. p.117.

vendida em bancas de revistas, além da edição em formato de bolso editada recentemente pela Editora L&PM.

No intuito de demonstrar como ocorreu a recepção da obra cervantina no Brasil registramos aqui os autores influenciados por Cervantes. Considerando a questão das múltiplas e singulares perspectivas contidas no que se refere à interpretação, podemos perceber especialmente no século XIX, quando os escritores brasileiros demonstraram a nacionalidade em seus escritos, em função do processo de independência da corte portuguesa, uma marca quixotesca nas obras que citamos a seguir. Nesse período aconteceu a consolidação da literatura nacional. Possivelmente foram leitores de *Dom Quixote*, dentre outros: José de Alencar (1829-1877), Aluísio de Azevedo (1857-1913), Coelho Neto (1864-1934) e em especial o escritor Machado de Assis (1839-1908), que estabeleceu uma relação intertextual com o Cavaleiro da Triste Figura através do romance *Quincas Borba*, publicado em 1891, e de Lima Barreto (1881-1922) com seu *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915.

Pode se afirmar que no romance *Quincas Borba*, que Machado de Assis publica em 1891, o personagem do professor Rubião herda de Quincas a fortuna, a estapafúrdia teoria filosófica do humanismo e da demência. Seguido de alguns desgostos, a perda da fortuna e a frustração amorosa, Rubião passa a falar sozinho pelas ruas e a acreditar que seria Napoleão Bonaparte. Do mesmo modo, o personagem Policarpo Quaresma de Lima Barreto enfrenta o drama da loucura, sendo afastado de suas funções no exército e trancafiado num hospício, devido as suas alucinações patrióticas. Assim que o autor publicou seu romance, a crítica literária logo identificou a referência a *Dom Quixote de la Mancha*.

Uma alusão explícita a Cervantes também é feita por José Lins do Rego (1901-1957), em seu romance *Fogo morto*, publicado em 1943. O autor resgata o pensamento humanista no cenário decadente dos engenhos nordestinos através do personagem Vitorino Carneiro da Cunha que, assim como o Engenhoso Fidalgo, é um sujeito atrapalhado e ingênuo preocupado em

defender os desfavorecidos. O personagem sofre injustiças, apanha mas não abre mão de seus ideais diante de uma sociedade que desmorona em seus valores.

Mais recentemente, também Fernando Sabino (1923-2004), leitor Cervantes, mostra em sua obra *O grande mentecapto*, publicada em 1979, a influência que recebeu do autor espanhol. Nesse romance a loucura perpassa a razão. O personagem Geraldo Viramundo, ex-seminarista, realiza suas aventuras malucas em terras mineiras a procura do sentido da existência humana.

Desse modo, ao analisar *Dom Quixote de la Mancha* e seus inúmeros elementos literários, como podemos perceber na breve análise aqui apresentada, acontece um entrelaçamento de símbolos universais e regionais. As questões regionais abordadas na obra tratam do período de profunda transformação que representam o espírito do seu tempo renascentista. Cervantes ultrapassa as demarcações temporais e espaciais, com seus conflitos existenciais que mostram a universalidade de sua obra, como a busca do sentido da existência humana, o idealismo, o paralelo entre ficção e realidade, a dualidade da verdade, a ilusão das aparências e a tematização da loucura. Dessa forma, mesmo depois de quatrocentos anos de seu aparecimento, o Engenhoso Fidalgo segue mobilizando os leitores de todo mundo que continuam se sensibilizando com os temas abordados na obra. Pelas razões aqui expostas, consideramos de profunda relevância o estudo da obra *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes³⁹ em sala de aula.

Ao ler sobre alguns dos muitos caminhos percorridos pelo cavaleiro cervantino, o grupo de entrevistados descobriu o que Foucault constatou ao discorrer sobre o Engenhoso Fidalgo no livro *As palavras e as coisas*: sua paixão pelos livros era tão grande que ele acabou tornando-se também um livro, como num enfeitiçamento dos magos dos romances medievais. Essa questão está muito bem ilustrada na seguinte passagem, onde Foucault discorre sobre o homem que amava tanto os livros que acabou se

³⁹ CERVANTES, 2005.

tornando um livro, o qual jamais poderia ler, por ser ele mesmo letra, página e história:

Dom Quixote deve ser fiel a esse livro em que ele realmente se tornou; deve protegê-lo dos erros, das falsificações, das seqüências apócrifas, deve acrescentar os detalhes omitidos; deve manter sua verdade. Esse livro, porém, Dom Quixote mesmo não o leu nem pode lê-lo, já que ele o é em carne e osso.⁴⁰

Vale ressaltar que *Dom Quixote* demonstrou ter o desejo de conhecer o mundo, de ler, de experimentar a vida como se fosse a leitura de um livro, de viver como se estivesse dentro de um romance de cavalaria. Desse modo, passou a viver a experiência de transformar a própria vida numa obra de arte. No segundo tomo, o Fidalgo descobriu, que lê e é lido, pois tal foi o seu desejo em transpor os livros para o mundo da experiência vivida, que para sua surpresa sua vida transformou-se em história escrita. Ele se tornou o personagem principal de um romance que foi lido e comentado por outros personagens que interagem com ele na obra. E assim, os fios da narrativa quixotesca tecem a intertextualidade, o que pode encantar seus leitores, tanto pelo sentimento de estranhamento, como de algum tipo de identificação com as histórias contadas no romance.

Um dos aspectos estudados através dessa obra, que despertou um grande interesse nos estudantes, foi a contextualização do período histórico em que Cervantes escreveu a história do Cavaleiro da Triste Figura, o final da Renascença. Podemos ter como exemplo os hábitos e costumes dos indivíduos nesse período, como o modo de falar e vestir. Essas observações possibilitaram que os entrevistados estabelecessem uma relação com os costumes da atualidade. A partir dessas atividades foi possível abordar a estrutura da narrativa e seus elementos, como por exemplo: quem são os personagens, o espaço onde acontece a história, o tempo. Dessa forma, foi estabelecida uma conexão entre o passado e o presente através do estudo de costumes dos personagens e autores na época em que viveram. Também por isso,

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p.63.

consideramos importante a contextualização das obras de literatura em sala de aula, pois podem proporcionar a compreensão de diferentes épocas e situações relacionadas com o que o aluno também vivência. Ao tratar dessa questão, Ítalo Calvino faz importantes considerações sobre a leitura dos clássicos, que pensamos ser de grande relevância para o trabalho pedagógico com a literatura:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)...Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.⁴¹

Ao participarem das leituras desse clássico, os entrevistados demonstraram admiração com as descobertas de diferentes culturas e tempos. Esse fato os encorajou a aceitar a proposta de elaborar as suas próprias histórias e compartilhar com seus colegas. Assim, podemos perceber que eles sentiram-se mais à vontade para criar e expor suas criações escritas e orais. A obra *Dom Quixote de la Mancha*⁴² instigou os entrevistados e suscitou as mais diversas impressões e interpretações.

É importante enfatizar que os estudantes idosos contaram inicialmente com a mediação da leitura realizada pela professora. Sendo assim, a leitura não foi neutra. Por isso, essa leitura pode ter influenciado os entrevistados a se envolver com a obra. Mas, aqui nessa pesquisa o que de fato interessa investigar são os elementos da obra que despertaram o interesse dos entrevistados enquanto leitores. Em *Dom Quixote de la Mancha*⁴³ podemos nos deparar com o desejo de saber, a curiosidade intelectual de seus personagens principais e os das histórias que se atravessam no romance. E nesses atravessamentos desponta um importante elemento dos romances cervantinos: a intertextualidade, ou seja, histórias que são permeadas por outras histórias. Além disso, o livro também apresenta cruzamentos de gêneros literários, que é uma presença marcante nas obras do 'pai do Cavaleiro da Triste Figura'.

⁴¹ CALVINO, 1993. p.11.

⁴² CERVANTES, 2005.

⁴³ CERVANTES, 2005.

Desse modo, um importante exemplo de intertextualidade em *Dom Quixote*, pode ser encontrado na história do cura e do barbeiro que discutem na biblioteca, porque desejam saber que livros podiam ter despertado a loucura em *Dom Quixote*. Para isso, examinaram e comentaram cada um dos livros daquela biblioteca. Então, decidiram que alguns livros, por serem obras raras, deviam ser poupados da fogueira e muito bem guardados. Já a ama do Cavaleiro Andante não tinha o desejo de saber do que se tratavam os livros, pois acreditava que a leitura deles teria enlouqueceria seu amo. Segundo sua percepção, nenhum livro deveria ser poupado da fogueira. Por outro lado, Sancho demonstrava ter desejo de saber, conhecer e viver as histórias do mundo letrado de Quixote, e assim, acaba sendo *quixotizado*, ou seja, contagiado pela curiosidade e *loucura intelectual* do Cavaleiro Andante. Nesse sentido Foucault considera que:

O livro é menos sua existência que seu dever. Deve incessantemente consultá-lo, o fim de saber o que fazer e dizer, e quais signos dar a si próprio e aos outros para mostrar que ele é realmente da mesma natureza que o texto donde saiu. Os romances de cavalaria escreveram de uma vez por todas a prescrição de sua aventura.⁴⁴

Considerando que os romances de cavalaria serviram de inspiração e de orientação para a aventura da vida de Quixote, os idosos entrevistados expressaram entender que os romances de cavalaria eram quase como uma Bíblia para o Fidalgo. E que ele procurava seguir os percursos dos cavaleiros, como muitos cristãos tentam seguir os passos e as prescrições dos apóstolos de Cristo. Nesse sentido, pode-se entender que a religião de Quixote era a cavalaria. Essas relações realizadas pelos entrevistados serão relatadas e analisadas mais detalhadamente no terceiro capítulo.

Ao pensar nos elementos de identificação que o *Engenhoso Fidalgo* pode provocar em seus leitores, consideramos importante registrar que ao ouvir as narrativas das aventuras compartilhadas por *Dom Quixote* e Sancho Pança, os entrevistados idosos se identificaram com as cavalgadas de Dom Quixote por alguma região de La Mancha. Vale salientar, para compreender

⁴⁴ FOUCAULT, 1985.p. 61.

melhor esse processo de identificação, que muitos entrevistados cavalgaram pelos *pampas gaúchos*, ou tiveram pais e irmãos que assim fizeram, mas não somente a procura de aventuras, como o Cavaleiro Andante, pois trabalhavam como tropeiros conduzindo o gado. Entretanto, mais que uma simples referência ao seu mundo vivido, os participantes da pesquisa sentiam-se identificados pelos ideais de Quixote e pelo desejo de andar pelos campos em busca do sentido de suas vidas.

Os entrevistados leitores do Cavaleiro da Triste Figura foram tocados pela relação que Dom Quixote estabeleceu com seu cavalo Rocinante. Essa relação poderia ser compreendida como uma importante simbologia de amizade entre o homem e o cavalo, tanto nas batalhas, como no trabalho e no lazer. Nessa relação repleta de simbolismo que é ao mesmo tempo uma representação de elementos regionais e universais, distinguem-se e aproximam-se a ficção da história de *Dom Quixote* à realidade da vida de seus leitores.

Um aspecto importante a ser considerado aqui tem a ver com o fato de que alguns entrevistados eram descendentes de espanhóis e que tinham vizinhos ou conhecidos de seus familiares, que costumavam usar expressões em espanhol misturadas a língua portuguesa. O que lhes causou uma certa familiaridade ou a busca de uma aproximação com a história de Dom Quixote. A questão da linguagem, discutida em sala de aula despertou o que Foucault⁴⁵, considera quando faz referência à “própria similitude tem seu modelo que ela imita servilmente: encontra-o na metamorfose dos encantadores. De sorte que todos os indícios da não-semelhança (...) assemelham-se a esse jogo de enfeitiçamento.” Ou seja, os entrevistados perceberam a linguagem como um jogo de semelhanças e diferenças, que pode ser comparado a uma magia ou enfeitiçamento simbólico da linguagem.

Outro importante elemento a ser considerado no processo de identificação e estranhamento na recepção da obra *Dom Quixote* foi o fato de que muitos entrevistados consideravam-se bons contadores de histórias, mesmo sem nunca ter lido um livro em suas vidas, em função de não saber ler, do

⁴⁵ FOUCAULT. 1985. p.62.

mesmo modo que acontecia com Sancho em algumas passagens da obra lida para os entrevistados. Essa situação despertou nos entrevistados uma certa cumplicidade em relação ao fiel escudeiro. Assim, o grupo de leitores de *Dom Quixote* demonstrou sentir uma profunda admiração pelas pessoas que eram letradas e que compartilhavam com eles as histórias do mundo dos livros. Em boa parte das vezes, esse papel era exercido pelas professoras das escolas. Ao ouvir a seguinte passagem do livro *Dom Quixote* os idosos comoveram-se:

Dom Quixote:- Faço-te saber, Sancho, que é timbre dos cavaleiros não comerem um mês a fio, ou comerem só o que se acha mais a mão; o que tu saberias, se tiveras lido tantas histórias como eu; li muitíssimas...

- Desculpe-me Vossa Mercê – lhe disse Sancho - ; como eu não sei ler nem escrever, segundo já lhe disse, não sei nem ando visto nas regras da profissão cavaleiresca...⁴⁶

Eles mostraram entender e se identificar com o constrangimento de Sancho pelo fato de não saberem ler e escrever, pois o seu mundo estava no âmbito da oralidade. Os idosos contaram que já haviam passado por situações semelhantes, por não saber ler e, conseqüentemente, não tinham acesso ao mundo dos livros e as histórias contidas em suas páginas, consideradas por eles algo sagrado.

Gadamer⁴⁷ considera que não existe somente o leitor da literatura escrita, mas também o ouvinte da literatura não escrita. Desse modo, é importante refletir sobre o fenômeno da *oral poetry*, pois assim a tradição épica dos povos pôde chegar até a atualidade. Partindo dessa perspectiva foi possível entender o processo que se deu com o grupo ao descobrir as narrativas de Sancho e do Engenhoso Fidalgo, uma vez que ao conhecer suas histórias do mundo da oralidade e da escrita os entrevistados passaram a valorizar mais as suas próprias histórias e reconhecer o seu valor. No entanto, muitas vezes sentiram-se diminuídos por não saberem ler, e assim como o fiel escudeiro, eles também se desgostavam por todas as histórias contadas em livros que eles ainda não puderam conhecer.

⁴⁶ CERVANTES. 2005, p.90.

⁴⁷ GADAMER, 1998,p.59.

Os entrevistados ficaram muito interessados nas narrativas de *Dom Quixote*, um homem letrado, que demonstra um especial prazer em contar as histórias. O cavaleiro cervantino leu vários livros que um dia organizou nas estantes de sua biblioteca, que acabou por ser emparedada por ordem do cura e com o consentimento de sua família. E por fim, seus livros foram consumidos pelo fogo de numa fogueira inquisitória. Os entrevistados discutiram muito essa questão que será abordada no terceiro capítulo que trata das questões da leitura sagrada e da leitura profana.

Com a contextualização das experiências dos entrevistados relacionadas ao Quixote, o trilhar dos caminhos da narrativa no espaço da sala de aula transformou-se no lugar da arte de contar, escutar, compartilhar e escrever histórias. Segundo Gadamer⁴⁸ narrar é um processo infinito e aberto, um processo que nunca se esgota em si mesmo e um narrador que não desperte a impressão que poderia seguir narrando toda vida não é um narrador. Assim também pensa Benjamin⁴⁹, que considera o ato de narrar a arte do eterno devir. Nesse sentido, o romance cervantino despertou nos entrevistados o prazer de exercitar a narrativa como algo que pode ser tecido artesanalmente.

Ao considerarmos a experiência dos leitores de *Dom Quixote*, que a partir da leitura de Cervantes compartilharam suas experiências vividas, constatou-se que se tornaram testemunhas uns das experiências dos outros, através dos fios que tecem suas narrativas. Isso foi possível, porque eles foram receptivos ao prazer do texto, da narrativa e da escuta da história do outro. Como constatou Gadamer⁵⁰ não é preciso ver para poder decifrar o escrito, mas o que importa é ouvir o que diz o escrito. Ter a capacidade de ouvir é ter a capacidade de compreender. Desta forma, estabeleceu-se entre os leitores e recordadores um importante laço fraternal tecido artesanalmente pela riqueza e diversidade de suas experiências e da disposição de ouvir aqueles que se sentam à mesa do diálogo e, se dispõem a discutir os possíveis enunciados de um texto literário.

⁴⁸ GADAMER, 1996, p.143-147.

⁴⁹ WALTER, 1975.

⁵⁰ GADAMER, 1998, p.70-71.

A leitura da passagem de *Dom Quixote* citada anteriormente, fazendo referência ao fato de Sancho não saber ler e por isso não conhecer os hábitos dos cavaleiros, aconteceu uma importante discussão. Os entrevistados observaram que o fiel escudeiro preocupava-se com as questões materiais, como por exemplo, ter o que comer, onde dormir. Enquanto o Cavaleiro da Triste Figura preocupava-se e alimentava-se das questões do espírito, como a pureza de sua alma e de seu corpo de cavaleiro andante em luta por nobres ideais. Em outros momentos também aconteceram demonstrações de admiração e encantamento em relação à figura de Sancho, especialmente quando os entrevistados passaram a estabelecer elos de ligação entre esses elementos da narrativa e suas vivências pessoais.

Ao narrar suas histórias de vida, suas alegrias e mazelas, os entrevistados pareciam cada vez mais envolvidos com a teia narrativa que teciam. Ao ‘desenhar’ as letras numa simples folha em branco ou nas linhas de seus cadernos lugar onde contavam, criavam e recriavam suas histórias, eles puderam mostrar as marcas de suas vidas que estão registradas em seus corpos e mentes.

Portanto, quando abordamos a questão da experiência estética vivenciada pelos entrevistados através da literatura é importante considerar as reflexões realizadas por Gilvan Fogel⁵¹ em seu livro *Conhecer é criar*. Nesse livro, o autor explica que a expressão **experiência** numa perspectiva etimológica, é uma palavra que em grego, como em latim, vive da raiz **per** e os vocábulos, assim como as plantas viveriam de suas raízes. É importante considerar que nas línguas germânicas existe igualmente **per**, mas em forma de **fahr**, por isso **experiência** diz-se **Er-fahrung...per** é atravessar. Deste modo, podemos pensar em experiência (*Erfahrung*) como uma viagem. Viagem como verbo e não como substantivo, trata-se de ser e estar em viagem, estar a caminho. Então, experiência pode ser percebida como travessia, ou simplesmente uma viagem rumo à diferentes narrativas que podem unir de alguma forma as diferentes gerações que perpassam essa pesquisa. Essa situação pode ocorrer através da

⁵¹FOGEL, Gilvan. **Conhecer é criar**. São Paulo: Discurso Editorial, Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

travessia ou viagem que representa o prazer de ler, interpretar e narrar um texto, seja literário, ou de uma experiência pessoal que possa tocar a subjetividade do outro de alguma maneira.

Como Rohden⁵² percebeu “do acordar ao adormecer estamos a interpretar, e um texto (em suas múltiplas acepções) sempre dá o que pensar”. Desse modo, podemos constatar que cada um interpretou, recriou e significou Dom Quixote de acordo com suas experiências de vida e conhecimentos pré-existentes, ou seja, elementos da cultura de seu tempo. Ao ouvir a seguinte passagem de *Dom Quixote de la Mancha*, os estudantes ficaram interessados em conhecer a história do Rei Artur:

- Nunca leram Vossas Mercês – respondeu Dom Quixote – os anais e histórias de Inglaterra, que tratam das famosas façanhas do Rei Artur, a quem geralmente em nosso romance castelhano chamamos o Rei Artus (...) Pois bem; em tempo daquele bom rei foi instituída aquela famosa ordem dos cavaleiros da Távola Redonda, e ocorreram, como pontualmente ali se conta, os amores de Dom Lançarote do Lago com a Rainha Ginevra (...) donde procedeu aquele tão sabido romance, e tão decantado em nossa Espanha, de:
Nunca fora cavaleiro
De damas tão bem servido,
Como fora Lançarote
De Bretanha arribadiço
com toda a mais série, tão doce suave, das suas amorosas e fortes
façanhas.⁵³

A linguagem dessa passagem provocou estranhamento nos entrevistados, pois não estavam acostumados a ouvir e nem mesmo a falar dessa forma tão elaborada e de certo modo rebuscada, condizente com a época em que foi escrita. Mas, logo em seguida, eles demonstraram interesse em conhecer tanto a história do Rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, em saber um pouco mais da cultura inglesa e os costumes da época mencionados por Dom Quixote.

Desse modo, podemos reconhecer a importância da leitura como um incentivo ao conhecimento e o despertar o desejo de conhecer outras culturas. A propósito poderia se considerar aqui, outra vez, o que foi afirmado

⁵² ROHDEN, L. 2008, p.56.

⁵³ CERVANTES, 2005, p.104.

por Ítalo Calvino⁵⁴ sobre a importância e o papel de um clássico como uma obra que sempre tem mais a dizer a seus leitores. Nessa pesquisa enfatizamos o papel e o lugar do sujeito leitor que pode experimentar o prazer da leitura, do desejo de registrar suas impressões a respeito da mesma. No livro *As palavras e as coisas* Michel Foucault⁵⁵ analisa os símbolos articulados em *Dom Quixote*, enunciando que o Engenhoso Fidalgo “é escrita errante no mundo em meio à semelhança das coisas”, e ainda, que “o livro é menos sua existência que seu dever” e segundo o Cavaleiro Andante é o nosso dever ler o livro.

Assim, no decurso desse trabalho, foi possível constatar o interesse dos entrevistados em relação aos livros e experimentar entrar numa biblioteca e sentir-se um pouco Dom Quixote, ao pegar livros e querer saber que outro mundo pode existir dentro deles. Como percebeu Foucault⁵⁶, o Cavaleiro Andante persegue a decifração do mundo, a linguagem do mundo. O Fidalgo se aventura a ler o mundo para demonstrar os livros e lê os livros para experimentar o mundo. Os estudantes foram tocados pela estreita ligação que o Cavaleiro Andante estabeleceu entre as aventuras do mundo ficcional e do mundo real.

Uma das passagens da referida obra lida no Sarau Literário que pode demonstrar essa relação, além da paixão do Fidalgo pelos livros, é a seguinte:

Num lugar de la Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor (...) Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um moço da pousada e de porta afora, tanto para o trato do rocim como para o da fazenda. Orçava na idade, o nosso fidalgo pelos cinqüenta anos. (...) É pois de saber que esse fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo o exercício de caça, e até da administração de seus bens, e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias.⁵⁷

⁵⁴ CALVINO, 2005, p. 63.

⁵⁵ FOUCAULT, 1985, p.61.

⁵⁶ FOUCAULT. 1985.

⁵⁷ CERVANTES, M. 2005, p.29-30.

Ao ouvir a história de *Dom Quixote* os estudantes perceberam ‘o jogo de enfeitiçamento⁵⁸’ da linguagem desse texto, que ora aponta um moinho, ora aponta um gigante. Nesse sentido, foi interessante observar o *jogo quixotiano* que eles fizeram com a sonoridade da linguagem, associando as palavras, aos nomes dos personagens da história com outras palavras comuns em seu cotidiano. Eles sentiram-se atraídos e de certo modo identificados com Cavaleiro Andante por perceber e se envolver no jogo que o personagem faz entre ficção e realidade. Esse movimento poderia ser pensado, como considera Foucault⁵⁹, uma espécie de metamorfose de um encantador de signos, pois para Dom Quixote “a verdade não está na relação das palavras com o mundo, mas na tênue e constante relação que as marcas verbais tecem de si para si mesmas.” Os entrevistados pareceram de fato ter incorporado o *espírito quixotiano*, realizando incríveis relações em suas histórias contadas em seus relatos orais.

1.5 Nós e Sancho Pança

A obra de Cervantes não era diretamente conhecida pelos entrevistados. No entanto, o entrevistado E. disse ter ouvido falar sobre um tal de Dom “Chico Chicote”, num seriado de televisão e que parecia ser o *Dom Quixote*. Essa situação pode ser decorrente do fato de que a obra de Miguel de Cervantes pertence ao mundo dos homens letrados e os estudantes idosos estavam sendo alfabetizados. Embora, pertencessem a tempos e espaços diferentes, houve um encantamento entre os idosos pela obra de Cervantes. Como um autêntico clássico, *Dom Quixote*, atravessa as fronteiras espaciais e temporais, supera distâncias regionais e conquista leitores de diferentes gerações, o que reforça o perspectivismo demonstrado na obra, onde cada personagem tem uma visão peculiar do mundo. Ao discutir esses temas os entrevistados levantaram questões a respeito do analfabetismo na fase adulta e

⁵⁸ Expressão de Foucault (1985.62)

⁵⁹ FOUCAULT. 1985, p.62-63.

dos seus desejos em conhecer o mundo dos livros. Eles registraram suas considerações no seguinte texto elaborado coletivamente:

Nós e Sancho

“Sancho se aproximou de Dom Quixote, que era um homem letrado, para conhecer a história dos livros. Nós, da turma 106, procuramos a escola para aprender a ler e a escrever. Nós fomos criados na faculdade da vida e Sancho também. Assim, aprendemos a enfrentar os obstáculos do mundo. Sancho sonhava em ser dono de uma ilha, mas acabou conquistando uma boa amizade com Dom Quixote, assim como nós com ele.”

Um dos mais significativos enunciados desse texto coletivo se refere à amizade entre o cavaleiro cervantino e seu fiel escudeiro, e ainda, a relação que o grupo estabeleceu entre si e com a referida obra. Como mostrou Antoñanzas: “La relación entre amo y escudero se convierte de este modo en un verdadero ejercicio de amistad.”⁶⁰ Essa relação foi estabelecida a partir do compartilhar diferentes experiências. Desse modo, os entrevistados passaram a relatar junto ao grupo os seus sonhos, angústias e inquietações, como a busca pelo sentido de suas vidas, questão que também os aproximou de Dom Quixote.

Como assegurou Cícero, um dos autores clássicos lidos por Cervantes, a amizade “faz as coisas prósperas mais esplêndidas, e as adversas, partilhando e comunicando, torna-as mais suportáveis”.⁶¹ E com essa experiência de partilhar suas vivências, gostos e desgostos, os entrevistados passaram a valorizar mais as suas próprias histórias, entendendo que a arte de contar histórias não está confinada nos livros, mas também está viva e tem valor no âmbito da oralidade. Essa constatação teve como consequência o aumento do desejo em escrever as suas narrativas. E assim, o espaço da sala de aula se tornou o lugar da arte da narrar, escutar, compartilhar e escrever histórias e versos. E como assegura Benjamin⁶², um leitor atento de Cervantes, “a narrativa (...) não se exaure, conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo”, nos remetendo ao contínuo devir da arte de narrar.

⁶⁰ ANTOÑANZAS, 1998, p.287.

⁶¹ CICERO, Marco Tulio. **Da velhice e da amizade**. São Paulo: Cultrix, (s./d.)

⁶² BENJAMIN, 1975,p.62.

Para o grupo de entrevistados o espaço escolar se tornou o lugar da recuperação e do relato de suas memórias e experiências vividas ou criadas, através de textos e narrativas. Também observamos que os sujeitos começaram a perceber o outro como testemunhos de suas histórias. A entrevistada M., fez a seguinte declaração ao tratar sobre a importância da leitura e da escrita: “Eu quero saber ler e escrever todas as letras para contar minha vida e deixar gravada por escrito, para que não esqueçam que eu vivi.” Nesse sentido, a autora Ecléa Bosi⁶³ relaciona a arte de esculpir à arte de narrar memórias, criando imagens, perspectivas e sentidos novos ao que foi vivido e ao que foi criado no interstício entre evocação do passado e da imaginação. A conversa evocativa de quem muito viveu, como a aluna M., pode revelar a memória como uma obra de arte que contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura.

E assim, *Dom Quixote*, um personagem criador de cultura, junto de seu fiel escudeiro, Sancho Pança, saíram das páginas de um livro rumo ao cenário preferido dos entrevistados na cidade de Porto Alegre: a Praça da Matriz. Afinal, como percebeu Rohden⁶⁴ “ler é uma forma de se perder diante do mundo da obra para se reencontrar num outro nível.”

⁶³BOSI, Ecléa. *Tempo vivo da memória. Ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

⁶⁴ROHDEN, 2008, p.204.

Capítulo II - Dom Quixote vai à praça

2.1 A Praça da Matriz

No capítulo anterior mostramos como o grupo de entrevistados passou a apreciar a arte da narrativa ao serem apresentados a *Dom Quixote de la Mancha*. Neste capítulo abordamos o tema das histórias de vida narradas pelo grupo de entrevistados. A partir da leitura do cavaleiro cervantino os estudantes passaram a valorizar e narrar suas histórias, especialmente aquelas que tiveram como cenário a Praça da Matriz. Essa praça, que oficialmente recebeu o nome de Marechal Deodoro, foi o lugar escolhido pelo grupo como o mais significativo da cidade de Porto Alegre. As principais razões apontadas por eles para essa escolha foram as lembranças da praça da igreja de suas cidades de origem, além das possibilidades de verem e de ser vistos, ou seja, da socialização oferecida pelo espaço público da Praça da Catedral.

Para compreender a relação que aconteceu entre os idosos e a praça, a Catedral e a figura de *Dom Quixote*, buscamos investigar o significado dessas relações simbólicas. Para tanto, realizamos uma breve descrição dos aspectos geográficos e históricos dos lugares em questão, seguida das respectivas análises.

No que diz respeito à relação entre memória e espaço público, convém fazer inicialmente uma referência ao que foi afirmado por Ecléa Bosi. No entender de Bosi⁶⁵, “as lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade, presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.” A partir dessa perspectiva, pensamos que também para os idosos envolvidos nesta investigação as lembranças podem se apoiar nas pedras das praças, dos seus monumentos e das igrejas,

⁶⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.p.443.

pois esses lugares atuam como um cenário repleto de imagens que são símbolos de nossa história de vida e de nossa cultura.

Dado ao fato de que os idosos não sabiam ler, antes de iniciar o processo de alfabetização que se deu no decorrer deste trabalho, é importante ressaltar que as narrativas da Bíblia eram lidas pelos entrevistados através das ilustrações presentes em algumas edições da Escritura Sagrada, assim como nos vitrais e outras obras de arte presentes nas Igrejas. Nesse sentido, Gadamer⁶⁶ considerava que as artes plásticas atuavam como a *Biblia pauperum*, ou seja, a escritura para aqueles que não sabiam ler. Desse modo, os símbolos religiosos agem através da expressão artística e se oferecem como leitura (até os dias de hoje) aos olhos daqueles que não estão alfabetizados e também para aqueles que estão, como uma leitura simbólica da narrativa religiosa. Ou seja, os símbolos expostos nos espaços do interior e do exterior da Catedral podem ser interpretados como uma escritura a ser lida por todos aqueles que a observam.

No que se refere ao conceito de símbolo recorreremos aos estudos do filósofo Paul Ricoeur⁶⁷ que assegura: “chamo de símbolo a toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa por acréscimo um outro sentido indireto, secundário, figurado, que apenas pode ser apreendido através do primeiro”. Ao explicitar a questão do simbólico, podemos pensar na praça como um símbolo primário que remeteria por acréscimo a um outro sentido, ou seja, à busca da familiaridade perdida nas cidades de origem dos entrevistados. No intuito de familiarizarem-se com a cidade grande, os estudantes idosos buscaram um lugar que, de algum modo, os lembrasse de suas culturas e de seus mitos. E, para fazer essa relação eles se valeram dos símbolos presentes na Praça da Matriz.

Também no contexto desse espaço público um dos símbolos que despertou importantes discussões foi o monumento de Júlio de Castilhos – o homem a cavalo – que os entrevistados associaram a Dom Quixote - a

⁶⁶ GADAMER, 1996, p. 151.

⁶⁷ RICOUER, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Porto, Portugal: Rés-Editora, 1998. p.14.

representação da valentia e do idealismo (de acordo com suas interpretações). Na Catedral, as imponentes imagens dos santos foram as mais significativas para os entrevistados que disseram se sentirem protegidos e inspirados por elas. Assim, podemos perceber que acontecem nesses casos uma circunscrição das expressões com sentidos múltiplos presentes no processo de interpretação do mundo simbólico.

Mesmo depois de tantas visitas à praça, os entrevistados detiveram sua atenção no monumento erguido em homenagem ao político positivista Júlio de Castilhos somente a partir da visita realizada com a escola. Esse monumento está localizado num ponto privilegiado da praça, porém, eles desconheciam a existência e o significado desse personagem para a história do Estado do Rio Grande do Sul. Os estudantes conheciam a história de Dom Quixote, um personagem literário que despertou um forte processo de identificação entre eles. Em função disso o grupo relacionou o monumento do homem a cavalo presente na praça com a imagem do cavaleiro cervantino. Contudo, eles julgavam conhecer cada ponto significativo da praça, os bancos - um amparo na hora do descanso e da contemplação, os arbustos e árvores que lhes ofereciam sombra e beleza. Com a visita promovida pela escola, alguns pontos da praça, como o monumento, os prédios históricos e institucionais do seu entorno, passaram a fazer parte das suas discussões em sala de aula.

Os entrevistados relataram como se realizou o processo de adaptação e de reconhecimento dos espaços públicos de Porto Alegre, em especial as experiências que viveram ao conhecer diferentes pessoas e histórias na Praça da Matriz. Esse processo pode muito bem ser interpretado na perspectiva apresentada por Gilvan Fogel. Como considera Fogel⁶⁸: “viver, existir, ser – isto é ser homem – é também *conhecer*.” Mas o que seria o processo de *conhecer*? Podemos argumentar que ao conhecer participamos das coisas, não ocupamos simplesmente uma posição passiva de observadores, mas de participantes, comungando com o que se está conhecendo. Assim, podemos encarar o processo de conhecer como a confraternização com as coisas, com o

⁶⁸ FOGEL, 2003, p.16.

entorno, o contorno e com o mundo. Essa afirmação pode ser percebida como uma *interpretação* singular do que seria o processo do conhecer. Então, podemos lançar um outro olhar para esta mesma questão. Como sugere ainda Fogel⁶⁹: “O conhecimento seria a busca, a apreensão e a determinação da verdade, isto é do ser das coisas.” E, assim, se deram inúmeras histórias vividas pelos entrevistados na praça e narradas como uma busca de apreensão do ser na cidade de Porto Alegre.

Ao chegar na Praça da Matriz, a imagem de Júlio de Castilhos pareceu ter sido vista com outros olhos pelos estudantes, pois, ao se depararem com a aquela majestosa estátua de um homem montado a cavalo, aconteceu o despertar de diversos sentidos no imaginário do grupo. Alguns entrevistados relataram que naquela ‘altura da vida’ estavam descobrindo coisas novas até mesmo em lugares tão familiares como a praça. Contudo, múltiplas interpretações foram suscitadas e podemos constatar que o Cavaleiro da Triste Figura saiu das páginas do romance lido no Sarau Literário e, como indica Foucault, passou a integrar a história dos entrevistados:

Dom Quixote (...) longo grafismo magro como uma letra, acaba de escapar diretamente da fresta dos livros. Seu ser inteiro é só linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas.⁷⁰

Dessa forma, as diversas narrativas presentes nos dois volumes do Engenhoso Fidalgo envolveram os entrevistados, despertando um processo de identificação e os idosos conferiram ao cavaleiro cervantino um lugar pleno de significado em suas vidas. Alguns participantes do grupo associaram o símbolo regional e universal do homem valente a cavalo como o santo católico São Jorge Guerreiro. Outros, associaram o monumento ao Orixá Ogum, cultuado pelas religiões afro-brasileiras. Contudo, também houve quem preferisse ler a placa para ver de quem realmente tratava o monumento. O estudante J. acreditava que poderia ser Dom Quixote, pois tinha sido um

⁶⁹ FOGEL, 2003,p.17.

⁷⁰ FOUCAULT, 1985,p.61.

importante cavaleiro que corria rumo à realização de seus sonhos e ideais de defender os fracos e oprimidos e, ainda, estava completando quatrocentos e um anos de existência. Em sua interpretação esses motivos bastavam para que o cavaleiro cervantino tivesse uma estátua erguida numa das principais praças da cidade.

Todo esse complexo sistema de símbolos e representações constituiu a percepção dos idosos. Sua interpretação, no entanto, demanda uma análise mais detalhada, uma vez que se trata de compreender o significado que adquiriram para aqueles observadores. De acordo com Gadamer⁷¹, a comunidade pode reconhecer seus símbolos e afirmar-se ao reconhecê-los, uma vez que no símbolo se conhece e reconhece algo significativo para os sujeitos. Seguindo a perspectiva gadameriana, a obra de arte, por exemplo, nos proporciona um reconhecimento do que estaria plantado nas entranhas do mundo do ser humano, como uma tarefa que nunca poderá resolver definitivamente em sua existência. Desse modo, podemos constatar que, ao conviver com os símbolos da Praça da Matriz, os entrevistados compartilharam o sentimento de identificação com a aventura quixotesca em busca pelo sentido da vida. E, assim, o Cavaleiro da Triste Figura e seu cavalo Rocinante parecem ter saltado das páginas do livro lido pelo grupo e passaram a fazer parte de suas experiências e interpretações de mundo.

Como afirmou Gadamer⁷², interpretar não é explicar ou conceber, mas compreender, fazer exegese (comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra, interpretação de obra literária, artística), é interpretação (*Auslegen*). Portanto, interpretar seria criar um espaço aberto onde se pode mostrar/apresentar algo de modos diversos. Para Gadamer, a interpretação tem dois sentidos:

Señalar algo (auf etwas deuten) e interpretar algo (etwas deuten). Es claro que ambos están mutuamente conectados. Señalar algo significa mostrar, enseñar (zeigen), y tal es el sentido propio del signo (Zeichen). Interpretar algo se refiere siempre a un signo tal que indica

⁷¹ GADAMER, 1996, p.149.

⁷² GADAMER, 1996, p.74-75.

o señala desde sí. Entonces, interpretar algo significa siempre “interpretar un indicar” (ein Deuten deuten).⁷³

Seguindo as trilhas da interpretação do sentido e do significado do monumento da praça, a entrevistada M. acreditava que em frente a uma igreja católica só poderia ter um monumento erguido em homenagem a um santo também católico, tão poderoso como São Jorge Guerreiro. Entretanto, a estudante Ja. defendia a idéia de que a imagem podia também se referir a Ogum, Orixá que de acordo com o sincretismo religioso⁷⁴, era referente ao santo guerreiro católico. Contudo, é importante entender essas interpretações dentro de um contexto escolar em que estava se iniciando um diálogo intercultural e religioso entre os entrevistados. Possivelmente, em função das discussões sobre as suas manifestações culturais e religiosas que aconteceram em sala, eles tenham se sentido encorajados a expressar suas interpretações a respeito das simbologias presentes no espaço público.

Os entrevistados demonstraram perceber a praça como o lugar de ver e de serem vistos pelos outros, de descansar no final do dia, de observar o movimento dos transeuntes e as manifestações populares que ali acontecem. Além disso, a praça era o lugar do passeio com a família nos finais de semana. Isso era descrito a partir desse ponto privilegiado da cidade, como o lugar de participar e observar os seus movimentos, desde os mais cotidianos e familiares até os religiosos ou movimentos políticos.

2.1.1 A praça da igreja – um olhar histórico e cultural

Desde a Antigüidade clássica sabemos da importância da praça na vida dos cidadãos, que se reuniam em assembléia para discutir, deliberar e participar das decisões do seu grupo social.⁷⁵ Nas cidades européias, no período medieval, podemos constatar que o espaço público tinha uma estrutura

⁷³ GADAMER, 1996, p.75.

⁷⁴ Modo que as religiões afro-brasileiras encontraram para manterem vivos os seus cultos ao chegarem no Brasil. (Nota da Autora)

⁷⁵ BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 76.

complexa, pois era para esse local que convergiam os diversos poderes: o episcopado, o governo municipal, as ordens religiosas e as corporações. As praças não eram recintos independentes das ruas, mas largos ligados estreitamente às ruas que para elas se direcionavam.

O centro de uma cidade medieval era composto por quatro elementos característicos: o largo da igreja principal, a praça do mercado com a municipalidade, a rua principal que passava tangente a estes dois espaços e o largo da igreja secundária. Essa cartografia ainda pode ser observada nas cidades nos dias de hoje, seja no interior ou nas capitais, como no caso da Praça da Matriz de Porto Alegre.

Na Renascença, o centro da cidade geralmente se organizava da seguinte forma: atrás do palácio público havia uma praça menor para o mercado, de modo que a praça principal não fosse estorvada pelas bancas e pelas tendas dos vendedores. Esse é um elemento que também podemos perceber na Praça da Matriz, guardadas as devidas proporções, relacionadas a tempo e espaço. Os prédios institucionais que representam o poder maior do Estado se localizam na parte mais alta do centro da cidade. A praça do Mercado Público se localiza nas proximidades do Cais do Porto, ou seja, longe da praça dos poderes. Na praça do Mercado circulam vendedores e boa parte da população, sem os possíveis constrangimentos produzidos pelas imponentes imagens.

2.1.2 O sentido do espaço público: a praça como o lugar de todos

É nos espaços privilegiados das praças das cidades que vem à luz a multiplicidade da sociedade, seus dramas e o confronto entre direitos de cidadania. Condensam-se as diferentes experiências sociais, exacerbam-se os conflitos, percepções e ambigüidades: o todo reitera-se em suas partes.⁷⁶

⁷⁶ ROCHA, Fabio e MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2002, p.10.

Para os entrevistados a praça era considerada o lugar de todos, enquanto os palácios e a Catedral que a rodeiam seriam apenas espaços de circulação de alguns. Assim, eles perceberam a praça como um lugar privilegiado, seja do encontro entre diferentes pessoas, da possibilidade de interagir com o outro e também da efervescência do *caldeirão cultural* em que ela se transformou. Essa imagem pode ser visualizada nos movimentos dos jovens tatuados que escalam muros e monumentos, nos skatistas, nas crianças que ora se divertem jogando bola, por vezes sua diversão é falar no celular e usar seus brinquedos eletrônicos. Nesse espaço encontram-se, assim, os idosos que observam o passar do tempo e tecem suas narrativas (mesmo que solitariamente), bem como os transeuntes apressados do centro da cidade, os mendigos, os guardadores de carros, os manifestantes, os políticos e todos os cidadãos que por ali passam. Nesse contexto, podemos dizer que no *caldeirão cultural* da Praça da Matriz o todo pode se reiterar em suas partes. Contudo, em meio a toda a efervescência desse espaço público, os estudantes idosos encontraram o seu lugar de expressão na cidade.

Como consideram Rocha e Macedo⁷⁷, a praça é o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, desde o período do Brasil Colonial e de seus colonizadores europeus; é nesse espaço que a população manifesta sua territorialidade, os fiéis demonstram sua fé, os cidadãos manifestam seus hábitos, costumes e os diferentes estratos da sociedade se articulam. Essa é uma descrição muito adequada à Praça da Matriz, palco de diversas manifestações culturais, desde apresentações de orquestras e corais, protestos políticos e manifestações religiosas até a mais simples e cotidiana brincadeira de *pega-pega* das crianças, movimentando a praça junto a seus outros tantos frequentadores.

Desse modo, ao procurar entender a importância e o sentido da praça para os entrevistados podemos recorrer aos estudos de Rocha e Macedo⁷⁸ e encontrar a referência das praças das cidades coloniais que se desenvolviam

⁷⁷ ROCHA e MACEDO, 2002, p.22

⁷⁸ ROCHA e MACEDO, 2002, p.19,20

centrifugamente a partir da fundação da igreja. Esses espaços se assemelham aos núcleos medievais europeus de nossos colonizadores que se desenvolviam a partir de estruturas religiosas, onde se instalavam toda sorte de edifícios importantes da cidade, tal como aconteceu em Porto Alegre.

Os entrevistados exaltaram o valor da religiosidade e, mesmo não sendo católicos, consideravam a Praça da Matriz uma referência importante na cidade, em função de sua localização em frente à Catedral. Segundo suas considerações, a praça da igreja é um dos lugares mais importantes de todas as cidades. Possivelmente isso aconteça em função deles trazerem consigo as lembranças de suas cidades de origem, lugar onde os principais movimentos da cidade aconteciam.

2.2 Cartografia da Praça da Matriz

O local onde atualmente está situada a Praça da Matriz foi importante para Porto Alegre desde sua fundação, pois se trata de uma elevação, situada na região central da cidade. Antigamente era possível vislumbrar da praça uma ampla vista do estuário do Lago Guaíba, uma vez que ao norte existia apenas um muro de arrimo. Hoje edifícios ocultam esse cenário, impedindo aos freqüentadores da praça a apreciação de tal paisagem. A atual Rua Duque de Caxias (que passa em frente à praça) chamava-se Rua da Igreja, considerada um marco divisor da cidade, separando a parte leste e parte oeste da cidade.

A Praça da Matriz existe desde 1773. Originariamente era uma antiga chácara, que tempos depois foi chamada Largo do Palácio, pois o palácio do governo se localizava em seu entorno. Em 1882 foi toda arborizada, inclusive com 20 oliveiras vindas de Portugal. Em 1910 a praça recebeu o monumento a Júlio de Castilhos, uma homenagem ao importante líder político local, seguidor da filosofia positivista de Auguste Comte. O monumento foi construído na França e é um exemplo da estatuária monumental positivista do Rio Grande do Sul.

Esse monumento espelha bem o que poderia ser considerada a imagem da afirmação das representações ideológicas no espaço público.

Nesse período histórico de virada de século, o positivismo e seus representantes deixaram suas marcas no espaço público através da construção de monumentos. Muitas vezes, quando são referidos os monumentos da Praça da Matriz, eles são associados à arte popular, ao se considerar que estão no espaço público, mesmo que de forma arbitrária, pois não houve uma consulta popular para averiguar a aceitação da localização do monumento. Como sabemos, os monumentos erguidos no espaço público são uma forma de deixar marcas, imagens e signos emblemáticos de poder que também são oferecidos pela arquitetura dos prédios do entorno da praça.

Em sua estrutura atual, a Praça da Matriz tem a forma de um retângulo e no seu entorno podemos encontrar oito canteiros verdes cercados por grades de ferro e vários bancos, onde os seus freqüentadores podem descansar. No espaço mais próximo à Assembléia Legislativa podemos encontrar um espaço com brinquedos para as crianças, onde há balanços, escorregador, caixa de areia e gangorras. Nesse sentido, a praça oferece espaço para o desenvolvimento de atividades lúdicas.

No centro da praça existe um espaço livre, onde as pedras que a pavimentam formam desenhos geométricos representando o Sol, numa clara alusão aos ideais iluministas assumidos pelo pensamento positivista. Nesse mesmo espírito, próximo ao centro pode-se encontrar o monumento a Júlio de Castilhos, que oferece aos olhos dos freqüentadores deste lugar diferentes imagens, inclusive uma imagem de Tiradentes, outro ícone do pensamento iluminista da cultura brasileira do período colonial. Na parte do monumento voltada para o Palácio Piratini encontramos a imagem de um jovem gaúcho representando Júlio de Castilhos em sua brava juventude, empunhando uma espada, montando um cavalo que se equilibra nas duas patas traseiras. Embaixo dele encontra-se representada a ossada da cabeça de um boi.

Atrás do cavaleiro encontra-se a imagem de Júlio de Castilhos em sua maturidade, sentado numa espécie de trono com um livro na mão,

observando a parte baixa do centro da cidade e o Lago Guaíba. Logo abaixo dos seus pés podemos vislumbrar um pequeno dragão, voltado para o Theatro São Pedro. Postados à frente e abaixo desse imponente observador (Júlio de Castilhos) encontram-se dois enormes cachorros (machos) em posição de guarda. Um olhar desatento pode confundi-los com leões devido ao seu porte.

Voltada para a Assembléia Legislativa encontra-se a figura de uma mulher de braços abertos. Suas formas podem lembrar um anjo dando impulso para um vôo. No topo do monumento existe a imagem de um homem que parece ser um guerreiro de pé, em cima do globo terrestre com uma tocha na mão direita. Em direção à Assembléia Legislativa também podemos encontrar a imagem de um menino, a representação de Júlio de Castilhos em sua infância.

Como sabemos, as imagens, além de signo, também agem e podem executar o papel de ator social, produzindo efeitos como a disseminação da imagem do que seria a construção da identidade do gaúcho: um homem guerreiro, trabalhador, valente, honesto, corajoso e amigo do cavalo, seu companheiro no trabalho e no lazer. Segundo Gadamer⁷⁹, o signo precisa ser visto a partir de uma totalidade ligada em si, é o indicar, interpretar de algum modo esclarecer (*verdeutlichen*) o que o ente mesmo indica. O signo indicaria uma busca de interpretar algo que se oculta, como por exemplo, a expressão de um gesto. E, no caso desta pesquisa, o sentido do gesto do homem e do cavalo se ocultava até o momento em que o grupo, através da associação com um personagem conhecido e significativo para suas vidas, passou a interpretá-lo no intuito de esclarecer o seu significado.

Ao considerar o símbolo do homem a cavalo regional, mas também universal, podemos constatar que esse pode ter sido o motivo que provocou a identificação do grupo com o cavaleiro cervantino. E, essas imagens podem atuar na construção de identidades que inventam e reinventam a figura do gaúcho. Assim, o lugar e suas imagens podem suscitar experiências e os sujeitos podem interpretar as imagens do espaço público.

⁷⁹ GADAMER, 1996, p.75-76.

No entorno da Praça da Matriz também existe um prédio histórico, denominado popularmente de “Forte Apache”, lugar que atualmente abriga o Memorial do Ministério Público, mas que no passado foi a residência oficial de alguns governadores, como Júlio de Castilhos, e ainda abrigou a Casa das Armas do Estado. Nas proximidades da praça estão localizados também outros prédios históricos, como a Biblioteca Pública em estilo renascentista. Ao passar por esse lugar, que seria tão cheio de significado para o personagem literário Dom Quixote, os entrevistados lembraram-se do emparedamento da biblioteca do fidalgo e disseram que de alguma forma esse lugar também era vetado para eles, uma vez que não sabiam ler. Dessa forma, podemos perceber como os entrevistados ficaram impregnados das histórias quixotianas a ponto de estabelecerem diversas relações entre as narrativas do cavaleiro cervantino e as suas.

O grupo também passou pelo Solar dos Viscondes de São Leopoldo e de Pelotas, com portão de ferro contendo brasões de seu primeiro proprietário e que abriga hoje um centro cultural administrado pela Assembléia Legislativa, e pelo Museu Júlio de Castilhos, com seu considerável acervo histórico.

Se consideramos agora o conjunto arquitetônico do entorno da Praça da Matriz, podemos então observar com mais detalhes as características dos prédios históricos que a constituem.

a) A Catedral Metropolitana

A localização da Catedral Metropolitana é a mesma da antiga Igreja Matriz de Porto Alegre e do antigo cemitério da capital. O principal destaque da Catedral é a sua cúpula de 65 metros, com um diâmetro interno de 18 metros. Em toda a sua opulência, a Catedral desperta a imagem de culto devocional, através de um vínculo subjetivo com a devoção religiosa. Nesse sentido, talvez seja interessante observar, o que afirma Meneses⁸⁰, de que

⁸⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. ‘Rumo a uma história visual.’ São Paulo: Novaes, 1977.

muitas imagens existem para agir e não para comunicar sentidos, pois envolvem complexas conotações, como, por exemplo, as religiosas e as políticas.

b) O Palácio Piratini

O Palácio Piratini é a atual sede do poder executivo do Rio Grande do Sul. Foi construído com arquitetura estilo Luiz XVI e seus lustres são réplicas dos encontrados no Palácio de Versailles. Construído por ordem do governador Júlio Prates de Castilhos para celebrar a República e expressar a força política do estado positivista, o Palácio foi projetado pelo arquiteto francês Maurice Grãs em estilo neoclássico, incorporando traços do barroco e do rococó, e foi decorado por pinturas de Aldo Locatelli, fazendo referência a elementos culturais do povo gaúcho.

Aqui vale lembrar o que foi afirmado por Walter Benjamin. Para Benjamin⁸¹ a arquitetura nos apresenta diferentes modelos de obra de arte, que podem ser acolhidos pela admiração coletiva. Nesse caso a expressão admiração tem a conotação de obra de arte como forma de penetrar as pessoas em seu imaginário e subjetivar a produção de sentidos. E as leis dessa acolhida são as mais ricas em ensinamentos, considerando que os homens sempre têm a necessidade de morar e que, por isso, a arquitetura nunca parou, desde a pré-história, enquanto outras formas de arte do mesmo período não resistiram ao tempo e desapareceram.

O nome Piratini foi dado ao palácio em 1955 para homenagear a primeira capital Rio-grandense durante a Revolução Farroupilha (1835-1845). Aqui podemos perceber o apelo ideológico realizado através da construção de prédios públicos e de sua denominação. Essas imagens servem de guia para um grupo social altamente hierarquizado. Como considera Meneses⁸², são imagens emblemáticas que integram uma rede de imagens, que possibilitam a

⁸¹ BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p.32.

⁸² MENESES, 1977, p.35.

imposição de uma determinada ideologia, no caso a positivista, que criou a identidade do gaúcho como um valente e vencedor, até mesmo nas derrotas, como no caso da Revolução Farroupilha.

c) O Forte Apache

Esse prédio, de 1871, foi construído para abrigar a Assembléia Legislativa da então Província de São Pedro. No entanto, em virtude da demora na conclusão das obras, a Assembléia optou por reformar o prédio que já ocupava na Rua Duque de Caxias. Assim, o prédio serviu de sede para o Comando das Armas da Província, para a Repartição dos Telégrafos, para Diretoria das Obras Públicas, para o Observatório Meteorológico do Estado e também abrigou a residência oficial da Presidência do Estado. Foi o lugar de onde governaram Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e Carlos Barbosa. Entre 1921 e 1963 o Forte Apache abrigou a Secretaria de Saúde do Estado. E de 1963 até 1982 o prédio foi ocupado por órgãos da Secretária do Interior e da Justiça. De 1982 a 1987 aconteceu o processo de tombamento histórico do prédio. Em 2002 foram concluídas as obras de restauração do prédio que hoje abriga o Memorial do Ministério Público.

d) A Assembléia Legislativa

Instalada em 20 de abril de 1835, apenas cinco meses antes da eclosão da Revolução Farroupilha, no prédio hoje ocupado pela Casa Civil, a Assembléia Legislativa trabalhou lá durante 132 anos, de onde só saíria para ocupar o atual prédio do Palácio Farroupilha. Iniciada em maio de 1955, a construção do Palácio Farroupilha foi viabilizada através de convênio firmado entre a Assembléia Legislativa e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Ficou decidido que o Palácio Farroupilha seria construído no terreno onde então se encontrava o Auditório Araújo Viana, na Praça Marechal Deodoro, de forma a manter a tradição da Praça dos Três Poderes.

Em 20 de setembro de 1967, o Poder Legislativo passou para o local que hoje ocupa. O prédio é um projeto de arquiteto paulista Gregório Zolko, o vencedor de concurso nacional, que utilizou materiais nobres, como o mármore e a madeira, e modernos, como o vidro e o alumínio. A fachada da Assembléia Legislativa apresenta esculturas em ferro de Vasco Prado - um importante artista plástico gaúcho - representando ícones da cultura gaúcha, como um valente guerreiro.

Ao analisar o poder simbólico das obras de arte presentes no espaço público, como aquelas mencionadas acima, vale considerar o que foi afirmado por Umberto Eco. Como mostra Eco⁸³, o simbólico não apenas permite nomear a experiência, mas também organizá-la e, ainda, elaborá-la como tal. A imagem identitária construída culturalmente transforma-se assim em algo pensável e comunicável, disseminando um modo de pensar, uma ideologia. Isso nós podemos perceber claramente na formação da imagem do gaúcho representado naquelas esculturas.

e) O Palácio da Justiça

No Rio Grande do Sul, a história do Poder Judiciário tem início no dia 03 de fevereiro de 1874. Nesse dia foi instalado na Rua Duque de Caxias, 225 - num prédio alugado que hoje não existe mais - o Tribunal da Relação de Porto Alegre, com jurisdição sobre as Províncias de São Pedro do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A Corte, composta por sete desembargadores, teve como primeiro Presidente o Desembargador João Baptista Gonçalves Campos. Esse foi o berço do atual Tribunal de Justiça do Estado. Após um incêndio, em 1949, o Tribunal passou a funcionar nas dependências do Palácio Municipal. Em 1956, houve a mudança para o Edifício Comendador Azevedo, na Rua Uruguai, 155. Em 08 de dezembro de 1968 - Dia da Justiça -, sob a Presidência do

⁸³ ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984, p.220.

Desembargador Balthazar Gama Barbosa, o Tribunal passou a ocupar edifício próprio, o Palácio da Justiça, na Praça da Matriz, onde até hoje se encontra.

f) O Theatro São Pedro

Em 1833 iniciou-se a construção do Theatro São Pedro, um dos mais importantes teatros do Rio Grande do Sul. Sua arquitetura apresenta traços do estilo barroco português. Devido à Revolução Farroupilha, que durou dez anos, o Theatro teve sua construção concluída só em 1858. Podemos dizer que o Theatro São Pedro simboliza o poder da arte no entorno da Praça da Matriz. Bem a sua frente, do outro lado da praça, está a Catedral Metropolitana, representando o poder da religião. Deste modo, poderíamos considerar que o ambiente social constituído em torno da Praça da Matriz aguçaria a experiência que temos com relação à sociedade e nossa percepção imaginária e ideológica desse espaço sócio-cultural. O poder eclesiástico e o poder artístico, associados à Catedral e ao Theatro, poderiam ser interpretados como pólos distintos de uma mentalidade sagrada e uma mentalidade profana.

2.3 Interculturalidade e cartografia do poder

Considerada desde uma perspectiva cartográfica, a Praça da Matriz é rodeada, portanto, por prédios históricos como o Palácio Piratini (palácio do governo do estado do Rio Grande do Sul), pela Assembléia Legislativa, o Palácio da Justiça, a Catedral e o Theatro São Pedro. Com esta cartografia poderíamos até pensar que a Praça da Matriz seria uma versão gaúcha da Praça dos Três Poderes de Brasília, embora esta tenha sido construída muito tempo depois. No entanto, devemos observar que no caso específico da Praça da Matriz ainda são acrescentados dois outros prédios históricos, a Catedral Metropolitana, símbolo do poder eclesiástico, e o Theatro São Pedro, símbolo do poder artístico.

A praça pode ser compreendida como elemento que constitui um símbolo de integração social, já que no espaço da praça podemos observar a proximidade desses símbolos de poder, seja religioso, cultural ou governamental. Mas a interação entre esses símbolos e o cidadão nos parece problemática e demanda uma investigação mais aprofundada, uma vez que cada instituição realiza suas funções, sem necessariamente se integrar às outras. Devido à imponência dos prédios em questão acontece uma espécie de demarcação de fronteiras, supostamente invisível. De acordo com o conceito de poder simbólico pensado por Bourdieu⁸⁴, dar-se-ia uma demarcação de quem teria passagem livre para circular nesses ambientes institucionais e de quem deveria apenas observar esses ambientes de longe, assumindo unicamente o papel de espectador.

Desse modo, fica explícito nos relatos apresentados pelos entrevistados que muitos cidadãos não se sentem autorizados a entrar, participar de alguma forma ou, ainda, sentir-se parte dessas instituições públicas e de suas marcantes imagens, ícones simbólicos do poder. Vale lembrar que no caso especial desta pesquisa, o enfoque central é a instituição religiosa representada pela Catedral Metropolitana.

É importante pensar a praça também como elemento simbólico que suscita inúmeras reflexões sobre seu papel na vida dos entrevistados, como, por exemplo, a questão da diferenciação entre o espaço público e privado, o que se pode e não se pode realizar nestes diferentes espaços, já que a linha que define os critérios dessa diferenciação pode ser muito complexa. Como considera Arendt⁸⁵, a linha divisória entre a esfera pública e a esfera privada é inteiramente difusa, porque podemos perceber os povos e as comunidades como uma família, cujos negócios diários devem ser atendidos por uma administração doméstica nacional e gigantesca. Entretanto, podemos perceber essa diferença através das atividades pertinentes a um mundo comum e aquelas pertinentes a mundo privado que é o lugar da manutenção da vida. Na

⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989, p.7.

⁸⁵ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.p.37-38.

esfera familiar os homens vivem juntos por serem a isso compelidos por suas necessidades e carências. A liberdade, por sua vez, se encontraria na esfera social, enquanto a força e a violência se tornariam monopólio do Estado. Por isso, é importante associar aqui a cartografia com a política. Uma análise da questão da força simbólica dos elementos que constituem a Praça da Matriz poderá nos mostrar em que sentido ela afeta a vida dos entrevistados.

2.3.1 Identificação em perspectiva

El peregrino (referência a Dom Quixote)⁸⁶ es el símbolo del hombre cristiano, surgido de la peregrinación de la vida humana que considera al hombre como un peregrino, desterrado y extranjero sobre la tierra.⁸⁷

Possivelmente a identificação dos entrevistados com o Cavaleiro da Triste Figura, a ponto de possibilitar a saída do personagem das páginas do livro para a vida real, poderia se referir à identificação com o sentimento de ser um *peregrino estrangeiro* em sua própria terra, tal como mostra a epígrafe. É importante considerar que esses sujeitos saíram de suas cidades de origem e peregrinaram em direção a Porto Alegre buscando a realização de seus sonhos de viver num mundo melhor⁸⁸. Ao chegar à cidade grande, na busca da sensação de pertencer a um lugar, eles elegeram a Praça da Matriz como forma de se relacionar com o que era estranho na tentativa de torná-lo familiar.

No entanto, ao longo das décadas que freqüentaram a praça, se sentiam inibidos em participar do espaço dos prédios públicos que ficam no seu entorno, além de suas manifestações culturais e políticas. Dessa forma, eles mostraram que ainda se sentiam desenraizados, desterrados, estrangeiros na própria cidade que escolheram para viver. Essa estranheza em relação ao lugar em que se vive, o grupo de entrevistados compartilhava com Quixote que, por mais que cavalgasse pelo mundo em busca de seus sonhos, jamais se sentia em

⁸⁶ Destaque – através de parênteses- da autora.

⁸⁷ VILANOVA, Antonio. **Erasmus y Cervantes**. Barcelona: Editorial Lumen, 1989. p.401.

⁸⁸ Enunciado dos idosos.

casa, nem mesmo na sua própria terra. Do mesmo modo, os idosos não se referiam às suas cidades de origem como “suas”, pois não se sentiam mais pertencendo ao lugar onde nasceram. Entretanto, também não se sentiam totalmente apropriados do lugar onde escolheram para viver. Talvez, por esse motivo os estudantes tenham associado à imagem de Dom Quixote ao monumento da Praça da Matriz, elemento que antes da visita lhes era estranho e sem significado.

O monumento erguido em homenagem ao político Júlio de Castilhos, que encabeçou importantes conflitos políticos na história do Rio Grande do Sul, pode ser objeto de desconhecimento para muitos frequentadores da praça. No entanto, esse tipo de arte pública tem um forte papel político e ideológico na cidade. Nos estudos de Félix Duque⁸⁹ evidencia-se o propósito da localização dos monumentos em homenagem a políticos nas praças, especialmente como imagens deixadas pelos governantes no espaço público como *restos do passado* no intento de eternizá-las:

Los monumentos y sus espacios estaban proyectados de acuerdo a un idealizado orden temporal histórico: enlazaban el pasado y el presente convirtiéndose así en una suerte de aide-mémoire colectiva (...) dando así a la nación sus señas (mas bien míticas) de identidad y casi eternizándola como si el tiempo no pasara para ella, y sí para las generaciones que se veían ya de antemano inscritas, protegidas dentro de esa historia congelada (...) Normalmente se alzaban esos monumentos sobre pedestales, que los ciudadanos podían leer el nombre y las hazañas (con sus fechas) del homejeado, el egregio militar montado a caballo (señal de dominación racional sobre la fuerza bruta ella misma simbolizada por un noble bruto), un estadista.⁹⁰

Como afirma Duque, os símbolos escolhidos para serem deixados nas praças através dos monumentos são escolhidos na intenção de marcar determinadas representações ideológicas na memória coletiva. Entretanto, se as questões políticas simbolizadas na praça não tinham muito sentido para os entrevistados, seja por desconhecimento e/ou estranhamento, as questões do imaginário do Engenhoso Fidalgo tinham sentido e lhes eram familiares. É

⁸⁹ DUQUE, Félix. **Arte público y espacio político**. Madrid: Akal Ediciones, 2001. p.25.

⁹⁰ DUQUE, Felix. 2001, p.111,112.

importante lembrar que eles estavam estudando essa obra na escola e estavam se identificando profundamente com os dilemas do humano expressados nela.

Através das narrativas da subjetividade dos entrevistados podemos compreender o complexo jogo de significação que o observador atribui à “coisa narrada”, pois, dependendo da posição que ocupar, seja social, cultural ou econômica, seu olhar e sua interpretação serão diferentes “da lente” daqueles que ocupariam outro lugar. Dessa forma, o cavaleiro cristão das metáforas cervantinas pôde sair das palavras de um livro para tomar forma numa rede de significados simbólicos projetados pelos entrevistados no monumento da Praça da Matriz.

2.4 Prédios e moinhos que se transformam em gigantes: visão de Quixote e percepção dos entrevistados

Depois de passear pela Praça da Matriz e discutir sobre os diferentes significados que o grupo atribuía ao seu principal monumento, os entrevistados foram visitar os prédios históricos institucionais que a rodeiam. Esse encontro havia sido marcado com os guias de turismo dos locais, no intuito de conhecer a história desse local tão importante na cidade e apreciado pelos estudantes.

O primeiro prédio visitado foi o Palácio Piratini. Ao caminhar até o local foi possível perceber a agitação dos estudantes, pois devido aos interditos culturais, eles ainda não tinham se autorizado a conhecer esse espaço público. Essa situação encontrou sua razão de ser no fato relatado por eles de que se sentiam diminuídos diante da magnitude da arquitetura e da importância política do prédio, pois ali morava e trabalhava o governador do Estado. No intuito de proporcionar a desmitificação desse fato, foi marcada uma visita guiada ao interior do palácio que muitas vezes era percebido pelos entrevistados como um ameaçador gigante, assim como os moinhos de vento de Dom Quixote de la Mancha.

Durante a visita os idosos ouviam atentamente as explicações do guia, mas sem fazer muitas intervenções, pois não se sentiam à vontade nesse espaço institucional. O guia mostrou algumas salas abertas à visita pública, o que impressionou a todos, especialmente o luxo dos móveis, dos lustres, das cortinas, dos quadros, enfim de toda a imponente decoração. A entrevistada N. relatou que estava se sentindo uma princesa num castelo de conto de fadas, como se não estivesse vivendo uma situação real, mas sim um sonho. Ao sair do palácio N. contou que durante muitos anos admirou o Palácio Piratini à distância, mais especificamente do banco da Praça da Matriz onde costumava descansar. Ela afirmou que sempre teve muita curiosidade em conhecer esse lugar, mas que se tratava de um sonho. Entretanto, somente com o convite da escola sentiu-se à vontade para adentrar em suas dependências. Então, finalmente, sentiu-se convidada a realizar seu sonho de princesa, tal qual o enfeitamento de Quixote que percebia simples mulheres como damas, donzelas ou princesas.

O segundo prédio visitado foi o da Assembléia Legislativa. Os estudantes idosos ficaram ansiosos, porque iriam entrar em mais um espaço tão estranho ao seu cotidiano. O guia mostrou algumas partes da Assembléia afirmando que esse era um espaço dos cidadãos. Essa afirmação provocou um estranhamento na turma, pois eles não percebiam aquele espaço como um lugar do povo. O estudante A. relatou ter se sentido honrado por ter sido recebido tão bem naquele lugar por onde circulam políticos importantes. Com o convite da escola ele sentiu-se autorizado em adentrar nesse espaço público, que antes sentia-se inibido em visitar.

Ao atravessar a Praça da Matriz para se dirigir ao próximo prédio a ser visitado, o Theatro São Pedro, os estudantes suspiraram aliviadamente, pois, mais uma vez, estavam no seu lugar preferido da cidade, na Praça da Matriz, “o lugar que é do povo⁹¹”. O Theatro São Pedro despertou as fantasias e a imaginação dos estudantes em especial de Di. (que tem nome de diva de teatro e orgulha-se muito disso). Ela sonhava em ser cantora e atriz de teatro ou

⁹¹ Enunciado dos idosos.

televisão e sempre acompanhava através dos meios de comunicação a chegada de grandes atrizes que se apresentavam nesse teatro em Porto Alegre. Durante a visita estava acontecendo um ensaio de uma opereta, que eles foram convidados a assistir. Os estudantes ficaram encantados com a beleza do lugar e com o convite para assistir a um ensaio no teatro, palco de muitas estrelas das telenovelas que fazem parte de suas vidas cotidianas. A estudante Di. relatou ter fechado os olhos e vivido um dos instantes mais mágicos de sua vida, imaginando-se uma cantora de ópera a cantar naquele lindo teatro. E ao sair lamentou o fato de todo o sonho ter que acabar e ter que voltar para casa, como Dom Quixote, cheia de idéias na cabeça, mas sem ter êxito em seus intentos.

Em seguida, o grupo atravessou a rua e visitou o saguão do Palácio da Justiça, observou os passos apressados de seus freqüentadores e comentou que até aquele momento não sabia da existência desse importante prédio do centro da cidade.⁹² E mais uma vez os entrevistados tiveram que atravessar a praça para seguir o roteiro que a escola havia traçado para a turma. No entanto, esse que seria o momento de finalizar o passeio com a visita a Catedral de Porto Alegre, considerado um dos lugares mais importantes da cidade pelos próprios entrevistados, se tornou o momento da dispersão do grupo. O estudante E. foi o primeiro a dizer que não poderia entrar na Catedral com a turma, pois tinha um compromisso. Logo em seguida, outros quatro estudantes também disseram que não poderiam participar da visita até o final. Desse modo, a visita a Catedral foi acompanhada somente por três participantes do grupo, um deles o aluno J. já havia se declarado ateu numa conversa em sala de aula, mas mesmo assim considerou importante seguir com a visita até o final, junto de sua turma.

Durante a visita à Catedral os estudantes caminharam entre seus espaçosos corredores, admiraram as imagens dos santos, além da beleza e da imponência da arquitetura do local. Em seguida, fizeram suas orações e mais uma vez dirigiram-se a praça, lugar onde terminou o passeio.

⁹² Enunciado dos idosos.

No dia seguinte durante a conversa sobre a praça e dos prédios do seu entorno, os estudantes se mostraram muito entusiasmados com as descobertas que tinham vivenciado. E, em seguida, decidiram tentar registrar por escrito suas experiências. Ao tocar no assunto da visita à Catedral Metropolitana, o estudante E. se manifestou considerando a Catedral como uma referência importante na cidade, porém ele expressou nunca ter se sentido à vontade nesse lugar. Ele também contou que preferia não entrar num lugar católico, pois há pouco tempo havia se convertido à outra religião: a Igreja Universal do Reino de Deus. E explicou ter se sentido inibido em explicitar essa situação para a turma antes, mas como percebeu que todos estavam compartilhando suas experiências com tanta fraternidade no espaço da sala de aula, então resolveu contar. Esse fato abriu a possibilidade de outros colegas se manifestarem a esse respeito, superando o receio em falar das religiões que professavam.

Esse foi um tema despertado primeiramente pela leitura de excertos da obra cervantina lida no Sarau Literário, pois essa obra mostra a experiência intercultural entre judeus, cristãos e muçulmanos com seus pontos de conflitos e possibilidades de convivência. Portanto, a visita a Praça da Matriz aguçou ainda mais essa discussão tão importante ao pensarmos na questão da multiculturalidade religiosa presente nas salas de aula.

O estudante A. comentou com a turma que mesmo sendo católico, se sentia melhor freqüentando um pequeno e simples Centro Espírita, chamado Centro Espírita São Jorge Guerreiro, pois na Catedral tinha a sensação de ser muito pequeno diante de tanta magnitude. Na simplicidade do Centro Espírita, ele sentia-se acolhido e mais respeitado em sua fé.

A estudante Ja. fez o seguinte relato: “Eu não me sinto bem na Catedral, porque é uma igreja muito grande e cheia de pompa. Prefiro ficar sentada no banco da praça que tem em frente à Catedral e ver o movimento de lá ou freqüentar a igreja que tem perto de minha casa que é menor, mais simples e acolhedora.”

A aluna M. compartilhou com a turma sua história de vida religiosa. Ela freqüentava a Igreja Católica e também era iniciada nos rituais de um terreiro de Nação Afro-brasileira. Ela dizia se sentir bem nos dois lugares. Contudo, não se sentia à vontade na Catedral e gostava mais de sua paróquia onde tudo era mais familiar e todos se conheciam. Os seus colegas a olharam com admiração e respeito, pois ela era a aluna mais idosa da turma e costumava assumir seus posicionamentos e suas opiniões de modo claro diante do grupo que conhecia há muito tempo. Entretanto, ainda não tinha tocado no assunto da religiosidade, pois de algum modo esse tema lhes parecia um tabu. Como pensou Simone de Beauvoir: “Os velhos representam um papel menor entre os povos que são suficientemente avançados para não acreditarem na magia e não darem muita importância à tradição oral.”⁹³ Mas esse não era o caso da comunidade onde a entrevistada M. estava inserida desde de sua infância. Junto ao seu grupo social ela gozava de muito respeito e prestígio em função de ser uma iniciada. Essa questão também é pontuada nos estudos de Beauvoir⁹⁴ sobre a velhice. Ela constata que em muitas tribos da África, como a dos Hotentotes e dos Lelês, os termos avó e avô representam a amizade. No entanto, devido aos poderes mágicos atribuídos aos velhos, sobretudo às mulheres, eles além de respeitados são temidos, como foi possível observar no caso de M. que mobilizava seus vizinhos para participarem das aulas na escola em que estudava, pois considerava que estudar era uma coisa boa para ela e para todos os seus. À convite de M. a família dela costumava inclusive participar de todos os eventos celebrados na escola, situação que não ocorria na família e nem na comunidade dos outros estudantes idosos da turma.

A partir desse encontro os entrevistados seguiram compartilhando suas experiências no âmbito religioso de suas culturas e refletindo sobre a diversidade dessa temática. Esse compartilhar de experiências criou um clima de respeito mútuo e fraternidade entre eles. Essa situação pode muito bem ser

⁹³ BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1990.p. 91.

⁹⁴ BEAUVOIR, 1990, p. 66,67.

compreendida se levamos em conta as afirmações de Walter Benjamin⁹⁵ ao propor que os sujeitos poderiam estabelecer laços fraternais por meio de suas narrativas. Foi assim que os estudantes chegaram à conclusão de que o lugar onde realmente se sentiam à vontade e percebiam como sendo o lugar de todos, independentemente de suas religiões, era a Praça da Matriz.

Novamente é preciso considerar aqui o que foi afirmado por Hannah Arendt. Para Arendt⁹⁶, a praça é um lugar público e como tudo que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e por nós mesmos, constitui assim o que chamamos realidade. Para os entrevistados, a praça se tornava parte constitutiva da sua própria vida. Assim, até mesmo as maiores forças da vida íntima que vive uma espécie de existência obscura, como, por exemplo, as paixões do coração e os pensamentos da mente poderiam ser transformados ou desprivatizados ao aparecerem no espaço público. E a mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e na transposição artística de experiências individuais, como podemos perceber nos relatos de histórias de vida relacionados com as representações do espaço público, como aquelas feitas pelos idosos estudantes do grupo investigado.

Ao evocar suas lembranças os participantes da pesquisa perceberam que é possível trazer à tona imagens e cheiros, dar voz às experiências e, assim, dar vazão aos sentidos. Desse modo, transforma-se cada evocação de lembranças numa nova experiência. Quanto à lembrança, Bergson⁹⁷ a identifica com a percepção, como se fosse uma sombra junto ao corpo. Afinal, não há lembrança que não esteja impregnada de percepção. Vivemos uma nova experiência cada vez que evocamos uma lembrança, e isso acontece por meio dos sentidos, da atribuição e da transformação do sentido atribuído aos símbolos pela memória. Assim é possível perceber que a lembrança ao ser evocada se constitui numa nova experiência. E a lembrança dos momentos vividos na Praça da Matriz foi motivo de importantes reflexões

⁹⁵ BENJAMIN, 1975.

⁹⁶ ARENDT, 1983, p.59-60.

⁹⁷ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

durante as entrevistas dos estudantes idosos. Ao evocarem suas memórias de experiências, sensações e impressões da Praça da Matriz, os idosos perceberam muitos pontos em comum em seus relatos.

Quando consideramos os depoimentos do grupo, podemos concordar então com o que afirmou Maurice Halbwachs⁹⁸ sobre a memória coletiva, destacando especialmente a importância dos elementos simbólicos que um mesmo grupo compartilha e como os interpreta tornando-se parte constitutiva da memória coletiva.

2.5 Diferentes perspectivas

Como podemos perceber, as afirmações dos participantes da pesquisa revelam diferentes perspectivas de interpretação da realidade. Essa situação nos remete outra vez à análise da experiência interpretativa apresentada por Gilvan Fogel⁹⁹, ao ilustrar a questão das diferentes perspectivas com o exemplo do significado de uma laranja para diferentes pessoas. Para um artista a laranja pode ser a fonte inspiração para sua pintura, para um garoto a laranja pode servir de brinquedo como uma bola, para alguém com sede ela significa o fim de seu anseio, para um doente a laranja pode ser como um bálsamo com suas vitaminas, para um agricultor, um caminhoneiro ou um feirante a laranja pode ser uma fonte de renda. Dessa forma, o autor vai exemplificando a questão da perspectiva que está estritamente relacionada com a posição ocupada pelo sujeito observador, como podemos constatar em *Dom Quixote* e nas narrativas exemplificadas nesta pesquisa.

A questão do perspectivismo está presente no decorrer dos dois tomos de *Dom Quixote*, onde se evidenciam diferentes modos de ver o mundo. Ao pensar naquilo que vemos e no que de fato (materialmente) existe podemos recorrer ao ilustrativo episódio dos moinhos de vento em que a perspectiva do cavaleiro cervantino vai de encontro a desafiadores gigantes. Enquanto isso,

⁹⁸ HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁹⁹ FOGEL, 2003, p.47.

seu fiel escudeiro enxerga apenas moinhos e se depara com a mais absoluta perplexidade diante da reação de seu companheiro que cavalga de encontro a um moinho. Nesse sentido, Antoñanzas expõe a seguinte argumentação:

Otra cosa es reconocer que Sancho tenga razón en afirmar que los gigantes son sólo molinos y los caballeros corderos. La batalla derivada de estas visiones será igualmente ficticia y, por consiguiente, inútil. Pero Don Quijote ya sabe responder "ad hoc" explicando la carencia de visión de su escudero.¹⁰⁰

Na seguinte passagem do *Engenhoso Fidalgo* podemos observar as justificativas do Quixote em investir sua luta contra os moinhos em que ele acreditava que seu escudeiro não tinha como perceber o que se passava, pois carecia da visão que supostamente somente os *cavaleiros* poderiam ter: "Porque uno de los efectos del miedo es turbar los sentidos y hacer que las cosas no parezcan lo que son."¹⁰¹ Desse modo, a investida contra os moinhos encontra fundamentação na perspectiva quixotesca, em contradição com o que Sacho Pança enxerga na materialidade e na simplicidade de sua visão de mundo. Mesmo que Sancho diga que os gigantes são apenas moinhos, Dom Quixote relativiza a questão do parecer e do ser, afirmando que lhe parecem ser gigantes.

Como mostra Fortuna¹⁰², as construções históricas e míticas de nossas culturas muitas vezes se constituem em espaços ritualísticos em que as pessoas podem passar por processos de transformações. No caso da chegada dos entrevistados a Porto Alegre, a procura pela Praça da Matriz, como uma referência na cidade, poderia simbolizar o processo de transformação que essas pessoas passaram na mudança do lugar onde viviam, no interior do estado, para uma cidade grande.

As histórias relatadas nas entrevistas mostram o mesmo lugar, a Praça da Matriz, visto e descrito desde diferentes perspectivas. A praça carrega em si um grande valor simbólico, com seus monumentos e as trilhas que se abrem na

¹⁰⁰ ANTOÑANZAS, 1998, p.209-210.

¹⁰¹ CERVANTES, 1987, p.18.

¹⁰² FORTUNA, Carlos. 'As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias.' in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 12, nº 33, fev.1997.p.134.

cidade, no intuito fugaz de organizar os movimentos dos sujeitos, interferindo na formação de laços sociais. Essas outras questões se referem aos muros da cidade e aos imponentes prédios históricos e públicos, mas que separam os sujeitos de diferentes classes sociais. Isso pode ser evidenciado pelo exemplo que segue sobre o Palácio Piratini, demonstrando as forças invisíveis do poder simbólico.

Uma das entrevistadas relatou ter ficado tardes inteiras sentada num banco, observando a beleza da Catedral, da Praça da Matriz e do Palácio Piratini. Somente muitos anos mais tarde, quando voltou a estudar, teve a oportunidade de visitá-los e conhecer seus espaços interiores. A entrevistada declarou não se sentir à altura da imponência da Catedral, por isso levou algum tempo para autorizar-se a adentrar no local sagrado de sua religião católica e realizar suas orações. Esse imponente templo religioso fazia a entrevistada sentir algo paradoxal: ao mesmo tempo em que se sentia diminuída diante da igreja, tinha um grande desejo de ser parte desse local representante de sua cultura religiosa.

Como considera Fortuna¹⁰³, por ter se tornado espaço público, a arquitetura histórica das cidades, como edifícios monumentais, catedrais, museus, palácios e jardins, passou a funcionar como marcadores sociais. Essa imponente catedral fazia a entrevistada aguçar sua percepção estética e até mesmo imaginária da sociedade. Quase como num sonho, essa percepção foi despertada através de imagens, formas e estilos visuais.

A entrevistada M. contou que aos domingos costumava ir com a família para a missa na Catedral e depois iam para a Praça da Matriz. Ali ela se sentava e sentia integrar-se à beleza e ao frescor das árvores, dos pássaros 'feitos por Deus' e das coisas feitas pelo homem¹⁰⁴, como por exemplo, os monumentos da praça e os prédios do seu entorno. Essa situação também pode ser entendida a partir das análises feitas por Hannah Arendt. No entender de

¹⁰³ FORTUNA. 1997, p.132.

¹⁰⁴ Palavras usadas pela entrevistada.

Arendt¹⁰⁵ podemos perceber que a vida humana, na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que jamais se abandona ou se chega a transcender completamente.

Em lugares públicos como as praças podem existir inúmeros objetos feitos pelos homens, como os monumentos, a plantação de árvores, flores, a construção de coretos e bancos. Entretanto, é possível perceber atribuições que culturalmente se relacionam ao divino, como o vôo e o canto de um pássaro ou a salutar sombra de uma árvore num dia de sol. Para muitas pessoas, estes seriam símbolos transcendentais. Ecléa Bosi¹⁰⁶ relaciona a arte de esculpir à arte de narrar memórias, criando imagens, perspectivas e sentidos novos ao que foi vivido e ao que foi criado no interstício entre evocação do passado e imaginação, criação. A conversa evocativa de quem muito viveu pode revelar a memória como uma obra de arte que contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura.

Segundo a entrevistada M., nas praças ainda é possível se entreter com o movimento, com as conversas e com as discussões das pessoas que passam. Essa situação está de acordo com o que percebe Calvino¹⁰⁷ quando afirma que “toda vez que se vai à praça, encontra-se um pedaço de diálogo”. Isso parece encantador aos olhos e ouvidos do entrevistado em questão, ao se considerar que a conversação é o que nos constitui como humanos e nos integra no espaço de conversação em que se constitui a praça.

Em muitos momentos a praça pode se constituir numa espécie de fórum onde as pessoas discutem temas de ordem política e social ou onde se apresentam os conflitos da vida cotidiana. No entanto, lá também acontecem manifestações populares. Desse modo, a praça pode ser compreendida como o espaço para o diálogo, o lugar no qual o povo pode ter manifestar-se. Neste contexto é interessante pensar no papel do observador que interpreta esses diálogos como sendo parte da interação social. Desse modo, pode se constituir

¹⁰⁵ ARENDT, 1983,p.31.

¹⁰⁶ BOSI, 2004.

¹⁰⁷ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p.76

um processo de aprendizagem não somente com aquilo com que nos identificamos, mas também com o que nos é estranho.

Os irmãos J. e A. vieram do interior do Rio Grande do Sul em busca de melhores oportunidades de emprego. Logo ao chegar, eles se impressionaram com a cidade grande e suas dimensões, vários parques, uma vasta região central com mais de uma praça. Mas a Praça da Matriz e a Catedral Metropolitana ficaram marcadas em suas lembranças.

J. ficou especialmente impressionado com a Catedral Metropolitana e sua enorme cúpula. Narrou sua experiência de ter entrado pela primeira vez numa igreja tão rica e grandiosa.¹⁰⁸ Por isso relatou que considerava ser necessário estar bem vestido para entrar na Catedral, pois é uma “casa de Deus de muita cerimônia”. Como Meneses¹⁰⁹ considera, certas imagens, como as existentes na Catedral, existem para agir, pois estão fortemente envolvidas com complexos elementos de produção e comunicação de sentido. A imponência da arquitetura e toda simbologia da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, ícones da cultura cristã, podem suscitar o culto devocional através de diversas escalas de vínculos subjetivos com as imagens em questão.

Entrementes, A. relatou ter-se impressionado com a Catedral e o Palácio Piratini. Segundo ele, o Palácio “é um lugar fino”, onde só políticos e gente realmente importante podem entrar, pois, afinal, é “a casa e o escritório do governador”. Até receber o convite da escola para visitar o Palácio Piratini, ele não tinha entrado nesse espaço que, de acordo com sua percepção, é para poucos circularem. No entanto, na Catedral em função de ser a casa de Deus, todos teriam o direito de entrar, mesmo sendo “uma casa pomposa”.¹¹⁰ Como constata Bourdieu¹¹¹, falar de um espaço social é a percepção de que não se costuma juntar uma pessoa qualquer a outra sem demarcações. Isso evidencia as diferenças sociais, econômicas, culturais e étnicas, o que demonstra a hierarquização dos espaços sociais. Assim, os sujeitos podem interiorizar as

¹⁰⁸ Enunciado do entrevistado.

¹⁰⁹ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Rumo a uma história visual**. 1977. p. 47.

¹¹⁰ Palavras do entrevistado

¹¹¹ BOURDIEU, 1989, p. 138-141.

estruturas objetivas do espaço social e passam a considerar natural o sentido dos limites impostos a si mesmos, podendo-se considerar inadequados a certos lugares. Neste caso, podemos observar que a força do poder simbólico e seus ícones, além de transmitir uma mensagem ou regras de conduta, esses símbolos agem como atores sociais demarcando espaços e fronteiras. Somente acompanhado pelo grupo escolar, já na maturidade, é que o entrevistado se sentiu autorizado a entrar neste espaço, que havia declarado ser de “pompa e circunstância”.

O entrevistado E. relatou que, desde sua chegada em Porto Alegre, há mais ou menos quarenta anos, levava sua esposa e filhos para passear na Praça da Matriz. Ele narrou histórias do seu tempo de juventude, “quando a praça era um lugar mais limpo e bem freqüentado, não tinha gente dormindo nos bancos como tem atualmente e era possível deixar as crianças brincar sem medo de bandidos que não respeitam nem mesmo a Catedral que com a força de Deus observa a todos que estão na praça”.¹¹² Passear na Praça da Matriz era o programa para o domingo. Por isso, ele e sua família usavam suas melhores roupas para freqüentar a Igreja e depois passear na praça, onde podiam ver e ser vistos, encontrar pessoas e conversar. E. narrou que a Praça da Matriz é um lugar muito querido, especialmente pela proximidade com a Catedral, tanto para ele quanto para seus filhos. Atualmente alguns desses seus filhos moram e outros trabalham nas proximidades da praça.

Essas considerações dos entrevistados podem ser melhor analisadas tendo presente novamente as reflexões de Umberto Eco¹¹³, ao considerar o conteúdo e a interpretação de nossas experiências significados pelo contexto em que estamos inseridos e pela tradição. Seguindo essa linha de pensamento, podemos afirmar que a Praça da Matriz seria um símbolo de poder e as pessoas que circulavam por lá poderiam corresponder à beleza do lugar. Desse modo, podemos constatar que o símbolo é aberto e paradoxalmente sobre-determinado pelo contexto. É preciso considerar que num aspecto os

¹¹² Palavras do entrevistado.

¹¹³ ECO, 1984, p.266.

entrevistados, se aproximam no que se refere à percepção de que no entorno da praça circulam pessoas e são tomadas decisões importantes, criando assim uma “linha invisível” que podemos chamar de poder simbólico .

2.6 Construção da memória social

Uma memória cultural se apresenta como uma revista, um arquivo de *souvenirs* comuns de uma sociedade, de um grupo social ou de uma etnia e inclui as experiências fundamentais – tais como o ‘mito fundador’ - do coletivo em questão. Ela cria e garante a identidade desse grupo com a ajuda de símbolos (textos, imagens, ritos). O importante é que a transmissão de *souvenirs* comuns se realiza sobretudo através da linguagem e da narrativa.¹¹⁴

Como já foi dito no primeiro capítulo desse trabalho, os entrevistados nasceram no interior do Rio Grande do Sul e a maioria deles veio para “a cidade grande” com o objetivo de obter melhores oportunidades de emprego, visando a uma possível ascensão social. Em suas cidades de origem a praça e a igreja têm um papel muito importante para a comunidade. É o ponto de encontro das pessoas. Normalmente em volta da praça se localiza a igreja, a prefeitura, a câmara de vereadores, casas de pessoas influentes na cidade e, algumas vezes, em seu entorno existem hospitais e escolas. Desse modo, a praça, seus monumentos e prédios históricos seriam agregadores da história coletiva, se constituindo num espaço físico e simbólico de interação social e de pessoas de diferentes religiões. Desse modo, a praça e a Catedral tornaram-se para eles uma importante referência na “cidade grande”. Em suas narrativas pode-se perceber que eles passaram a se sentir mais familiarizados com a

¹¹⁴ « Une mémoire culturelle se présente comme une magasin, des archives des souvenirs communs d’une société, d’un groupe social ou d’une ethnie y incluant les expériences fondamentales – aussi le ‘mythe fondateur’ - du collectif en question. Elle crée et garantit l’identité de ce groupe à l’aide de symboles (textes, images, rites). L’important c’est que la transmission de souvenirs communs s’effectue surtout à travers le langage et le récit. » WEBER, Hermann. ‘Mémoire culturelle et réconciliation’. In: SOHN, Andreas. **Memoria: Kultur – Stadt – Museum. Mémoire: Culture – Ville – Musée**. Bochum: Wickler, 2006. p. 171-185.

cidade e mais próximos de um novo tipo de organização social, como se estivessem desbravando um novo território simbólico.

Pode-se perceber também em suas narrativas que eles passaram a estabelecer relações de similitude e diferenças na interação com a praça em suas cidades de origem e na capital. Para estabelecer sentido e relação com a cidade que pretendiam “conquistar”, esses sujeitos precisaram inteirar-se da representação do mundo social e, ainda, perceber qual a sua forma de contribuir para a construção dessa sua nova visão de mundo. Por isso, podemos constatar que o processo de assimilação da nova forma de vida na cidade grande leva a uma espécie de “construção de um mundo simbólico” que possibilita o estabelecimento de laços mediados pela representação, que perpassam a visão de mundo do sujeito, a sua própria posição nesse mundo e, ainda, a construção de sua identidade social.

Essa construção simbólica pode se vincular às imagens do espaço público da cidade, no qual os sujeitos buscam um espaço para si, tanto no mundo do trabalho, quanto na possibilidade de ascensão social, bem como na realização de seus projetos de vida, representados pelo ideal da construção da tão sonhada casa própria, à imagem e semelhança daquelas situadas nas proximidades da praça.

Esses dados levantam questões importantes sobre o imaginário social e a função da memória na construção de um processo de identidade cultural e religiosa. Nesse sentido, o conceito de memória aparece para o desenvolvimento da pesquisa, tal como concebido por Bergson¹¹⁵. De acordo com a perspectiva bergsoniana, por memória pura individual considera-se aqui aquela que não precisa da repetição para ser guardada na lembrança (como a memória hábito), pois é guardada pelo seu significado afetivo, valorativo ou de conhecimento. É a lembrança de um momento único e singular que constitui a ressurreição do passado de uma situação definida e individualizada. E a memória coletiva é entendida a partir da fixação de mitos e relatos por uma determinada

¹¹⁵ BERGSON, 1999.

sociedade e que tem significado para a vida coletiva. A memória coletiva tem um poder de difusão, alimenta-se de imagens, sentimentos, idéias e valores.

De acordo com Calvino¹¹⁶, a memória é redundante: repete os símbolos para que as cidades comecem a existir. Assim, alguns símbolos da cidade pequena se duplicam na cidade grande, como, por exemplo, o sentimento de pertença ao lugar/cidade ao fazer parte do espaço público, em especial da praça central, onde tudo acontece e a todos se pode ver. No caso desta nossa investigação, remetidos ao mundo vivido e conservado em sua memória, os entrevistados passaram a sentir-se um pouco mais integrados à “cidade grande”, lugar onde almejavam realizar seus sonhos de um futuro melhor.

2.7 Poesias na praça

Nesse processo de identificação com a praça de Porto Alegre, os entrevistados recordaram as rodas de causos, prosas e rimas que aconteciam nas praças de suas cidades de origem, recitaram algumas delas e criaram outras, como, por exemplo, a seguinte poesia:

*O tempo é como um fio
Um tempo muito agradável é como o fio de uma pandorga.
É preciso um fio forte para a pandorga levantar vôo.
O tempo passa rápido.
Já o vento vai e vem e nem sempre volta tudo ao seu lugar,
Como na história de Dom Quixote de la Mancha.
E assim, o vento passa a soprar na quebrada da noite.
(Autoria coletiva: E. 77 anos, M. 80 anos, J.70 anos, D. 59 anos)*

No texto acima, elaborado coletivamente pelos entrevistados, podemos constatar a presença de metáforas em forma de versos com referência a Dom Quixote. Outro aspecto importante a ser considerado é a relação realizada pelo grupo entre a suas subjetividades e a do Cavaleiro da Triste Figura, fazendo alusão ‘às voltas’ que aconteceram na história do Engenhoso Fidalgo e que deixaram tudo fora do lugar, como no caso da biblioteca do

¹¹⁶ CALVINO. 1990.p.23.

cavaleiro sonhador. Os seus livros foram parar na fogueira, fazendo com que suas leituras tivessem lugar somente em sua memória, onde o vento não poderia apagar na quebrada da noite. Desse modo, as poesias presentes em *Dom Quixote* despertaram a lembrança de poesias que os entrevistados recitavam nos saudosos saraus da juventude, como estas:

“No fundo do mar tem peixes, nas conchas do oceano tem pérolas e nas ondas do teu cabelo o meu coração navega.” (Verso de J.)

“Atirei o anel na pedra que retiniu por mais de uma hora. Faço que não te quero, mas te trago na memória.” (Verso da M.)

“Quando vim para o baile pulei cercas de espinhos. Hoje pago dinheiro para não ver o teu focinho.” (Verso de A. ao levar um “carão”, ou seja, quando era rejeitado por uma moça)

“Atirei o anel na água de pesado caiu ao fundo. Se não casar contigo desejo que Deus me tire do mundo.” (Verso E. recitado para conquistar sua esposa)

Através desse trabalho rememorativo que trouxe à tona a lembrança das rimas dos saraus acontecidos nas praças das cidades dos entrevistados, foi possível perceber que o papel criativo da memória pode se expressar no espaço público da praça. Na Antigüidade, especialmente em Homero, a história era contada através dos versos. A partir dessa perspectiva, o grupo percebeu que a poesia pode libertá-los das amarras do real para se aventurarem pelos caminhos da memória. Pensando nesse sentido, Bosi¹¹⁷ mostra que a fala é composta de curvas melódicas em seu timbre, harmonia e andamento. Desse modo, quem se propõe a contar causos e recitar versos e rimas se vale mais do que ninguém desses recursos melódicos. E esses elementos têm conotações afetivas como o tom, o andamento, o ritmo de dizer-se, lembrar e significar o lembrado.

¹¹⁷ BOSI, 2003.

Essas considerações podem nos levar a refletir sobre o verbo *lembrar* que em francês é *souvenir*. *Sous-venir* significa vir de baixo, vir à tona o que estava submerso. E, nesse caso, o afloramento dos causos e rimas do passado veio a partir da percepção provocada pelas poesias até então guardadas no fundo do baú da memória.

Ao considerarmos que na Antigüidade a história era contada através dos versos, podemos entender que o poeta/contador de histórias é um ser possuído pela memória. Como considera Bosi¹¹⁸, a memória é um trabalho sobre o tempo conotado pela cultura e pelo indivíduo. De acordo com a autora, a memória é uma espécie de forma organizadora, um mapa afetivo e intelectual da experiência individual e coletiva. E, com a experiência do Sarau rememorativo acontecido espontaneamente na Praça da Matriz, os entrevistados perceberam que, embora tivessem vivido sua juventude em diferentes cidades do Estado, compartilhavam de práticas sociais semelhantes, como, por exemplo, o conto de causos e dos saraus onde eram recitadas prosas e rimas.

No entender de Foucault¹¹⁹, essas práticas sociais e discursivas são formulações, constituições de saberes e regras históricas determinadas no tempo e no espaço delineando assim uma determinada época da história. A partir da constatação das afinidades em suas práticas sociais estabeleceu-se um importante vínculo entre o grupo de entrevistados. Assim, eles passaram a sentir-se mais à vontade para criar versos, expor suas experiências e reflexões sobre o que já haviam vivido. Os entrevistados relataram que, quando perceberam, já estavam lendo e escrevendo sem sofrimento ou constrangimentos. Segundo eles, esse fato se devia às poesias que recordaram, recitaram e recriaram no espaço da Praça da Matriz, pois o seu desejo de escrevê-las como modo de registrá-las para que assim nunca se esquecessem delas, desencadeou o processo de aprendizagem.

¹¹⁸ BOSI, 2003.

¹¹⁹ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

Pensando com Bosi¹²⁰, o corpo memorativo pode receber um tônico, uma força inesperada por meio de lembranças queridas. Assim foi possível perceber que foi despertado nos entrevistados o desejo de registrar os seus versos e suas rimas, até então somente conhecidas pela oralidade. A partir dessa atividade foi possível conhecer essas rimas de forma escrita, e até mesmo levar um susto (como eles relataram) com o tamanho que os seus versos ficavam ao serem escritos. A expressão oral da memória de vida tem a ver com a música e com a sonoridade da poesia. Dessa forma, os entrevistados perceberam que poderiam aprender a ler e escrever através da poesia que eles recitavam e recriavam.

2.8 Diversidade cultural e religiosa

As narrativas dos idosos sobre suas experiências tendo como cenário a Praça da Matriz de Porto Alegre mostraram como é possível estabelecer relações significativas entre os conceitos de espaço público, memória social e subjetividade. Desse modo, evidencia-se a praça como o lugar do diálogo, do falar e ouvir histórias. As experiências que nela se realizam têm múltiplas dimensões, muitas vezes paradoxais. A praça pode ser vista, ao mesmo tempo, como um lugar de estranhamento e de familiaridade. Nesse espaço os entrevistados buscaram integrar-se à vida social da cidade. E, ao estabelecer a praça como ponto de referência, passaram a sentir-se mais familiarizados com a capital, embora eles tenham relatado sentir um certo estranhamento com os modos de existência, regras sociais e imagens. A praça pode evocar assim um sentimento de exclusão e de inclusão. No entanto, a interação com a Praça da Matriz fez com que os sujeitos passassem a se sentir acolhidos pela cidade.

Nesse sentido, torna-se evidente que a Praça da Matriz é o lugar, onde o sujeito é espectador e ator da vida social. Os entrevistados declararam perceber a praça como o lugar da interação social, como um espaço para a

¹²⁰ BOSI, 2003.

conversação. Isso dá razão a Arendt¹²¹, quando afirma que o espaço público é o lugar onde se vê e se é visto, se observa as ações coletivas e também se tem a possibilidade de agir e interagir, possibilitando assim que os sujeitos ocupem os papéis de espectador e ator da vida social.

Com essa pesquisa foi possível perceber que as imagens são construídas pelo olhar dos observadores. Desse modo, o olhar de quem vê pode imprimir múltiplos significados ao que é visto. Ao partir da consideração de que conhecer é interpretar e interpretar é criar, no ato de observar um monumento, a cartografia de uma praça e os prédios de seu entorno os observadores têm a possibilidade de elaborar e re-elaborar suas visões de mundo e de agir no mundo de acordo com sua interpretação das situações vividas.

A Praça da Matriz pode ser considerada, assim, o lugar de construção da memória e da identidade, como podemos constatar na narrativa dos entrevistados. Dessa forma, pode-se considerar que as imagens oferecidas pela praça e os ícones de poder do seu entorno atuam como elementos criadores da memória social e da identidade cultural dos sujeitos.

¹²¹ ARENDT, 1983.

3 Capítulo III – Dom Quixote: literatura e religiosidade

A força das narrativas para o diálogo com a Teologia se baseia em fundamentações que corroborem práticas que incluam um enfrentamento com a história e a estética. Esse destaque à narrativa deve-se ao fato de que é na Literatura que ela encontra a sua maior expressão sistematizada.¹²²

3.1 Literatura sagrada e literatura profana

Como ficou demonstrado nos capítulos anteriores, o encontro dos idosos com *Dom Quixote*, através da leitura e da interpretação do texto de Cervantes, abre um amplo conjunto de questões a serem investigadas, dentre as quais se destaca de modo muito especial a religiosidade. Já antecipamos alguns elementos que nos ajudam a esclarecer a questão formulada inicialmente e que servem de apoio à nossa hipótese central. Neste capítulo, além de aprofundar as relações entre literatura e religiosidade, a partir da análise dos enunciados dos entrevistados, pretendemos mostrar em que sentido o fenômeno religioso se expressa nas narrativas literárias, constituindo um indício da busca de sentido do humano.

Na literatura podemos perceber claramente a marca das angústias, conflitos e desejos do humano, inclusive aqueles que estão ligados à religiosidade. Certamente a resposta adequada a essas questões não poderá se esgotar nessa dissertação e demandarão investigações futuras mais aprofundadas. No entanto, gostaríamos de apontar aqui para alguns elementos que consideramos importantes para compreender a relação entre literatura e religiosidade, tal como percebida pelos entrevistados após a leitura de *Dom Quixote*.

Como sabemos, *Dom Quixote* tem a religiosidade como um tema central. Cervantes utiliza uma linguagem poética, muitas vezes irônica, para

¹²² MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras, Teologia e Literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.p.181.

tratar desse tema no contexto de sua crítica social. Mas em *Dom Quixote* os diferentes níveis de discurso exigem uma aproximação cautelosa, que somente um tratamento hermenêutico pode oferecer. Nesse sentido, para compreender o texto cervantino, convém considerar o que é exposto pela hermenêutica.

De acordo com a perspectiva gadameriana¹²³, o discurso religioso e o discurso poético são dois tipos diferentes de discurso. No entanto, eles não se excluem um ao outro, pois na poesia é possível encontrar manifestações religiosas. Assim, como o inverso também pode acontecer, pois em alguns textos entendidos como religiosos estão presentes aspectos poético-literários e isso os distinguem de outros textos religiosos.

Na esfera do divino, na qual são narradas muitas histórias, desde a Antigüidade, podemos encontrar a descrição das condutas dos deuses e das relações dos humanos com os deuses, o que produziu uma grande série de narrativas. E a forma épica da literatura é a expressão disso. Já no que se refere ao *Antigo Testamento* podemos encontrar inúmeras passagens com uma grande densidade narrativa. Mas a arte da narrativa também está presente no modo próprio de relatar do *Novo Testamento*. E essa foi uma questão destacada pelo grupo de entrevistados que percebiam a relação de semelhança, mas também a diferença entre as narrativas bíblicas e as narrativas contidas no romance cervantino. E, por esse motivo, a busca em entender o que seria a narrativa sagrada e profana suscitou muitas discussões entre eles.

A leitura da narrativa de uma novela, segundo Gadamer¹²⁴ tem na palavra a reflexão sobre as coisas e os acontecimentos, tendo uma cartografia não só na terra dos personagens ou de suas bocas, mas também na boca e nas palavras do narrador, quem quer que ele seja. Essa é uma questão que podemos constatar na narrativa cervantina, na qual ora os acontecimentos são narrados pela ótica de Benengelli, ora o narrador é Dom Quixote, ora o próprio Cervantes. E, ainda, a obra cervantina pode ser narrada e interpretada de diferentes formas pelos leitores que dialogam com o texto. Entretanto, o grupo

¹²³ GADAMER, 1996, p. 143-151.

¹²⁴ GADAMER, 1996, p. 74-75.

de entrevistados acredita que a obra cervantina se constitui como parte de uma narrativa profana.

Se pensamos na complexidade dessas relações entre a literatura sagrada e profana, vale a pena considerar as reflexões gadamerianas sobre o sentido da narrativa, como exposto por Benjamin. Para Gadamer:

La palabra comprende todo el ámbito del producir, todo lo que llamamos artesanía, pero también el desarrollo posterior de esa elaboración, hasta llegar al modo de producción industrial de la modernidad (...) En cierto sentido, poetizar es también hacer (...) El hacer de que aquí se trata se refiere al texto. Él hace que a partir de la nada puedan abrirse mundos enteros, y que el no-ser llegue al ser.¹²⁵

Em Benjamin¹²⁶ a arte da narrativa está presente no cultivo do ato de contar e interpretar uma história como se estivesse lapidando uma pedra bruta, ou ainda, dando forma a uma imagem de barro. Aqui a palavra narrada e o artesanato são entendidos como uma rede de narrativas elaboradas pelos fios de histórias de homens que vivem a passagem do tempo de um modo elaboradamente artesanal. Isso nos ajuda a compreender melhor o sentido das narrativas no contexto de nossa pesquisa. Nas elaborações referentes à arte da narrativa os entrevistados passaram a discutir a respeito do que caracterizaria as narrativas propriamente ditas e o que as tornaria semelhantes ou diferentes das leituras sagradas e das leituras profanas.

De acordo com Antoñanzas,¹²⁷ as leituras profanas seriam as narrativas da experiência do homem em sua profundidade demonstrando seus sonhos, anseios e desejos, tais como encontrados nas poesias e novelas literárias. A leitura sagrada, por sua vez, também trataria dessas questões mas em outra perspectiva, como podemos encontrar nas narrativas bíblicas. Por narrativa religiosa se entende aquela cujo espírito está implícito e exclusivamente orientado à re-ligação, à celebração e à vivência do divino. Partindo dessa perspectiva, Antoñanzas afirma que:

¹²⁵ GADAMER, 1996, p.285.

¹²⁶ BENJAMIN, 1975.

¹²⁷ ANTOÑANZAS, 1998, p. 39.

Cervantes concibe un mundo donde (...) lo sagrado explícitamente mencionado no ocupa un lugar privilegiado, sino que forma parte de lo profano. Lo sagrado y lo profano no se confunden como ya sabemos, pero pueden jugar entre sí.¹²⁸

Ao ler as passagens da obra cervantina em que essas questões aparecem os entrevistados perceberam e expressaram claramente a diferença entre a literatura sagrada, a Bíblia, e a literatura profana, no caso estudado por eles, o romance *Dom Quixote* e outros tantos citados pelo cavaleiro ao longo do texto cervantino. Nos excertos lidos no Sarau Literário, especialmente naqueles em que aparecia o cura tentando persuadir o Engenhoso Fidalgo a abandonar os seus sonhos e ideais, os entrevistados expressaram entender que o papel do padre ou do pastor seria o de mostrar o caminho certo a seguir, inclusive indicando os livros que se deveria ler.

No entender de Antoñanzas,

el cura representa para el lector de 1605 el rechazo efectivo contra los libros de caballería. Su protagonismo en el escrutinio de los libros y la posterior condenación descubre su carácter moral, carácter que queda refrendado por su índole eclesiástica. De igual modo en Sierra Morena con el fin de reintegrar a Don Quijote a la condición de hidalgo lo describe como terapeuta (...) El cura no permanece estático ante el caballero, sino que se adentra en su locura con intención de redimirlá (...) Su intención ha sido curar la locura desde ella misma (...) La ironía no es entonces la persona del cura, sino su método.¹²⁹

Nesse caso é importante destacar que os leitores e ouvintes da história de *Dom Quixote*, em 2006 (nesse caso especificamente os entrevistados), também consideravam que o pastor ou o padre podem mostrar o melhor e o mais correto caminho a ser seguido, de acordo com o contexto social em que estavam inseridos. Eles consideravam que o representante de Deus poderia ser tanto o guia espiritual como também o terapeuta da comunidade em que trabalha. O grupo (com exceção de J., que se absteve desses comentários) relatou ter boas relações com os representantes religiosos de suas comunidades e acreditavam que seria muito importante seguir suas orientações. Eles

¹²⁸ ANTOÑANZAS, 1998, p.37.

¹²⁹ ANTOÑANZAS, 1998, p.35-36.

acreditavam que os representantes de Deus, por serem homens letrados, saberiam das coisas do mundo sagrado e, ainda, como não se perder no mundo profano. A partir dessa perspectiva, acreditavam que o cura desejava o melhor para Dom Quixote e que, em função do cavaleiro cervantino não o ouvir, teve muitos problemas em sua jornada em La Mancha.

Entretanto, os entrevistados contaram que admiravam o Engenhoso Fidalgo, mas no que se refere as suas escolhas pessoais preferiam agir diferente dele e ouvir as prescrições dos seus líderes religiosos. E a iniciativa de procurar a escola para aprender a ler e escrever era apoiada pelos seus respectivos líderes religiosos, que consideravam importante essa iniciativa, especialmente para ler a Bíblia. Desse modo, foi possível constatar que o desejo de ler no caso dos entrevistados estava relacionado e estimulado pela religiosidade.

É importante ressaltar aqui que os alunos viveram verdadeiras peregrinações rumo ao aprender a ler, pois já haviam passado por muitas escolas e tiveram que abandoná-las por motivos diversos. Durante um longo tempo, eles tentaram alfabetizar-se na escola, mas devido às dificuldades no que se refere à aprendizagem e a inadequação ao sistema escolar abandonavam seu projeto de se escolarizar. Além disso, o trabalho e o sustento da família estavam em primeiro plano e, por isso, lhes era muito difícil conciliar as exigências da escola com seu ritmo de trabalho.

No entanto, eles decidiram voltar a escola e investir parte de seu tempo no objetivo de aprender a ler e a escrever, pois, segundo seus relatos, os líderes religiosos de suas comunidades asseguravam que “nunca é tarde para aprender”. E esse estímulo os levou a acreditar no poder redentor da palavra escrita e lida. Por isso, demonstraram considerar a leitura algo divino, superior, pois ela lhes oferecia a possibilidade de acesso ao mundo dos escritos, seja a leitura da Bíblia ou de um romance, trazendo-lhes conseqüentemente saber e poder.

Em suas narrativas alegavam que quem decifrava, entendia e ainda podia explicar os códigos da leitura sagrada seria um iluminado, como o

padre ou o pastor.¹³⁰ E aqueles que dominavam a leitura dos outros livros seriam as pessoas cultas que estudavam nas universidades. Essas crenças representavam um dos principais fatores que os fazia sentirem-se incapazes de fazer parte do mundo letrado. Entretanto, ao superar essas crenças, eles conseguiram vencer suas dificuldades de aprendizagem e aprender a ler e a escrever suas próprias histórias, valorizando-as como parte da cultura do mundo e, não mais à parte dela. Desse modo, os entrevistados passaram a escrever suas histórias de forma rimada como poesias, expressando seus sonhos, seu modo de ver o mundo e sua religiosidade. No entanto, os representantes de suas religiões enfatizavam que poesia não era leitura sagrada e que eles deveriam se concentrar na leitura da Bíblia.

Pensando a partir dessa perspectiva, Gadamer¹³¹ resgata o sentido histórico e semântico acerca das palavras *poesia* e *teologia* que se correspondiam na antiguidade grega clássica, uma vez que toda experiência, seja ela estética ou religiosa, nos incita a nos dirigirmos a elas pelas palavras que as nomeiam. O sentido grego primitivo para a palavra *poesia* estaria relacionado a fazer algo por meio das palavras e *theo-logia* seria o discurso acerca do divino. Nesse período da história não havia separação entre o significado dessas palavras, mas com o despertar da ciência e da filosofia iniciou um tenso conflito com a tradição religiosa e a poética, que acabou conduzindo-as a separação e diferenciação entre ambas tradições.

Na tradição dos gregos havia lugar para a poesia dentro da religião. No entanto, na cultura cristã ocidental não há esse espaço explícito para a poesia. Para o entendimento da nossa própria tradição podemos observar que a cultura judaico-cristã é baseada num livro sagrado constituído por narrativas, ou seja, na Bíblia está presente a arte de narrar. Dessa forma, a escritura alcança uma validade canônica, de modo que, em inglês quando se diz *scripture* se entende imediatamente que se trata da Bíblia. Ocorre que nessa forma de religião, em cuja tradição estamos, fica evidente a separação entre

¹³⁰ Enunciado dos entrevistados.

¹³¹ GADAMER, 1996, p.139.

poesia e religião. Sendo assim, a tradição da antiguidade grega clássica é considerada como pagã, enquanto a cristã é considerada sagrada, como podemos constatar no discurso dos entrevistados à cerca da opinião dos líderes religiosos de suas comunidades. Foi dentro desse contexto interpretativo que os entrevistados puderam compor seus poemas.

Ao analisar o que seria a representação da literatura profana, a seguinte passagem de *Dom Quixote de la Mancha* pode ser muito ilustrativa, pois trata a experiência do homem em suas fragilidades e tentações. Esse seria um dos elementos expressos na literatura dita profana:

En lo que toca el poner anotaciones al fin del libro, seguramente lo podéis hacer desta manera (...) sí tratades (...) de crueles Ovideo os entregará a Medea, si de encantadores y hechiceras, Homero tiene a Calipso, y Virgilio a Circe; si de capitanes valerosos, el mesmo Julio César os prestará a sí mismo en sus Comentarios, y Plutarco os dará mil Alejandros.¹³²

A presença da literatura profana em *Dom Quixote* pode ser observada nas citações de diversos autores, como por exemplo, Amadis de Gaula, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Homero e citações indiretas das obras de Erasmo de Roterdã, entre outros. Por isso, *Dom Quixote de La Mancha* pode ser considerado um hipertexto, também porque se trata de um livro que faz referências constantes a outros livros de outros autores. E dessa forma pode estimular a leitura e a reflexão sobre importantes questões do âmbito social em sua pluralidade de manifestações culturais e religiosas, também presentes nos outros textos aos quais se refere. Desse modo, o que se evidenciou entre os entrevistados de nossa pesquisa é que a leitura da obra cervantina pode despertar o prazer da leitura e o desejo de compreender a natureza humana em sua profundidade tendo como fundamento a literatura.

¹³² CERVANTES, 1987, p. 27-28.

3.2 Leitura sagrada de Dom Quixote: os romances de cavalaria

Em suas andanças rumo à realização dos ideais e sonhos cavaleirescos, Dom Quixote tenta retomar a relação entre o tempo conflitante em que viveu e o tempo dos romances de cavalaria, que se tornaram sua leitura sagrada e religião. Nesse sentido, Antoñanzas faz a seguinte afirmação:

El portador de la redención será siempre el caballero (...) La caballería y el caballero están revestidos de sacralidad. El héroe es el salvador y (...) es ministro de Dios. La caballería es religión.¹³³

De acordo com o referido autor, a suposta loucura do Engenhoso Fidalgo pretendia “restaurar el tiempo mítico y el tiempo sagrado de la caballería, de esa universal armonía entre el hombre, la naturaleza y Dios”.¹³⁴ Desse modo, podemos perceber que o Cavaleiro cervantino investiu em suas lutas na tentativa de converter o mundo em representações de beleza divina, pois ele acreditava com veemência que os ideais dos cavaleiros das Cruzadas rumavam nessa direção. Por isso, a seu modo, tentava repetir aqueles feitos.

Os entrevistados dialogaram muito sobre a temática da leitura sagrada e profana e, assim, foi possível constatar que eles ficaram mobilizados com o que o padre e o cura fizeram com a biblioteca de Quixote com a ajuda da ama e da sobrinha do personagem cervantino, como mostra a seguinte passagem:

Um dos remédios que o barbeiro e o cura por então idearam foi que se condenasse e emparedasse a sala dos livros, para que ao levantar-se o amigo não pudesse dar com ela (tirada a causa talvez cessasse o efeito).¹³⁵

Ao ouvir a leitura desse trecho os entrevistados expressaram que entendiam a Bíblia como leitura sagrada. E no que se refere a leitura profana, em consenso, eles indicaram os romances de cavalaria, que em seu entender

¹³³ ANTOÑANZAS, 1998. p. 248.

¹³⁴ ANTOÑANZAS, 1998. p.91.

¹³⁵ CERVANTES, 2005. p.68.

poderiam identificar seus vícios e virtudes. Nessa conversação os entrevistados associaram o não saber ler a uma espécie de ignorância, a falta de acesso à educação. E o saber ler para eles estaria vinculado à idéia de virtuosismo e acesso ao mundo do conhecimento. Essa perspectiva de interpretação está muito próxima às reflexões gadamerianas sobre o ato de ler. De acordo com Gadamer,¹³⁶ o ato de ler e interpretar estão relacionados à fantasia e aos elementos internos da imaginação que produzimos ao ler. Ele ilustra sua idéia com a metáfora de uma corrente impetuosa que se agarra primeiro a uma imagem e logo em seguida a uma unidade figurativa. Considera que o evocado por meio das palavras tem uma espécie de virtualidade, ou seja, não tem um caráter determinado, pois representa um jogo de possibilidades de atuação e de infinitos modos de interpretação.

Ao ter noção a respeito desse jogo interpretativo de múltiplas possibilidades e perspectivas, os entrevistados relataram perceber que suas histórias de vida têm tanto valor como as histórias dos livros. Eles constataram que suas narrativas, assim como as de *Dom Quixote*, estavam relacionadas ao período histórico em que viveram e não à parte dela. Como considera José Antonio Maravall em seu livro *Utopia y Contrautopia en el Quijote*:

Cervantes, como ya hemos dicho, y con él su personaje, están impregnados de modos de ver, de ideas, de aspiraciones, recibidas de las corrientes de espiritualidad del siglo XVI, las cuales proceden, de la crisis del final del Medievo y que, por esa razón anuncian el nuevo tiempo de la modernidad.¹³⁷

Em alguns momentos, os entrevistados demonstravam se identificar com as narrativas do mundo medieval e sua religiosidade, mas em outros percebiam que estavam vivendo em outro tempo, no qual a ciência teria muitas respostas para suas inquietações, mas a religião ainda acalmava suas angústias. E as leituras de passagens da obra cervantina proporcionaram reflexões que oportunizaram aos entrevistados uma *outra mirada* a respeito de

¹³⁶ GADAMER, 1996, p.260.

¹³⁷ MARAVALL, José Antonio. *Utopia y contrautopia en el Quijote*. Santiago de Compostela: Pico Sacro. 1976. p.25.

suas inquietações através da discussão acerca das diferentes interpretações das passagens do Engenhoso Fidalgo e do compartilhar experiências e visões de mundo com os colegas.

Durante nossa pesquisa, podemos perceber que o Cavaleiro da Triste Figura despertou muitas discussões e reflexões nos entrevistados. Essa situação provavelmente se deu porque o Engenhoso Fidalgo é um clássico da literatura universal que tematiza questões religiosas, interculturais e étnicas através dos relatos e das metáforas de suas aventuras. Contudo, é necessário esclarecer que *Dom Quixote* é uma obra literária, ou seja, não é uma obra teológica, embora possa ocasionar importantes reflexões nesse âmbito. Em virtude disso, Antoñanzas¹³⁸ procura elucidar essa questão explicando que Cervantes nunca pretendeu escrever literatura religiosa ou teológica, pois seu compromisso era puramente literário. Entretanto, a obra cervantina nos oferece significativas possibilidades de discussões nesse sentido. Um dos aspectos que podem ser analisados e discutidos neste clássico literário é a representação da literatura sagrada expressa nas oitenta citações diretas e indiretas à Bíblia acompanhadas de críticas sociais e religiosas elaboradas pelo próprio “pai de Quixote”. No trecho a seguir podemos observar algumas passagens de textos evangélicos (Mateus 10,12; Lucas 2, 14 e João 14, 27 citados por Cervantes) e que podem, inclusive, servir de referência para uma abordagem da questão da religiosidade no espaço escolar:

Y así, las primeras buenas nuevas que tuvo el mundo y tuvieron los hombres fueron las que dieron los ángeles la noche que fue nuestro día cuando cantaron en los aires: “Glória sea en las alturas y paz en la tierra a los hombres de buena voluntad”; y la salutación que el mejor maestro de la tierra y del cielo enseñó a sus allegados y favorecidos fue decirles que cuando entrasen en alguna casa dijese: “La paz sea en esta casa”, bien como joya y prenda dada y dejada de tal mano; joya, que sin ella, en la tierra ni en cielo puede haber bien alguno.¹³⁹

¹³⁸ ANTOÑANZAS. 1998, p.31.

¹³⁹ CERVANTES, 1987, p. 751.

Como mostra Antoñanzas,¹⁴⁰ para o fidalgo a presença e a onipotência de Deus é algo evidente, especialmente quando afirma que Deus é provedor de todas as coisas¹⁴¹, que seu amparo é certo¹⁴², e ainda: “Dios hay en cielo, que no se descuida de castigar al malo ni de premiar al bueno”.¹⁴³ Desse modo, os entrevistados passaram a se identificar cada vez mais com a religiosidade presente na obra cervantina, pois também acreditavam nesses enunciados e nos valores transmitidos por eles. Com isso, podemos considerar que os relatos bíblicos têm em seu conteúdo as narrativas do sagrado, enquanto a literatura conta com os relatos da experiência humana em seus conflitos, sofrimentos, anseios, dúvidas, desejos e sonhos entre a tênue linha que separa ficção e realidade.

Percebemos em nosso trabalho de investigação que é necessário “abrir espaços” para a leitura que tematize a interculturalidade religiosa, já que existe uma grande lacuna nos currículos escolares nesse âmbito. Nesse sentido, também foi possível constatar as histórias do âmbito da oralidade que circulavam entre os entrevistados a respeito de lendas populares místicas que envolviam a figura do mal, como no caso do *Coiso Ruim* relatado a seguir.

Numa das oficinas de educação musical que aconteciam no CMET Paulo Freire foi oferecida para a audição dos entrevistados uma música do violeiro e sertanista Paulo Freire (homônimo do educador que deu nome a escola), que conta o caso do *Coiso Ruim*. A entrevistada Di. relatou que o caso do *Coiso Ruim* era parte de sua infância. Esse é um caso popular que narra a chegada de um homem muito bonito num baile de rama, que costuma acontecer na rua e as pessoas dançam com os pés descalços. Todas as moças tendem a se afeiçoar com o tal homem. E, de repente, a única criança do baile constata o que nem um adulto tinha sido capaz de perceber: o homem tinha um enorme rabo. Desse modo, a criança começou a gritar: “Olha o rabo do *Coiso Ruim!*” A sua mãe demora a dar atenção aos apelos do filho, mas quando

¹⁴⁰ ANTOÑANZAS. 1998, p.321.

¹⁴¹ CERVANTES, 1987, D.Q.I, 18.

¹⁴² CERVANTES, 1987, D.Q. I, 20.

¹⁴³ CERVANTES, 1987, p.447.

percebe se põe a gritar também:” Olha o *Coiso Ruim!*” E assim, o homem que resplandecia beleza e tentava ocultar seu grande rabo desaparecia em meio aos gritos, a muita fumaça e a um cheiro de enxofre. Ao terminar de ouvir a música que contava o caso a aluna D. disse:

“Essa história aconteceu foi comigo. Eu vi num baile, quando eu era criança os pés para dentro que tem o *Coiso Ruim*. Como pode ter acontecido aqui e lá? A minha história não é mentira. Eu era criança e vi tudo.”

A aluna R. disse:

“É, mas essa história também aconteceu comigo lá no interior. Eu me lembro como se fosse hoje. E a minha história também não é mentira, mas eu já era adulta e não vi o rabo do homem.”

Assim, a memória mostra seu papel criativo, através da faculdade de modificar o real, recriando experiências e lembranças. Ao evocar lembranças é possível trazer à tona imagens, cheiros, dar voz às experiências, e assim dar vazão aos sentidos, transformando desse modo cada evocação de lembranças uma nova experiência. Quanto ao sentido da lembrança, Bergson¹⁴⁴ a identifica com a percepção, como se fosse uma sombra junto ao corpo. Vivemos uma nova experiência cada vez que evocamos uma lembrança, e isso acontece por meio dos sentidos, da atribuição e transformação de significados aos símbolos da memória. Assim, é possível perceber que a lembrança ao ser evocada se constitui em uma nova experiência. Do mesmo modo que um enunciado não se repete, a leitura de um mesmo livro ou a leitura de uma lembrança também não. Essa é uma história que, segundo a interpretação dos próprios entrevistados, os remete às narrativas fantásticas contidas em *Dom Quixote de la Mancha*.

A aluna R. ao afirmar que era adulta, e sendo assim, não viu o rabo do homem, mas sim a gritaria, a fumaça e o seu desaparecimento,

¹⁴⁴ BERGSON, 1999.

demonstrou que ocupando o lugar de adulta, não se permitiu afirmar que viu o fantástico, o incrível na situação em questão; apenas presenciou seus indícios.

No que se refere às diferentes interpretações, Gadamer¹⁴⁵ cita alguns exemplos clássicos de interpretação como o vôo dos pássaros, os oráculos, os sonhos e o que é representado por uma imagem ou uma escritura enigmática. Em todos esses casos temos algo ambíguo, um mostrar-se numa direção pedindo para ser interpretado, mas que ao mesmo tempo se oculta. O que se pode interpretar é o múltiplo ou o ambíguo (multiplicidade de significado), como a arte que requer a interpretação, porque é de uma multiplicidade de sentidos inesgotável, ou seja, não se pode traduzi-la adequadamente ao conhecimento conceitual. A arte aponta para algo aberto, com muitas possibilidades de interpretação, assim como a palavra do poeta que tem uma multiplicidade de sentidos e tem sua autêntica dignidade, porque corresponde a ambigüidade do ser humano. A palavra interpretada segue retida em si mesma, do mesmo modo que na poesia as palavras do poeta e do escritor também estão retidas na sua própria existência. As palavras e os sentidos estão dados, embora possa parecer que algo está escondido ou oculto nelas.

O caso do *Coiso Ruim* serve, no entanto, para tematizar também um outro elemento muito importante associado à religiosidade, que é a questão do mal, das dificuldades com as quais o ser humano se depara em sua vida. O imaginário popular está repleto de criações fantasiosas ou fantásticas, quando se trata de compreender o inexplicável. Daí surgem relatos como os que foram apresentados pelos entrevistados. Impossibilitados de dar uma outra explicação a fenômenos dessa natureza, às vezes de ordem sobrenatural, as narrativas populares servem-se da fantasia. A linguagem literária e poética pode expressar de modo muito rico esse mundo fantasioso. E isso pode ser evidenciado também em *Dom Quixote*, onde o real e o imaginário se encontram.

Em nosso trabalho de investigação destacam-se, portanto, as diferentes interpretações que uma obra, um verso, um caso ou mesmo uma determinada situação podem causar. E destaca-se ainda que nossa

¹⁴⁵ GADAMER, 1996, p.76-79.

interpretação está atrelada ao lugar de onde observamos as questões, ou seja, de nossa perspectiva, de acordo com ela interpretamos aquilo que nos afeta, nos perpassa, nos inquieta. Assim, podemos considerar que a vida é compreendida desde e como interpretação. Nesse sentido, tanto na Educação quanto em outras áreas de conhecimento, mostra-se urgente a discussão sobre a diversidade cultural, a multiplicidade de olhares e percepções.

Ao abordar as diferentes interpretações de mundo, o Sarau Literário revelou ser um momento importante do nosso processo de investigação, pois através das discussões que aconteceram, ao lerem e interpretarem textos e poesias, os entrevistados revelaram seus diferentes modos de ver e agir no mundo. Numa das edições do Sarau, paralelamente à leitura de passagens de *Dom Quixote*, foi lida a seguinte poesia de Carlos Drummond de Andrade¹⁴⁶:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.

Ao ouvir essa poesia os estudantes, vinculando literatura profana e literatura sagrada, expressaram sua percepção a respeito dela criando uma nova poesia, chamada *A Pedra de Xangô*:

A Pedra de Xangô

Em nossos caminhos existem muitas pedras,
Essas pedras são os problemas e
Obstáculos que encontramos
Mas com a fé no Xangô da Pedreira podemos
no momento de canseira deitar sobre a pedra
e pensar na vida e nas suas dificuldades e
Assim encontrar outros caminhos a seguir,
mesmo sabendo que ainda existirão muitas

¹⁴⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 45-46.

Pedras em nossos caminhos e
Que em nossos caminhos existem muitas pedras.

A criação coletiva dessa poesia gerou alguns impasses entre o grupo, pois um dos estudantes era seguidor da Igreja Universal do Reino de Deus e essa religião alimenta uma animosidade com os rituais religiosos afro-brasileiros. Desse modo, ele tentou persuadir seus colegas a não aceitar o nome de um Orixá na poesia do grupo. No entanto, foi *voto vencido*, pois a turma era constituída por pessoas que estão imersas na interculturalidade religiosa. Além disso, muitos deles transitavam habitual e paralelamente entre diferentes religiões como a umbanda, o espiritismo e o catolicismo. Esse trânsito por diferentes religiões é chamado por Peter Burke¹⁴⁷ de hibridismo cultural. Segundo ele não existiria uma fronteira nítida entre os diferentes grupos sociais, mas um *continuum cultural*. Assim, os elementos das diferentes culturas poderiam se encontrar e dissolver fronteiras culturais, produzindo novas culturas múltiplas e/ou híbridas.

Seguindo a trilha do hibridismo cultural, os entrevistados se comunicaram e trocaram experiências com um grupo de estudantes adultos da Espanha. Eles escreviam sobre suas culturas e o que tinha de comum e de diferente entre eles. Os espanhóis contaram que consideravam o livro *Don Quijote de la Mancha* o mais representativo de sua cultura, enquanto o grupo de estudantes brasileiros elegeu a lenda do *Negrinho do Pastoreio* para representar a sua cultura. E eles relacionaram o amor do *Negrinho* pelos cavalos (questão que teria marcado sua vida e morte) com o afeto que o cavaleiro cervantino tem por Rocinante e, justificaram sua escolha por considerar que o personagem em questão representava bem suas crenças. De acordo com a narrativa dos entrevistados, o *Negrinho* ajudava a encontrar objetos perdidos, bastava acender uma vela para ele e rezar. Além disso, eles escolheram a lenda do *Negrinho*, porque essa lenda lembrava as suas infâncias e a de seus filhos e, expressava a fé que eles depositam no personagem, como se ele fosse um santo.

¹⁴⁷ BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 14.

Desse modo, durante nossa investigação foi possível perceber que o processo de conhecer e compartilhar experiências passa pelo filtro da memória, pois para significar o que está se conhecendo precisamos relacionar com as experiências já vividas. Assim foi possível constatar que a escola foi o espaço onde o grupo teve a oportunidade de recuperar, expressar e registrar por escrito o significado de suas vidas. Observamos ainda que a escola tornou-se o espaço de socialização, que lhes propiciou o contato com seus pares, com aqueles que compartilham de suas dificuldades em função tanto da faixa etária, quanto social, se configurando num espaço para a arte de narrar e escutar outro. Desse modo, surgiu o desejo de escrever e ler suas experiências, como forma de deixar suas vidas registradas por escrito, como disse o entrevistado E.: “Escrevendo e contando nossas histórias nossa aliança nunca se quebrará”, pois como assegura Benjamin “quem ouve uma história está na companhia do narrador (...) e a ele lhe é dado recorrer a toda uma vida”.¹⁴⁸

Outro caso específico de hibridismo talvez possa ser relacionado aqui com o sincretismo religioso presente no caso do *cautivo* exposto por Cervantes, como podemos observar na seguinte passagem do Engenhoso Fidalgo:

Tudo o que aqui vai em romance é, letra por letra, o que contém este papel mourisco, mas há de advertir-se que onde se diz “Lela Marien” se deve entender “Nossa senhora, a Virgem Maria”.
Lemos então o papel, que dizia assim:
“Quando eu era menina, tinha meu pai uma escrava, a qual na minha língua me deu conhecimento da zalá cristã, e me disse muitas cousas de *Lela Marien*. A tal cristã morreu, e eu sei que não foi ao fogo, mas sim que foi para Alá.”¹⁴⁹

Nesse trecho podemos perceber a alusão traçada por Cervantes, no que se refere ao sincretismo religioso, uma vez que ele propõe que na narrativa apresentada onde se diz *Lela Marien* se entenda *Virgem Maria*, ou seja, a questão do sincretismo acompanha há muitos séculos o encontro da cultura religiosa ocidental e oriental. Como podemos constatar através da leitura

¹⁴⁸ BENJAMIN, 1975, p. 62,68, 74.

¹⁴⁹ CERVANTES, 2005, p.397.

desse texto, os costumes e hábitos mouros, árabes e turcos são parte integrante da história do cavaleiro cervantino, assim como referências explícitas a Bíblia e ao mundo da Antigüidade greco-romana. Nesse sentido, Cervantes ultrapassou as demarcações temporais e espaciais de seu próprio tempo, dando destaque aos conflitos existenciais que mostraram a universalidade de sua obra, que chega a impressionar também os nossos entrevistados.

3.3 Símbolos religiosos e interpretação em Dom Quixote

Seguindo os passos da arte da narrativa, o entrevistado Alv. contou para os seus colegas as suas experiências vividas no Centro Espírita São Jorge Guerreiro. Ele ficou emocionado ao ouvir a passagem de Dom Quixote em que o Cavaleiro da Triste Figura rende homenagens ao cavaleiro de Cristo, São Jorge Guerreiro, protetor das donzelas e de povoados desprotegidos. O entrevistado disse que se sentia honrado em cultuar o mesmo santo que Dom Quixote havia cultuado e que se sentia realmente protegido no Centro Espírita que leva o nome do santo do Cavaleiro da Triste Figura.

Antoñanzas¹⁵⁰ lança luz sobre essa questão em suas análises destacando a fé do Engenhoso Fidalgo nos santos guerreiros da Igreja Católica: “Quijote ruega a los hombres vestidos de labradores que levanten los lienzos que protegen las estatuas de San Jorge, San Martín, Apóstol Santiago y San Pablo caído del caballo.” No nosso caso, as questões sobre a fé e religiosidade são aspectos que suscitaram um profundo processo de identificação entre o grupo de entrevistados com o cavaleiro cervantino.

De um modo paradoxal, Alv. expressava sua fé na Igreja Católica, em seus santos de devoção e no Centro Espírita que rendia homenagens aos mesmos santos católicos. Ele relatou ainda que visitava um Centro de Umbanda, onde também há devotos de São Jorge Guerreiro, mas lá o santo recebe o nome de Ogum, pois no sincretismo religioso São Jorge é associado ao Orixá Ogum guerreiro. Nesta perspectiva, vale a pena lembrar mais uma vez

¹⁵⁰ ANTOÑANZAS, 1998, p. 370.

o que é afirmado por Peter Burke¹⁵¹ ao considerar que existem afinidades ou convergências entre imagens oriundas de diferentes tradições, e que, muitas vezes, especialmente no Brasil, as pessoas transitam por diferentes religiões simultaneamente e cultuam os mesmo santos. No entanto, em alguns casos atribuem nomes diferentes a uma mesma imagem religiosa. Como podemos observar no caso relatado por Alv., de acordo com a perspectiva de Burke¹⁵², na comunicação humana se trata de interpretação e ao nos depararmos com imagens estranhas ou diferentes às da nossa cultura nossa tendência é traduzi-las para termos familiares recorrendo a esquemas visuais de nossa própria cultura, para assim significar o que é visto.

Além de cultuar São Jorge Guerreiro, a entrevistada Ja. era devota de Santo Antônio. Ela participava de suas procissões anualmente e relatou que nas últimas procissões das quais havia participado pedia a seus santos ajuda para logo decifrar as letras escritas nos livros. Ela desejava muito ler sozinha sem a ajuda ou mediação dos outros, sonhava com o momento em que ela leria a sua própria Bíblia.

Já o entrevistado J. ouvia atentamente as narrativas de experiências pessoais e religiosas de seus colegas, mas deixava bem claro em seus relatos que era ateu. Embora tivesse sido batizado na Igreja Católica, tivesse feito comunhão, crisma e se casado diante de um padre, dizia não acreditar mais em Deus. Ele disse ter vindo de uma família muito católica e ter casado com uma mulher católica, mas que na verdade não conseguia se convencer a respeito da existência de Deus. No entanto, admirava aqueles que conseguiam crer em algum Deus ou santo. Paradoxalmente a esse seu posicionamento, ele recorria costumeiramente ao nome Deus nos momentos de dificuldade. Quando seus colegas chamavam atenção para esse fato, ele alegava que isso acontecia por força do hábito, não por fé. J. demonstrava uma grande desconfiança especialmente com a questão do dízimo nas Igrejas Pentecostais, além é claro de criticar essa cobrança na Igreja Católica. Contudo,

¹⁵¹ BURKE,2003, p. 26-27.

¹⁵² BURKE,2003, p. 57.

tinha muita consideração e respeito com seus colegas e seus relatos de fé. Ele não tentava convencer os outros do seu ponto de vista. E dizia que talvez um dia, quando estivesse bem velho, poderia mudar de idéia. Ele se identificava muito com *Dom Quixote* e com suas críticas relacionadas aos que faziam questão de se afirmar como religiosos, pois acreditava que isso se mostra nas ações e não nas palavras. No que se refere ao processo de identificação com a postura do Engenhoso Fidalgo, essa situação pode ter se desencadeado em função de que, como afirma Antoñanzas,¹⁵³ o Cavaleiro da Triste Figura incorpora os conflitos tortuosos entre a fé e a descrença, onde o homem se debate com a busca pelo sentido da vida.

Ao ouvir a leitura de uma passagem de *Dom Quixote*, os entrevistados encontraram elementos para discutir seus dilemas pessoais. Os idosos identificaram-se com Sancho ao ouvir a passagem do livro onde é narrado o fato de que o fiel escudeiro era analfabeto, e, ainda assim, portador de muita cultura e histórias que memorizava por meio da tradição oral. Outra importante questão de identificação é demonstrada quando Sancho se afirma um bom cristão, como indica a seguinte passagem:

Ó senhor, não há motivo para me vingar de ninguém – respondeu Sancho – nem isso é de bons cristãos (...)
Pois se é essa a tua determinação – redargüiu Dom Quixote – Sancho bom, Sancho discreto, Sancho cristão e Sancho sincero.¹⁵⁴

Como sabemos, em diversos momentos, Sancho Pança declarava ser um bom cristão. A partir da contextualização dessa leitura e dessa posição, nossos estudantes discutiram a questão da religiosidade na velhice. É necessário contextualizar que na época em que *Dom Quixote* foi escrito por Cervantes, ou seja, há mais de quatro séculos, homens na faixa de cinquenta anos já eram considerados velhos. Essa é mais uma razão que contribui para o processo de identificação dos entrevistados com o escudeiro cervantino, uma vez que os personagens centrais desse romance eram tidos como idosos na época em que o romance foi escrito. É importante destacar que a discussão não

¹⁵³ ANTOÑANZAS, 1998,p.42.

¹⁵⁴ CERVANTES, II, 2005, p. 87.

se tratava do ser ou não ser um bom cristão, mas sim refletir sobre o significado da afirmação do escudeiro. Esses aspectos do texto cervantino fizeram sentido para os entrevistados, pois como considerou Gadamer¹⁵⁵ a obra de arte literária tem sua existência significada para o *ouvido interno*, pois ele percebe as questões lingüísticas ideais, algo que não poderia se ouvir com o *ouvido externo*.

A leitura do seguinte excerto de Quixote emocionou os entrevistados: “Yo Sancho, nací para vivir muriendo” dice Don Quijote.¹⁵⁶ A partir da discussão dessa passagem, os entrevistados levantaram as seguintes hipóteses a respeito da motivação em direção a uma busca maior pela religiosidade na velhice:

a) Na velhice a religião pode ser uma referência de vida, pois é um momento muitas vezes marcado pela exclusão social. Nesse caso o amparo desejado é encontrado na fé em Deus;

b) A velhice é uma fase em que a vida passa por grandes mudanças. Assim, as perguntas sobre o sentido de nossa existência tornam-se mais insistentes;

c) A velhice é permeada pela sombra da iminência da finitude.

Esses tópicos foram muito discutidos entre os entrevistados que se identificaram com os dilemas da finitude do ser e da religiosidade, da busca do sentido da vida e da fé, da referência existencial e amparo na religião. Como considera Antoñanzas: “Para Cervantes la vida es única y singular, y en consecuencia, cada vida, corresponde a su muerte.”¹⁵⁷ Ao ler as narrativas do cavaleiro cervantino, os entrevistados puderam perceber a riqueza e a singularidade de suas histórias. Essas discussões foram muito importantes e podem ser compreendidas a partir da afirmação feita por Klein¹⁵⁸, para quem “as perguntas existenciais são o ponto de partida e também o ponto de chegada,

¹⁵⁵ GADAMER, 1996, p.191.

¹⁵⁶ CERVANTES, 1987 V. II, p.822

¹⁵⁷ ANTOÑANZAS, 1998, p.394.

¹⁵⁸ KLEIN. Remí. **O lugar e o papel das perguntas no processo educativo-religioso**. In: SCARLATELLI, Cleide, STRECK, Danilo, FOLLMANN, José Ivo (Org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 160.

pois o mais importante, no processo educativo-religioso, não são as respostas e as certezas, mas as buscas e os questionamentos.”

Através de suas narrativas, os entrevistados perceberam que, de diferentes formas, viviam dilemas e questionamentos dos quais compartilhavam. Desse modo, sentiram-se amparados e sem a necessidade de buscar uma resposta unificadora, mas sim o compartilhamento de seus sonhos e conflitos. Essa experiência suscitou a percepção de que através do compartilhar as suas vivências e relatos de fé, tornou-se possível formar um elo fraternal entre os participantes do grupo. Esse compartilhar das experiências vividas, uniu diferentes credos e ideologias por meio de narrativas fraternas, que, como pensou Walter Benjamin¹⁵⁹, são tecidas artesanalmente, ou seja, com a temporalidade e a sensibilidade dos artesões.

Outra questão suscitada nas discussões dos entrevistados a partir do excerto quixotesco em que Sancho se diz um bom cristão é o fato de que um homem nessa condição não precisa se auto-nomear, mas precisa ser, agir como tal. E ainda, que Dom Quixote teria ironizado a auto-afirmação de seu escudeiro em função de pensar que um bom cristão se mostra por suas ações, não por suas afirmações. Dessa forma, os entrevistados passaram a discutir a respeito do que é um bom cristão. Eles expressaram seus conceitos do que seria um bom cristão, dizendo ser aquele que segue os dez mandamentos. A única entrevistada que quis acrescentar algo em suas considerações foi M. que disse: “um bom cristão é simplesmente aquele que faz o bem sem olhar a quem!”

Um outro aspecto importante a ser considerado aqui em se tratando das relações entre literatura e religiosidade é que os entrevistados percebiam como Dom Quixote fazia suas peregrinações com a fé de que encontraria a realização de seus sonhos e ideais de cavaleiro andante, tal como nos romances que lia. Os entrevistados relacionaram as peregrinações do Fidalgo com as suas experiências pessoais em busca da leitura perdida ao longo de suas vidas. E essa leitura eles estavam buscando na escola, no intuito de ressignificar suas vidas. Essa situação vai ao encontro do que afirma Antonio

¹⁵⁹ BENJAMIN, 1975.

Vilanova a respeito de Cervantes, ao ressaltar que o “pai de Quixote” é um autor que expressa genuinamente os anseios e conflitos do seu tempo. E, possivelmente esse foi um dos fatores que desencadeou o processo de identificação dos entrevistados com o personagem literário aqui referido. Na seguinte passagem podemos observar elementos constitutivos da subjetividade de Dom Quixote, que expressa a condição do humano diante de seus ideais e suas limitações:

Fruto complejo de una conjunción de ideales platónicos, virtudes estóicas y creencias cristianas, el peregrino es el antiguo caballero andante reducido a su verdadera dimensión humana.¹⁶⁰

É importante destacar que os entrevistados ao conhecer Dom Quixote num primeiro momento o consideraram um homem superior e soberano por sua erudição. Num segundo momento se divertiram com as trapalhadas e loucuras quixotescas. E, em seguida, passaram a admirar o personagem por revelar as angústias, os sonhos, os anseios e as decepções do humano que muito os afetavam, mas sem que conseguissem expressar seus tormentos com a clareza e a ironia do Engenhoso Fidalgo, de modo a exorcizar os fantasmas do medo de se expor e experimentar a vida como uma obra de arte.

3.4 O poder das palavras

Perguntados sobre a importância do ato de ler, os entrevistados disseram acreditar que aprender a ler seria como nascer de novo e ver o mundo com outros olhos. Eles relacionaram sua fé no poder das palavras com a fé de Dom Quixote nos romances de cavalaria e no poder da palavra através do batismo. Um importante exemplo da fé no poder redentor das palavras é descrito no início do romance cervantino, como o caso de Aldonza que foi transformada em Dulcinéia, de Alonso Quijano que foi transformado em Dom Quixote e

¹⁶⁰ VILANOVA, Antonio. **Erasmus y Cervantes**. Barcelona: Editorial Lumen, 1989.p. 402.

rebatizado por Sancho em Cavaleiro da Triste Figura, e ainda, do esquálido cavalo nomeado Rocinante. Sobre o tema do poder das palavras, que também pode ser identificado com o ritual do batismo, o autor Francisco M. Fernández faz a seguinte consideração:

Con el rito cristiano del bautismo que parte de la fe en el poder redentor de la palabra del nombre que se asigna al neofito. Aldonza la ruda labradora es redimida purificada, por su nuevo nombre, Dulcinea. También Alonso Quijano se ha reubautizado a sí mismo y a su caballo, y no se fue tarea pequeña (...) Así Alonso Quijano, ahora Don Quijote, asienta su renovación espiritual sobre materia lingüística, desechando aquellos nombres que no se acomodaban a sus propósitos. Dado que a palabra siempre será bienvenida la aparición de nuevos nombres propios, como el caballero de la triste figura, el del verde gabán y tantos otros. Don Quijote se aferra a estos vocablos porque al hacerlo reivindica la verdad de su fe.¹⁶¹

Assim, como o batismo cristão é considerado um processo de transformação, os entrevistados acreditavam que o poder da palavra escrita os libertaria da escuridão de suas ignorâncias a respeito da cultura escrita do mundo letrado em que eles viviam às suas margens.

Essa questão encontra um importante elemento de análise na narrativa da entrevistada M., que após o feriado de Páscoa narrou um processo de iluminação pelo qual teria passado durante a procissão da Sexta-feira Santa. Esse evento religioso aconteceu no Morro da Cruz, em Porto Alegre, por ocasião da procissão na qual é revivida a paixão de Cristo, que constitui uma antiga tradição da cidade. O ápice dessa celebração acontece quando é encenado o renascimento de Jesus no alto do morro ao som dos fogos de artifício.

No decorrer dessa celebração religiosa a entrevistada M. relatou que visualizou uma forte luz à sua frente e lhe fez a seguinte revelação: ela aprenderia a ler e escrever na semana seguinte. Desse modo, poderia ajudar a si e aos outros. Essa luz teria lhe revelado que essa seria sua missão na vida. A entrevistada assegurava que era atendida por Deus em todas as suas necessidades. É interessante observar aqui, que *Dom Quixote* também

¹⁶¹ HERNÁNDEZ, Francisco Martí. **Metáfora y religión en el Quijote** In. Actas del II colóquio Internacional de la Asociación de Cervantes.

acreditava nesse mesmo enunciado. Ela entendia que esse era um dos motivos que teriam despertado sua afeição pelo cavaleiro cervantino. Como considera Antoñanzas:

El caballero héroe se expresa en la concordia entre lo divino y lo humano (...) La existencia de un Dios que garantiza su misión es para Don Quijote verdad incuestionable – “Díós me entiende”.¹⁶²

É importante registrar também que, ao chegar à escola, na semana seguinte à celebrada *iluminação*, M. narrou o acontecido aos seus colegas e de fato começou a ler e a escrever. Ela contou que esse fato aconteceu quase como um sonho, mas que sonhou acordada. Assim, podemos interpretar aquela experiência de revelação baseada no poder das palavras a teria feito renascer e começar uma nova vida ao entrar para o mundo da cultura letrada.

Segundo Rolf Tiedmann¹⁶³, estudioso da obra benjaminiana, especialmente em seus estudos sobre a arte da narrativa, Benjamin procurava conceituar a experiência no intuito de resgatar sua plenitude, tal como os primeiros filósofos, e ainda, restituir o conhecimento da teologia no sentido da iluminação sagrada. No entanto, as experiências surrealistas lhe indicaram que sua questão não se tratava de restituir questões teológicas, mas sim de suas relações com o mundo profano, que seria vizinho próximo da iluminação sagrada. Benjamin procurou introduzir a iluminação profana em suas reflexões, interpretando sonhos e suas respectivas experiências miméticas, tais como podemos observar em Dom Quixote e na vivência narrada por M.

O desejo da entrevistada era aprender a ler e, quase como um sonho, que antes da dita iluminação era muito nebuloso, passou a decifrar as letras escritas nos livros e a reproduzi-las em seu caderno, tentando entender e produzir significados para seu aprendizado. M. acreditava com toda sua fé que através da alfabetização poderia mudar sua vida e realizar a sua revelada missão de ajudar aos outros através da leitura dos livros e da Bíblia. Para ela, aprender a ler era como um ato de fé, pois lhe atribuía o poder libertador da

¹⁶² ANTOÑANZAS, 1998, p. 408.

¹⁶³ TIEDMANN, Rolf. Introdução à edição alemã do livro *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG e São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 18.

palavra escrita. Ela considerava que o “iluminado” era aquele que sabia ler a palavra de Deus e a palavra do homem, pois a leitura tornaria o homem elevado. Desse modo, ela relatou perceber a professora como a guardiã do conhecimento, pois ela seria a iniciadora (como uma sacerdotisa) dos sujeitos no mundo da leitura e da palavra escrita por meio de uma celebração em sala de aula. E assim, se permitiu aprender a ler e a escrever, de modo a celebrar a realização de uma promessa de fé no poder das palavras.

E, ao pensarmos na celebração do poder das palavras, podemos recorrer as considerações de Gadamer quando afirma que “a experiência da festa é, antes, a celebração que é um presente *sui generis*”¹⁶⁴, e o presente de M. foi ter aprendido a ler e a compartilhar com aqueles que estavam ao seu redor sua alegria, considerando que o caráter temporal da festa reside em sua celebração. Ou seja, “a festa só existe na medida em que é celebrada”¹⁶⁵, e o poder da palavra, tanto escrita quanto oral, foi celebrado pelos estudantes idosos entrevistados, como foi possível constatar no decorrer desta investigação.

Por outro lado, a experiência vivida por M. também pode ser compreendida a partir da perspectiva interpretativa que nos oferece Antonio Carlos Magalhães, ao reafirmar o poder das palavras das narrativas:

A vida humana é fundamentalmente narrativa, e os seres humanos são seres narrativos ao construírem constantemente seu estar no mundo. A discussão sobre a narrativa ajuda-nos a identificar agentes concretos, coloca a questão dos sujeitos para um debate, a partir de suas falas, apresentando-se como uma forma específica do discurso e como desenvolvimento fundamental na transmissão de histórias e fonte no desenvolvimento das tradições, perdurando como elemento essencial para a preservação da mesma tradição que lhe deve a origem. (...) Constatar isso é reconhecer que, para a teologia, é de suma importância a inserção numa comunidade narrativa e a leitura de narrativas que expressam o mundo do qual a teologia emerge e se desdobra. (...) A literatura assume papel importante, nesse particular, para a teologia, porque preserva um quadro narrativo da experiência e da história humana.¹⁶⁶

¹⁶⁴ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I** Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Editora Vozes, 2003. p.180

¹⁶⁵ GADAMER, 2003, p.181.

¹⁶⁶ MAGALHÃES, 2000, p.180-181.

À luz dessas considerações sobre literatura e teologia podemos concluir que esta investigação pretendeu revelar algumas das muitas relações entre as narrativas do cotidiano dos sujeitos entrevistados acerca de suas diferentes religiosidades com a arte da narrativa presente tanto na literatura sagrada quanto na literatura profana. Desse modo, evidencia-se que a experiência humana, exposta pela narrativa dos estudantes idosos, se descobre e se revela através do poder da palavra escrita e falada, por meio da memória e do relato daquilo que foi vivido e é significativo para os sujeitos.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa foi possível constatar o interesse dos entrevistados pela obra *Dom Quixote de la Mancha*. Além disso, percebemos a necessidade sentida por eles de encontrar um lugar para serem ouvidos e compartilhar suas diversas narrativas. Observamos também que se faz urgente abrir espaços para o diálogo e a reflexão a respeito da multiculturalidade nas instituições escolares, especialmente no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, como aconteceu com o grupo de idosos que fizeram parte desta pesquisa. Para que isso seja possível, o professor precisa desenvolver uma escuta sensível às histórias e conhecimentos que seus alunos expressam em sala de aula, para que a partir do conhecer e do compartilhar as experiências vividas, os sujeitos possam respeitar, em sua singularidade e legitimidade, a história do outro, das diferentes culturas que transitam no espaço escolar.

O que nosso trabalho destaca é que a arte da narrativa deve ser valorizada em nossas salas de aula. O ato de narrar está presente quando contamos e interpretamos histórias. Enfim, o ato de narrar é uma arte que precisa ser preservada através da valorização da tradição oral que precede a escrita. Esse modo de se referir à narrativa pode nos auxiliar a refletir a respeito da importância e da relevância histórica e social do ato de ouvir e contar histórias, hábito pouco cultivado na sociedade contemporânea, onde as pessoas não encontram mais tempo, espaço ou motivação para tecer a arte de narrar.

Por isso, estamos de acordo com Benjamin,¹⁶⁷ que entendia a palavra narrada e o artesanato como sendo redes elaboradas pelos fios de histórias de homens que se permitem viver a passagem do tempo de um modo fraternal. Também podemos aceitar a posição de Kramer,¹⁶⁸ para quem o ouvinte e o narrador compartilham de uma coletividade e a narrativa (ponte entre passado e presente, indivíduo e tradição, passado individual e coletivo) deve ser cultivada para que os traços do narrador possam seguir com o ouvinte “como o

¹⁶⁷ BENJAMIN, 1975.

¹⁶⁸ KRAMER, Sônia. **Educação a contrapelo**. In. Revista Educação – Especial: Benjamin pensa a educação. São Paulo: Editora Segmento, março 2008.p. 16-25. (Biblioteca do professor 7)

oleiro deixa a marca de sua mão no vaso de argila”, uma vez que desprovido de experiência o homem não deixa rastros e que, por isso, ele precisa rememorar.

A partir dessa perspectiva, o hipertexto narrativo presente em *Dom Quixote* mostrou ser um importante elemento suscitador de significativas reflexões sobre as diferentes expressões culturais, pois as múltiplas vozes de narradores e personagens desse romance tematizam os conflitos, desejos e sonhos do humano, dentre eles, a sua eterna busca pelo sentido da vida. Nesse sentido, existem muitas obras literárias clássicas e atuais que podem alargar nossos horizontes abordando de forma contextualizada as diferentes culturas. Dentre elas podemos citar desde autores da literatura brasileira, até aqueles clássicos da literatura universal, tais como Dante Alighieri, Miguel de Cervantes, Dostoiévski, Jorge Amado, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis. Em suas obras, esses autores nos mostram como é possível pensar a questão da interculturalidade.

Em nosso trabalho pretendemos ter mostrado como a figura de Dom Quixote se presta a uma análise de elementos religiosos vinculados à multiculturalidade. Por isso, nos diversos momentos de nossa investigação ficou claro que a obra de Cervantes aborda questões relevantes no âmbito da religiosidade, ultrapassando assim as fronteiras temporais e culturais do seu tempo. Desse modo, no que diz respeito ao significado de *Dom Quixote* para a compreensão do fenômeno religioso, podemos concluir assumindo a posição de Klein,¹⁶⁹ quando afirma que “a leitura e a narração não consistem meramente em compreender um texto de uma história, mas são fundamentalmente um ato de compreender a si mesmo e aos outros”. Através da leitura e da interpretação de Dom Quixote, os participantes desta pesquisa mostraram que podem descobrir-se a si mesmo e ao seu mundo.

Em nossa experiência docente constatamos que cada abordagem pedagógica precisa estar adequada ao grupo de estudantes com os quais se

¹⁶⁹ KLEIN, Remí. **Educar para a sensibilidade solidária**: interface entre Ensino Religioso e literatura infantil. In. **Ensino Religioso: diversidade e identidade**. Org. KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008. p.75-83.

está trabalhando. De uma escolha metodológica pode depender o êxito ou o fracasso de nossa ação educativa. Às vezes, um texto que sensibiliza um grupo, pode não interessar e não sensibilizar a outro. Então, pensamos que o melhor é *criar junto ao texto*, de acordo com o contexto de cada grupo de estudantes. Essa é uma difícil tarefa, mas ela é muito importante no percurso de um professor interessado em pesquisar as diferentes realidades culturais e religiosas, especialmente quando ele pretende contemplar as diversas expressões da religiosidade que se mostram ou silenciam em nossas salas de aula. Pensando nesse sentido, em função das questões aqui pontuadas, consideramos de profunda relevância a leitura de clássicos literários no ambiente escolar, pois eles abordam o conhecimento e a cultura constituída pela humanidade em seus diversos tempos e espaços, além de propiciar reflexões a cerca do que se passa com a sociedade atual, que dá um especial destaque à questão do encontro multicultural.

Por isso, pensamos que a abordagem literária de temas pertinentes à religiosidade é uma importante estratégia pedagógica no sentido de celebrar o encontro de diferentes culturas. Como pretendemos ter mostrado, no discurso de Dom Quixote podemos encontrar uma forte ênfase na celebração do encontro entre diferentes culturas, cujas continuidades e descontinuidades podem ser identificadas na história da interculturalidade, como quando afirma que “nem todos os cavaleiros podem ser cortesãos, nem todos os cortesãos podem nem devem ser cavaleiros: de tudo tem de haver no mundo; cavaleiros todos somos, mas vai muita diferença de uns a outros.”¹⁷⁰

Nesse mesmo espírito de defesa da interculturalidade religiosa, vale a pena considerar aspectos próprios do discurso cervantino em favor da alteridade e do reconhecimento da diferença. Isso é muito bem expresso por Cervantes que, ao relatar as cavalgadas de *Dom Quixote* com seu fiel escudeiro Sancho, cita histórias reais de relações interculturais nas quais está presente a intolerância religiosa e de aculturação. Numa delas, que vale a pena lembrar aqui, Sancho encontrou um ex-vizinho mourisco que tinha sido expulso da

¹⁷⁰ CERVANTES, 2005, p.52.

Espanha por ordem de Sua Majestade, que não queria mouros em terras espanholas, pois não eram cristãos, e em sua lógica, por isso mesmo não eram confiáveis.

No entanto, o vizinho de Sancho, um ex-vendeiro seguia a profissão de vendedor, mas agora ambulante e disfarçado para não ser reconhecido e preso. Segundo relatou em segredo a Sancho, o seu intuito era o de seguir na vida de comerciante, para poder se sustentar e morar em paz na Alemanha junto de sua família. O mouro relatou que em terras alemãs teria possibilidade de viver livremente, alegando que sua mulher e filha eram católicas cristãs e que ele se considerava mais cristão do que mouro. Lamentando-se da atual situação vivida na Espanha de sua época, o mouro assim narra sua condição existencial em busca de reconhecimento num ambiente intercultural:

Onde quer que estamos, choramos pela Espanha, porque, enfim, aqui nascemos (...) Sai como digo, da nossa terra, entrei em França, onde nos faziam bom acolhimento, e quis ver tudo. Passei a Itália, cheguei à Alemanha, e ali me pareceu que se podia viver com mais liberdade, porque os seus habitantes não olham a muitas delicadezas; cada um vive como quer, porque a maior parte deles tem liberdade de consciência. Arranjei casa num lugar junto de Augsburg, liguei-me a peregrinos, que têm por costume vir todos os anos visitar os santuários de Espanha, que consideram as suas Índias, de granjeio certíssimo e conhecido lucro.¹⁷¹

Este aspecto da interculturalidade religiosa ainda está certamente por merecer uma investigação mais detalhada e aprofundada. No entanto, pelo estudo que realizamos já podemos considerar que as diferenças culturais e religiosas não são um impedimento para a vida social, podendo tornar-se sua própria condição de possibilidade. Tudo dependerá do modo como uma determinada sociedade aborda a questão. Certamente, a intolerância e o desrespeito para com a diferença não contribuem para a constituição de autênticos laços sociais. Por isso, tanto em nossa investigação quanto em nossa atividade docente aqui analisada, ao pontuar a atualidade das narrativas contidas no romance cervantino, despertamos importantes problematizações, provocando discussões e reflexões tanto no que se refere ao sincretismo

¹⁷¹ CERVANTES, 2005, p.382.

religioso, quanto às diferentes formas de religiosidade que convivem e interagem no mundo.

Ao final de nossas considerações precisamos destacar que, muitos foram os autores¹⁷² que estudaram e analisaram *Dom Quixote de la Mancha*. No entanto, muitos desses estudos se detêm em aspectos de ordem política, histórica e social, sem se ater mais detalhadamente nas questões religiosas, como o fizemos aqui, seguindo de perto as análises apresentadas pelo teólogo espanhol Fernando Antoñanzas, um dos poucos autores que se deteve nas questões teológicas presentes no romance cervantino. Suas análises nos levaram a considerar com atenção especialmente, não só como podemos facilitar o acesso dos estudantes à obra literária e do modo como esses mesmos estudantes são afetados, direta ou indiretamente, pela recepção desse texto ao entrar em contato com suas produções e seus espaços simbólicos. As análises de Antoñanzas apontaram para uma questão específica e constitutiva das discussões que realizamos tomando como base o texto de Cervantes, a questão da religiosidade.

No decorrer desta pesquisa constatamos que a busca do sentido da existência humana, acompanhada pela questão da *finitude do ser*, constituiu o elemento central que perpassou a subjetividade do grupo aqui analisado, pois em suas narrativas se evidencia o amparo encontrado por eles dentro das suas respectivas religiões. O grupo enunciou em seus discursos que na escola encontrou espaço para a expressão de suas subjetividades, uma vez que suas diferentes narrativas de fé tinham sido acolhidas fraternalmente, sem disputas ou desmerecimentos de uma crença e enaltecimento de outras, e que nesse espaço sentiram-se mais que colegas; sentiram-se irmãos, como declarou o entrevistado J. durante o Sarau Literário: “Nós fazemos poesias juntos, falando de nossos sentimentos para que nossa aliança nunca se quebre.” E assim,

¹⁷² Dentre os autores que analisaram *Dom Quixote* podemos ressaltar especialmente: Ortega y Gasset; José Antonio Maravall; Francisco Martí Hernandez; Antonio Vilanova; Americo Castro; Ernesto Sábato; Roger Garaudy; Michel Foucault; Vladimir Nabokov; Miguel de Unamuno; Charles Moeller, Carlos Fernández Gómez, Leo Spitzer, Bernhard Taureck.

discutiram e compartilharam suas diferentes experiências também no âmbito da fé religiosa.

No primeiro capítulo mostramos a relação que os entrevistados realizaram entre suas narrativas pessoais e as narrativas de *Dom Quixote*, especialmente nas suas buscas em apropriar-se do poder *sagrado da palavra escrita*, além da busca de acolhimento e identidade nos espaços de uma outra cidade (que não era a de suas origens); a fim de acalmar seus anseios, demonstrados no sentimento de viver *num lugar sem lugar*, ou seja, num lugar onde falta espaço para a expressão de sua subjetividade, cultura e religiosidade. No entanto, no espaço escolar o grupo de entrevistados encontrou um lugar onde pôde sentar-se à mesa do diálogo e compartilhar suas diferentes experiências, inclusive no âmbito religioso, rompendo assim o tabu de falar a respeito da diversidade religiosa, e expondo suas diferenças e alteridade sem querer impor as suas verdades aos outros, mesmo que essa não fosse uma prática comum na escola e sim estabelecida em seu grupo específico.

No segundo capítulo nos deparamos com o fenômeno do ato interpretativo na vida cotidiana dos entrevistados em seus olhares permeados por uma visão, que de certo modo, podemos chamar de quixotesca no sentido de lançar um olhar diferente a realidade que os cerca, ou ainda, como alguns atribuem ao significado do termo quixotesco – um modo esquisito de perceber e interpretar o mundo. E, foi o que aconteceu com o grupo desses estudantes idosos que ao ler *Dom Quixote* passaram a expressar sua subjetividade e afirmar suas diferenças e depois de alguns encontros se dissiparam os desgastantes e inúteis enfrentamentos na busca de quem teria uma verdade única e universal. Outro aspecto importante salientado neste capítulo foi a busca de sentido capaz de dar significado à vida dos entrevistados, que vivem numa cidade grande, lugar tão diferente das cidades pequenas onde nasceram. Eles ressaltaram a importância de marcar suas identidades na cartografia de outra cidade, mesmo que de forma subjetiva, pois essas marcas não se movimentavam no âmbito da geografia, mas sim no de suas histórias pessoais permeadas por suas cosmovisões.

No terceiro capítulo narramos e analisamos a vontade de saber dos alunos expressa em seus desejos de ler tanto a vida quanto os livros, com ênfase especial na Bíblia, considerada pelo grupo a leitura sagrada necessária a ser apreendida, para que assim pudessem participar mais ativa e efetivamente nos grupos religiosos em que estavam inseridos. Entretanto, ao aprender a ler (com o claro objetivo de ler a Bíblia nas celebrações de seus respectivos cultos) eles passaram a ler um romance cervantino, onde encontraram substanciosas relações com a escritura sagrada, que já conheciam por a ouvirem nos sermões de padres e pastores. E, a partir dessa experiência de leitura e interpretação de um clássico da literatura, o grupo passou a valorizar mais suas próprias narrativas, percebendo que a história não está limitada somente ao que está escrito nos livros, mas ao que está vivo no âmbito da oralidade. E, em *Dom Quixote de la Mancha*, eles encontraram o registro de muitas histórias do mundo da oralidade, especialmente dos causos e lendas contados por Sancho, um homem que lamentava muito não saber ler, mas nem por isso ignorava a arte de contar histórias e ter na bagagem de sua história de vida uma verdadeira biblioteca repleta de livros não escritos, mas contados. Com este trabalho, esperamos também ter mostrado a importância que a literatura assume quando se trata de oferecer uma alternativa metodológica para a Educação de Jovens e Adultos. Esse estudo experimentou a possibilidade de proporcionar ocasião para importantes reflexões e ações acerca da celebração das diferentes culturas no espaço escolar, promovendo o respeito pelo outro, como legítimo outro em sua diferença.

E Dom Quixote, o cavaleiro das identidades e das diferenças, como bem observou Foucault¹⁷³, causou um *quixotesco* processo de identificação entre os sujeitos desta pesquisa, especialmente quando nos disse o seguinte através das palavras escritas errantes de Miguel Cervantes¹⁷⁴:

¹⁷³ FOUCAULT, 1985, p 63,65.

¹⁷⁴ CERVANTES I, 2005, p.430,431.

Ó minha doce esp'rança,
Que, afrontando impossíveis na verdade,
Prossegues sem mudança
Na senda que traçou tua vontade,
Conserva ânimo forte,
Inda que surja a cada passo a morte.

(...)

Cousas quase impossíveis sempre alcança
Quem emprega porfias amorosas.
Com firme confiança
Sigo eu do meu amor as mais dificultosas.
E nem sequer me aterra
Ter de ganhar o céu, estando na terra.¹⁷⁵

¹⁷⁵ Esta canção foi composta por Cervantes e musicada por Salvador Luís, cantor da capela de Filipe II, em 1591 na Espanha.

Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural: 1988.
- ANTOÑANZAS, Fernando Torres. *Don Quijote y el absoluto: alguns aspectos teológicos de la obra de Cervantes*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca – Caja Duero, 1998.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1990.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- _____. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERNARDO, Gustavo. *Verdades Quixotescas*. São Paulo: Annablume, 2006.
- BLECUA, Jose Manuel. *El Quijote el la historia de la lengua española*
- IN: CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de la Mancha* (edición del IV centenario). Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Tempo vivo da memória*. Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- _____. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- _____. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- CERVANTES, Miguel de. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. (Vicente Gaos). Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- _____. *Dom Quixote*. Volume I. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.
- _____. *Dom Quixote*. Volume II. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.
- CHARTIER, Roger. *La Europa castellana durante el tiempo del Quijote. Espanha en Tiempos del Quijote*. Santillana, 2005.
- CICERO, Marco Tulio. *Da velhice e da amizade*. São Paulo: Cultrix, (s./d.)
- DAMÁZIO, Reynaldo. 'Andamentos em português'. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007, p.76-83.
- DUQUE, Félix. *Arte público y espacio político*. Madrid: Akal Ediciones, 2001.
- ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.
- FIORI, Ernani Maria. *Textos escolhidos: Educação e política*. v. 2. Porto Alegre. L&PM, 1991.
- FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar*. São Paulo: Discurso Editorial, Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- _____. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FORTUNA, Carlos. 'As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias.' In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 12, nº 33, fev.1997.
- FUENTES, Carlos. *Este é meu credo A/Z*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *La crítica de la lectura*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1994.
- GADAMER, Hans-Georg. *Estética y hermenéutica*. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.
- _____. *Arte y verdad de la palabra*. Barcelona: Paidós, 1998.
- _____. *Verdade e Método I Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. São Paulo: Editora Vozes, 2003.
- GÓMES, Carlos Fernández. *Vocabulário de Cervantes*. Madrid, 1962.

- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERNÁNDEZ, Francisco Martí. 'Metáfora y religión en el Quijote' In: *Actas del II Colóquio Internacional de la Asociación de Cervantes*. Madrid: Anthropos, 1991.
- KLEIN, Remí. 'Educar para a sensibilidade solidária: interface entre Ensino Religioso e literatura infantil.' In. *Ensino Religioso: diversidade e identidade*.
- KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos (Org.). São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.
- _____. 'O lugar e o papel das perguntas no processo educativo-religioso.' In: SCARLATELLI, Cleide, STRECK, Danilo, FOLLMANN, José Ivo (Org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 157-168.
- KRAMER, Sônia. Educação a contrapelo. In. Revista Educação – Especial: Benjamin pensa a educação. São Paulo: Editora Segmento, março 2008, p. 16-25. (Biblioteca do professor 7)
- LOPES, Marcos Antônio. 'Virtudes de um outro mundo'. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007, p. 6-17.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*. Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MARAVALL, José Antonio. *Utopia y contrautopia en el Quijote*. Santiago de Compostela: Pico Sacro. 1976.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. 'Rumo a uma história visual.' São Paulo: Novaes, 1977.
- MUHANA, Adma Fadul. 'Melancolia da épica'. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007, p. 66-75.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*, Madrid, 1987.
- RIVERA, Alicia Marchant. *Literatura e História de la cultura escrita: prácticas bibliófilas y escriturarias en El Quijote de Cervantes*. Málaga: Servicio de Publicaciones Universidad de Málaga, 2003.
- ROCHA, Fabio e MACEDO, Silvio Soares. *Praças Brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2002.

- ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.
- ROSA, J. Guimarães. O espelho. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- VIEIRA, Maria Augusta da Costa. 'O engenhoso Miguel de Cervantes'. In: *Revista Entre livros, entre clássicos* (3), São Paulo: Duetto, 2007, p. 18-31.
- VILANOVA, Antonio. *Erasmus y Cervantes*. Barcelona: Editorial Lumen, 1989.
- WEBER, Hermann. 'Mémoire culturelle et réconciliation'. In: SOHN, Andreas. *Memoria: Kultur – Stadt – Museum. Mémoire: Culture – Ville – Musée*. Bochum: Wickler, 2006, p. 171-185.

Anexos

Escola Superior de Teologia
Mestrado na área de concentração Religião e Educação

Termo de consentimento livre e esclarecido

Estou realizando meu trabalho de mestrado e gostaria de contar com sua participação numa pesquisa sobre narrativas de religiosidade. Pretendo investigar especialmente a função da narrativa e da religiosidade no processo de aprendizagem de jovens e adultos. Sua participação consistirá em responder a um conjunto de questões. Todas as informações que você prestar serão de uso exclusivo da pesquisadora, que zelará pela confiabilidade e fidedignidade dos dados. Sua participação é voluntária e você poderá desistir da pesquisa quando quiser, devendo somente comunicar a pesquisadora. Caso você tenha dúvidas sobre a pesquisa, a pesquisadora estará à disposição para lhe orientar. Em aceitando participar da pesquisa, após tomar conhecimento das informações acima, você deverá assinar este termo de consentimento livre e esclarecido.

Pesquisadores responsáveis: Marielle de Souza Vianna

Prof. Remi Klein

Contatos: 51 81872314

Nome do entrevistado:.....

Assinatura:.....

Data:.....